

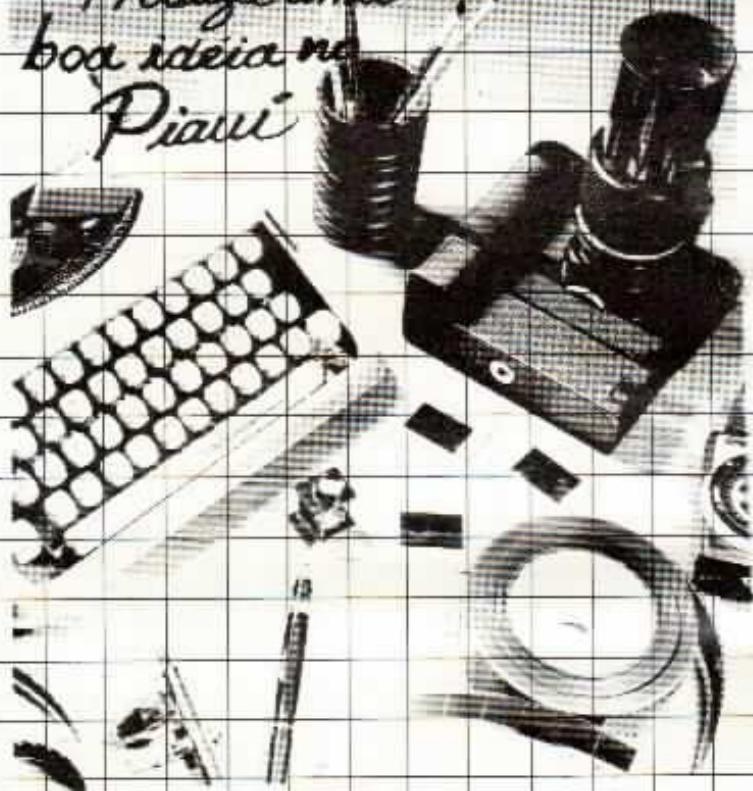
ÓRGÃO DA SECRETARIA DA CULTURA, DESPORTOS E TURISMO DO PIAUÍ
ANO IV — N° 7 — MARÇO / JUNHO 1983

RESENHA



DAVIS MOYRA
Neste mês
aniversário de 100 anos

*Produza uma
boa ideia no
Piauí*



Antes você precisava sair do Piauí, acompanhar a revelação de um filme, fazer montagem fora, pedir preços pôr telefone DDD ou DDF, subir no avião, descer de avião, despachar, enviar dinheiro pra outros estados.

AGORA, NÃO!

- Filmes em 16 e 35 mm
- Jingles
- Spots
- Polhetos /olders /Mala-direta
- Our-Doom (Crise e Crise = lembraria)
- Câmeras
- Áudio-visual
- Painéis fotográficos
- Projetos de comunicação e publicidade:

Tudo a sua disposição AGUL NO PIAUÍ, sem representações fora ou de fora e nem intermediários. É gente de casa trazendo dinheiro pra terra.
ARVORE PRODUÇÕES

ARVORE

Propaganda

AREOLINO DE ABREU, 2091 FONES: (086) 222-2507 e (086) 222-9428

Presença

nº 7

março/junho 1983

Ao Leitor

Eis o sétimo número da nossa revista, que assinala uma das manifestações de nossa presença no panorama cultural piaulense.

Embora de roupagem nova, permanece, de forma inéquívoca, seu compromisso inicial: ser um veículo aberto àqueles que, novos ou veteranos, busquem espaço ou queiram abrir caminhos no mundo das letras e das artes.

Expressa-se, neste particular, nosso propósito de traduzir em ações efetivas a ideia de democratização da cultura.

Democratização que pressupõe a arregimentação da comunidade na produção e fruição dos bens culturais.



Democratização, por outro lado, que ao condenar a censura de caráter nitidamente político, também repete o patamarismo ideológico, uma e outra manifestação deletéria da intolerância e do monopólio, sempre intitularias.

Fazer ou viver cultura, só com liberdade

Dai o clima de liberdade que exprime o conteúdo desta revista. A exemplo das demais ações da Secretaria da Cultura, Desportos e Turismo, na atual gestão, como o II Salão de Humor do Piauí e o próximo Concurso de Contos "João Pinheiro", certamente.

Os editores

PRESENÇA

Órgão Oficial da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo

Editor-in-Chief: Estado do Piauí
HUGO NAPOLEÃO DO REGO

Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo
JESUALDO CAVALCANTI BARROS

Presidente do Conselho Estadual de Cultura
BENJAMIN DO RÉGIO MONTESINO NETO

Editor: **LENA MONTEIRO DE CARVALHO**
Editor: **ERNANI NAPOLEÃO LIMA**

Conselho Editorial

O. dr. Régio de Carvalho
Francisco Miguel de Moura
Antônio Teixeira Nunes

Revisor

Kennedy Krud

Doutor Lúcio Viana
José Elias Martins Arêa Leão

Secretaria

Sônia Maria Setúbal Cunha e Silva
Composição, fotografia e impressão:
Grafica e Editora Alânia

Planejamento gráfico:
Convergência Publicidade e Comunicação
Social Ltda.

Coordenação

Arnaldo Albuquerque, Gilbert Chaudanne,
Edison Geymon C. B. Barbosa, Viriato
Campelo, Francisco Miguel de Moura,
Noel Mendes de Oliveira, Pe. Matusalém
Souza, Dagoberto Carvalho Jr., Geraldo
Brito, M. Conceição S. M. Lage,
Wellington Lage, Fernando Campos,
M. de Fátima Campos, Paulo Campos

Endereço da redação:
Av. Miguel Rosa, 3.300 - sul
Fone: 223-4656 - 223-4657

Preservar e respeitar aquilo que é de valor.
Reservados todos os direitos dos autores.

Cartas

Capacidade inovadora

Acabei de ler "Presença", número de setembro - número do ano passado.

Creio incontentado com a boa qualidade um mestre apresentando e seleção de textos.

Espero que a publicação não sofra escasso algum e continue expressando sua esplendida vocação.

Prof. Eduardo Campos
Fortaleza - CE

Florescência

Chegaram aqui os livros de Oliveira de Moraes e Heitor Villa-Lobos e o roteiro "Presença". Fico encantado ver a cultura cultural do Brasil em estado de florescência.

Tomei nota do seu convite para colaborar em "Presença" mas sou um autor de gênero, sór de novo que nesse o penso publicar. Estão guardadas algumas crônicas, para posteriormente que o tempo não dê o fôlego. O fôlego é ilusão existencial.

Carlos Drummond de Andrade
Rio de Janeiro - RJ

Chover no molhado

Recebi o número 6 de "Presença". O título lhe corresponde. Marca presença mesmo, e realça. Sóri, até chover no molhado, dizer que não é drama, mas sim papel de morte escrita, de carcaranagem. Inspiração, aquela conceitura do mestre Tito Filho é sensacional! Gente fina é só o P. m?

Juão Aragão
Médico e escritor
Nilópolis - RJ

É o primeiro número que recebo de "Presença". Gostei muito da publicação: conceito gráfico, apresentação e trabalhos publicados. É o melhor de tudo; a entrevista com o prof. Tito Filho, Magnífica, admira-se como a sua própria pessoa.

Os comentários exaltados e concordam justos.

Ribeirão Ribeiro
Escritor
Fortaleza - CE

Recebi "Presença". Magnífica edição, que reflete bem a inquietação e o encontro cultural dos intelectuais do Brasil. A entrevista com Tito Filho está ótima, tão ao apresentar de corpo inteiro.

O depoimento de H. Dornel é concordante. Excelentes os trabalhos.

Renato Castelo Branco
Escritor
São Paulo - SP

Professor Tito Filho

Bonita revista vocês me enviam.

E acho que Tito Filho se animou demais respondendo às minhas muitas perguntas ignoradas.

Lycurgo Santos Filho
Presidente da Academia Paulista de Letras
São Paulo - SP

Queremos deixar registrado que o professor Lycurgo Santos Filho, que Paulínia tem o orgulho de ter, nasceu na Vila de São Pedro - Rio Grande do Sul, 1900, na Terra do Pão - Caxias do Sul. Por favor, se estiverem em São Paulo, visitem o seu museu.

Índice

História
Documentos importantes que o Brasil esqueceu.
Pág. 12

Ensaios
Pessoal da era
Invencível.
Pág. 19

Entrevista
Jesualdo Cavalcanti
mestre das
"ferrenhas"
de marcelo.
Pág. 14.



Turismo
O Brasil visto
por quem o conhece.
Pág. 22.



Humor
Com a apresentação
de 240 folhetos,
o II SALÃO DE
HUMOR DO BRASIL
mostrou a
a la qualidade do
humor brasileiro.
Pág. 30.

Ponto de vista
Análise de uma das
bases do Ativismo.
Pág. 17.



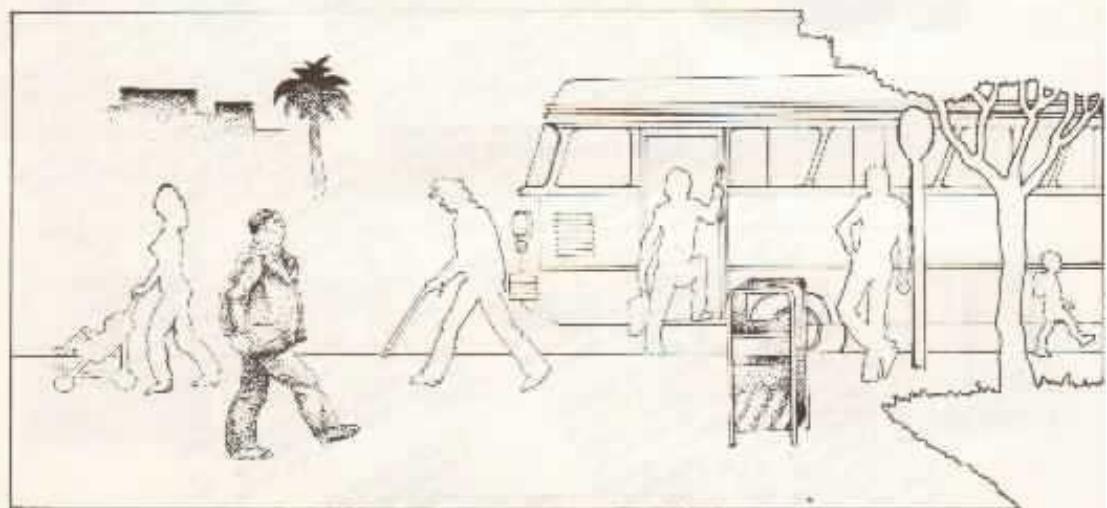
Música
Um pouco das bases da
música pernambucana.
Pág. 46.



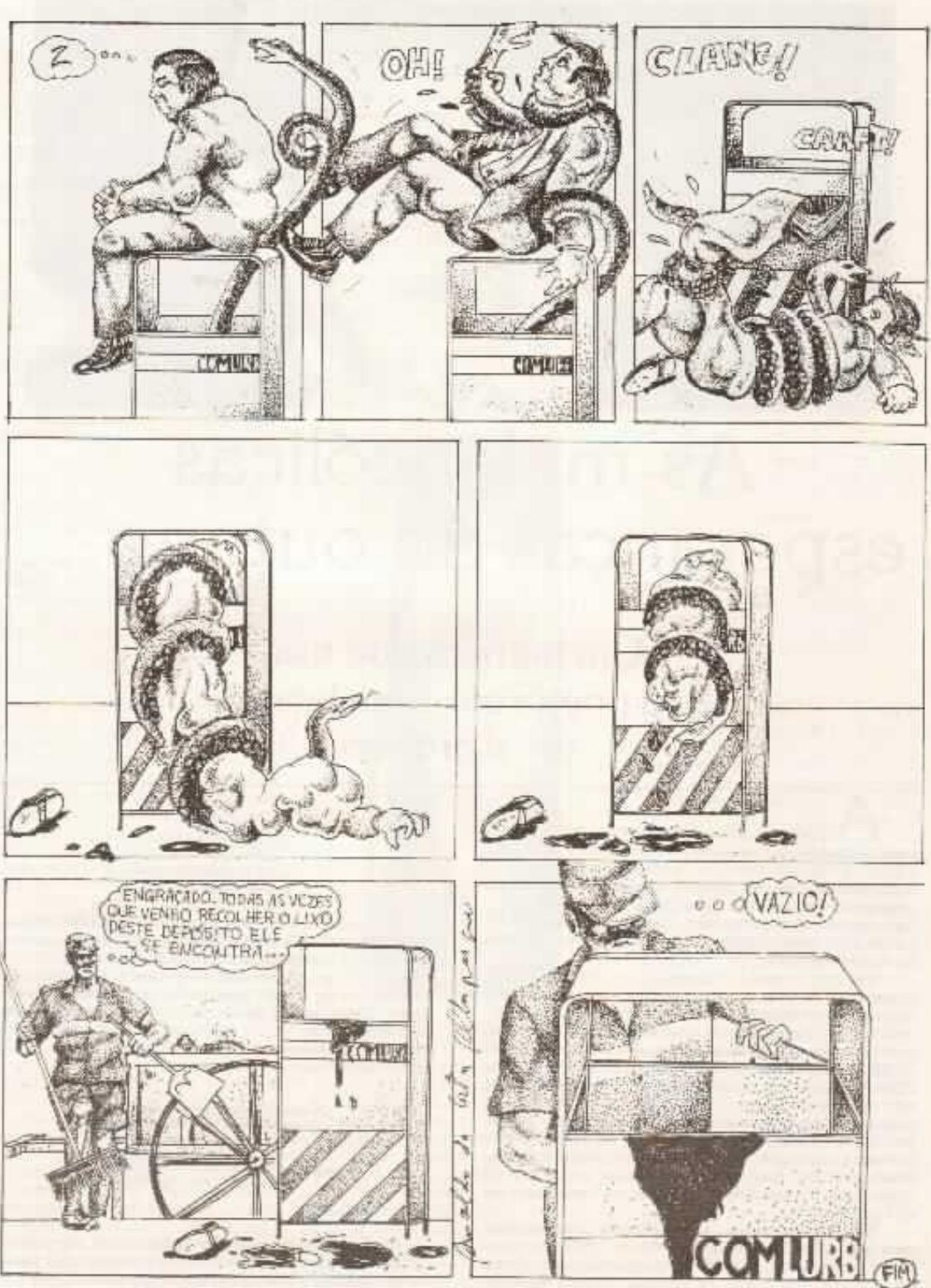
Quadrinho



Antônio Albuquerque



Quadrinho





As melancólicas esperanças do outono...

Um homem que usa
a poesia até para falar
de si próprio

Ah! falar de mim: é como se eu me colasse como a imagem de dois espelhos contrapostos, até o infinito, ou, então, não dizer mais, embora falando muito. A censura que nasceu conosco (talvez com a placenta) nos impede de dizer tudo. Falar é fácil; dizer é difícil. Vamos tentar não apenas falar, mas dizer, o que possivelmente seria uma biografia emocional posta em amostra aos leitores curiosos.

Não direi biografia, depoimento fica melhor. O depoimento nos leva a uma posição mais substantiva, porque não procuramos estabelecer uma sequência biográfica, mas aproveitamos aqueles cortes dramáticos, para nós mais significativos. Assim, deixaremos de representar e passaremos na medida do possível: a ser. Coisa difícil pois o homem quase sempre outra coisa não faz na vida senão representar. É o grande ator da história e as suas máscaras limitam a verdade muitas vezes, outras, porém, delimitam em nossa geografia de ação. Não foi por outra razão que Oscar Wilde (permitem-me citá-lo) disse certa vez que "o homem quase nada nos diz quando fala em seu nome; dém-lhe uma máscara e ele dirá a verdade".

Nasci de oito meses. Talvez excesso de curiosidade para ver o mundo, em 10 de junho de 1925, em Amarante. Impaciência da qual me arrependo hoje. Depois só saber que era do signo de Gêmeos, embora não escrevendo em signo fiz uma quadra:

Sou do signo de Gêmeos
por isso tenho duas casas
e todos dizem me amargulham
Querendo que eu seja Deus

Quando eu tinha sete meses saímos de Amarante e fomos morar em Salvador. Esta fase um tanto esquecida e um tanto fantasiada vai até 1934, quando meu pai é transferido para Teresina e voltamos ao Piauí. Foi quando eu fui levado para conhecer os avós em Amarante. Tomei um verdadinho pôrte da cidade. A gestação inconsciente de "Argila da Memória" tem os seus elementos fundamentais nessa época. Daí a marca dramática do tempo evanescente:

Nas porcos da zôzâde hóusava mansas.
Numa nasceu o pai. Noutra morreu
o avô patrônico. Sempre estivemos
em qualquer parte. Ali uns coloca-
mansa que vinha an quarto com o seu liberto
cheio de latte para o apimentado.

Foi quando me encontrei com a cidade, os seus mistérios e as suas permanentes perplexidades. Fui passar uma semana e passei quase um ano, perdendo matrícula no Diocesano, o diabo.

Depoimento

É desta fase o enraigamento emocional com Amarante e que irá se projetar, muito tempo depois, eu já em São Paulo, procurando pólos de memória e de apoio emocional. As lembranças reapareceram, adquirindo significado, formando o universo poético emocional que me alimentou como combustível telúrico. Foi uma cidade quase utópica e fluente na minha memória (sem existência geográfica) que determinou os versos do "Argila da Memória". Mas, estou me antecipando, para explicar os aliores da minha poesia evocativa. Depois de Amarante, mais cerca de dois anos em Teresina, poucos amigos, eu sempre doente. Lembro-me do Colégio Diocesano, mas tudo muito esfumado pelo tempo. A fixação foi mesmo Amarante.

Meu pai deslocou-se em 37 para Natal e lá vou eu. Novas amizades, as primeiras interrogações sobre as coisas do mundo. Fundação com outros garotos de um Centro Cívico Literário que seduziu um bingo com os irmãos maristas, dos quais, éramos alunos. As primeiras dúvidas e o primeiro perdecer por elas. O mundo religioso começou a brigar conigo: eu o achava fantasmagórico (o que me atraía), mas muito dogmático o que me afastava. E foi por ali que eu fui dando adeus à minha possível religiosidade.

Em Natal torno contigo com outro fato que irá marcar muito a minha juventude: o triste da 2ª Guerra Mundial. Sim, ali estava de novo a Humanidade se agredindo por uma nova divisão do mundo e engendrando os símbolos como se lutasse por elas e não por interesses concretos e muitas vezes sujos. A nossa grande simpatia era a França: aliança de contas, quase tudo o que fomos na época vinda daí: Zola, Anatole France, Balzac, Victor Hugo. Ficavamos com bandeirolas, acompanhando o conflito num mapa publicado pela Revista Semana. E nos transferímos em intrépidos queretos ou maliciosos estrategistas capazes de salvar a França das garras dos alemães.

Vai daí somos cumplicados a voltar a Salvador para tratar de saúde do meu irmão. E é quando o outro lado me shala desta vez dramaticamente, de forma desesperadora: a queda de Paris.

Ninguém podia supor que a Cidade Luz, o berço da cultura ocidental, um dia fosse ocupada pelos nazistas. Ficavamo-nos ate de madrugada procurando explicações, justificações. Muitos diziam que aquilo era apenas um ardil dos alemães para pegarem os alemães desprevenidos. No entanto ali estavam os ja-

tos: reação do rei Leopoldo da Bélgica, Dunkerque, ruptura da linha Maginot... e a capitulação infame de Pétain e dos colaboracionistas. Vimos então que a França não tinha apenas luz, mas a sordidez dos interesses, o vinho venenoso da tração.

Ora, na minha formação dois blocos de influências preponderavam: o primeiro foi o dos poetas e escritores da guerra civil espanhola: Lorca, Hernandez, Antônio Machado, Alberti e nordestão Pablo Neruda. O segundo bloco foi composto pelos poetas e escritores franceses, com algumas exceções como Maïakovski. Lemos na época Eliard, Aragon, Anatole France, Roger Martin du Gard, Romain Rolland e nos extasiávamos com as suas grandes frases: "Crian é maior a morte", etc.



De repente tudo isto acaba como caixas feitas com cartas de batalha. A nossa atividade universitária passa a ser de militância política, comandando com a exigência do Brasil entrar na Guerra. E é neste convulso de uma geração angustiada que os soldados de milhares de jovens vão se diluir de encontro aos internos. Queríamos "um mundo melhor", na nossa ingenuidade de humanistas utópicos. Muitos foram para a Itália para de lutar em seu sonho. Alguns voltaram, outros ficaram lá, olhando as entressaias de boca aberta sem passaporte de regresso.

Uma coisa tínhamos medo: encarar de frente a verdade.

Internamente o Brasil ainda estava sob a guante do Estado Novo e Getúlio fazia demagogia, tentava equilibrar-se numa corda bamba cada vez mais perigosa. Os alaços, por outro lado, cozinhavam a Segunda Frente, jogavam contra os soviéticos, só que vem o grande impacto da segunda grande guerra: a vitória de Stalingrado. Stalingrado foi para todos nós um reencontro com o sonho. E voltámos às ruas e às passeatas. Por outro lado, eu fazia uma poesia ridículamente engajada, da qual não guardei nenhum exemplar. Publiquei em um jornal de liberdade, através do poeta Sosigenes Costa, um poema intitulado: "Poema para a reconstrução de Stalingrado". Parecia que a opção voltava e com ela os grandes devaneios de um mundo melhor.

Fazendo um livro de poemas sólido médio "Século XX" fruto dessa perplexidade e dessa alcova de emoções que caia sobre nós. Dizia num dos poemas:

Há o movimento despertado das águas-marinhas gloriosas
refletidas nas olhas e nos cérebros negros e
molhados da paixão que lhes
descansa o seu fute no colo fundo
e acolhedor de alegria nascença"

Quanto otimismo... pensava mos numa manhã eterna a partir do final da hectarombé; não acreditávamos que aqueles milhões de cadáveres jovens tivessem sido sacrificados em vão. E queríamos um mundo sem noite e por isto nossa poesia era otimista e... desengajada.

Aproxima-se o final da guerra e esquiro olhando a vida de frente. Passo a ver a realidade universitária, dedicando-me à pesquisa acadêmica sobre o negro, iniciamente sobre seu mundo religioso e depois sobre a sua situação social. De interesse acadêmico o assunto passou a ser uma das preocupações principais da minha vida. Salvador estava muito varia para mim (depois de uma temporada em Juazeiro da Bahia) e consegui a sondar com São Paulo. Muitos dos meus colegas já haviam seguido rumo ao El Dorado. Em 1950 participei de um congresso de escritores e conheci muitos dos "pais" do sul: Graciliano Ramos, Alfonso Schmidt, Caio Prado Júnior, José Geraldo Viana... e incomodado para viajar o sul me chamava.

la me esquecendo de um deta-
he: em Natal, criamos um jornalino intitulado: "O Príncipe" e em Juazeiro outro intitulado: "Jacuba";

Depoimento



amor, circularam apócrifos três títulos. Mas, com isso eu me sentia jornalista e acreditei que no ambiente paulistano as coisas eram ser como eu pensava.

Durante esse tempo eu trabalhava muito. Em 1942/3 escrevi um romance intitulado "A Árvore amazônica". Nele eu colocava muitos grandes sonhos destruídos por pesquisas que fazem verdadeiros discussões filosóficos. Em 48, terminei um outro intitulado "O Príncipeus", onde as preocupações sociais e políticas de minha geração voltam à lâmina. Interessante é que o romance dividir-se em três partes: Céu, Mar e Terra. Um dos personagens, ligado à política, terminava justamente em Amarante, onde morria. Mas a grande produção era poética e da sociologia. Tinha um trabalho sobre conceito de cultura, inédito e antropologia cultural e me loco definitivamente no tema do negro.

E neste momento de ebúrgio que viagei para São Paulo. Ai é que começaram a florescer novamente as lembranças de Amarante.

Cheguei a S. Paulo. Tudo mudou quando vim para São Paulo tem poucos dias de pensamento e estudos. Havia deixado em Salvador os sonhos da juventude, dois novados ilustrados e a minha biblioteca. Amigos poucos, muitos quais, por diferenças ideológicas, iam se afastando. Os amigos da juventude

terminavam, todos precisavam se situar na vida; ali é se entregar no engrenagem.

Não houve deslumbramentos iniciais, apenas uma pequena certeza, amparada pelo desafeto de si mesmo: não era mais o gêneroário da "turma da Boa Viagem", que diziam Freud, Havelock Ellis, Marx, Du Khaim, Malinowski, e R. Linton vinte anos atrás disso, ver descrito em São Paulo. As precondições foram sobrepujadas. Era apreensão com o futuro e mais que visava perder sua força de trabalho no setor paulista. Seu mundo em São Paulo é o mesmo que ser chicano no Texas. Fosse a si um nome sem identidade ética: o termo genérico designava todos e cada um das suas raízes. E nos transformamos no homem sociológico mente de Stonequist.

De Jorge Amado seu orgulho é escrita de minha poesia elaborada nesse período quando diz: "dou a vocês o segredo de sua poesia: o canto de São Paulo na hora do referente que chega batido pela nécessidade e se incorpora à aventureira vida paulista e não vive sua experiência da luta, desespero e esperança".

Mas, se toda poesia queria estabelecer essa simbólica: é latente o meu primeiro livro: *Rebelião de Senzala*, resultado de pesquisas matutinas, da elaboração paciente de um piano teórico de muito trabalho. Fico supondo que este é o resultado da reflexão do livro, acreditado no seu texto e no meu trabalho, no entanto ele passa completamente despercebido. Eu não havia conseguido penetrar na república dos iniciados e o livro, exetuando-se algumas comentários, é ignorado por todos. Somente muito depois ele é resultado a si do esquecimento. Mas essa indiferença fuiro não deu desespero mas da incapacidade.

Depois vieram os encontros e como já estava vitimado ao jornalismo, tive as lojas e os elogios de críticos e dos imparadouros. Esses são homens que se julgam capazes de destruir e fazer reputações. Juizam-se capazes porque ninguém os é. Ninguém compra livros no Brasil por indicação desses servidores.

Hoje sou pai de quinze filhos, todos me dando muito prazer.

Fomos quatro livros curtos, sombrios e malditivos. Os de jarda e os de poesia, todos são filhos queridos, talvez com uma certa predileção pelo primogênito.

A geração de "Angela da Mauá" surge, sistematicamente, no momento em que o bolso procura as suas novas elucras para se alistar. O livro é publicado em 1944, mas os poetas que o compõem são bem anteriores. Foi um certo período da necessidade de um encontro com a natureza e o seu mundo mágico mais só, também, um livro de auto-affirmação humana. Somente quando desce de ser o bolso para ser o filho de uma geração um pouco infértil para muitos, consegui o reencontro com a vida. Daí a importância que tem, pois não representa apenas o momento de reencontro com a infância, mas o momento de, através dela e do seu mundo muitas vezes mítico, e talvez por isso mesmo, o poeta se reencontra com os seus sentimentos. Pois a catástrofe, deflagrou em mim um ressôlo de emoções arquivadas e misteriosamente normalizadas no seio de São Paulo.

Os outros livros vão surgindo e não vou enumera-los. Chegando a descer a rampa dos cinquentos e me preparando para subir a ladeira dos sessenta, me pergunto se valerá a pena eu ter vivido e respondendo afirmativamente. Como homem particular casei-me com uma companheira que sabe compreender as inquietações existentes dos intelectuais... e nasci uma filha que encontrou na História um elo de ligação ativa e mais com o pa. Resta apenas, agora, fazer um balanço dos erros e dos acertos, retificar, corrigir. Não, nisso disto. Se tivesse de cometer tudo de novo, começaria por onde iniciar, talvez se anexando mais alegria.

Adoro acreditar no Homem, na sua força transformadora. Mesmo no fundo de uma certa guerra, ainda assim, acredito nele. Creio que haverá, ainda, um mundo de pa e rosas no qual a posse de Lorch se repetirá como em refão: "Que se cumpla la voluntad de la tierra que da sus frutos para todos."

LER É CULTURA

**Escritório
Regional:**

Rua Coelho Rollinger, 2.030

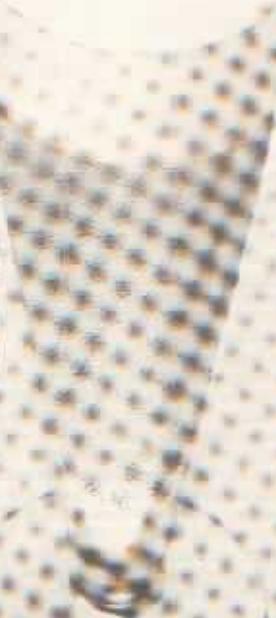
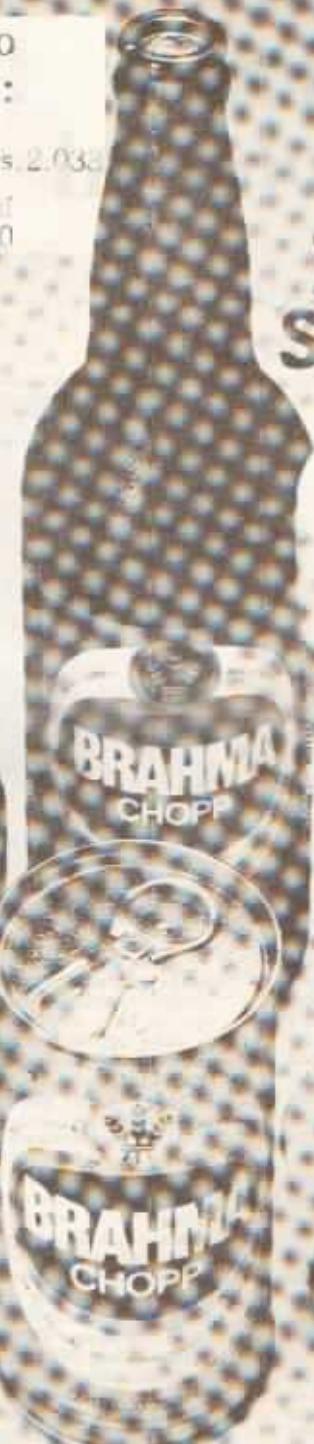
Teresina - Piauí
fone: 223-4060

**CERVEJA
NO BRASIL
SÓ BRAHMA**



**PONCION
RODRIGUES E CIA.
LTDA**

A. Maranhão, 71, 81 - 891
fone: 22-5862-2873



**DISTRIBUIDORAS
CHAGAS BARRETO
DO PIAUÍ LTDA**

Avenida Pará, 579
fone: 223-4766; 4767

O Piauí Provincial

Considerações historiográficas

por Osvaldo Lemos
escritor e pesquisador bibliográfico

A documentação histórica piauiense é um dos patrimônios similares mais ricos do país, infelizmente, na mesma grandeza, um dos mais omissos e derretidos.

A única reparação que julgamos necessário fazer é que não estamos relegando, assim, o esforço solitário de uma dezena de mártires que, premidos pelos maiores sacrifícios e incompreensões firmaram em suas obras as ainda irrisórias contribuições hoje ostentadas como fonte explícitas da nossa história.

Irissórias não na qualidade, mas na quantidade, é justo esclarecer, pois foi graças à incontestável qualidade do pouco que tivemos que salvarmos a nossa dignidade perante aqueles que buscam as nossas raízes e a nossa evolução no processo civilizatório brasileiro.

A relevância do aspecto quantitativo da nossa documentação político-parlamentar no período monárquico é o ponto axial do presente artigo. Antes, porém, de delinearmos tais apreciações, por mera ilustração, lembramo-nos somente nos arquivos do Ministério das Relações Exteriores guardam-se, inéditos, um farto dossiê sobre a Liga das Nações e outros documentos concernentes à participação do Chanceler Félix Pacheco na política brasileira de relações exteriores, durante o governo do Presidente Artur Bernardes. A vinda à luz desse dossiê destacaria a expressiva contribuição da inteligência piauiense num dos momentos mais difíceis da vida da República Velha.

A memória historiográfica do parlamento brasileiro emaria de quatro estágios distintos da representatividade política, abrangendo cerca de 156 anos vividos desde a expedição das cartas imperiais para a composição da Câmara Alta do Parlamento Brasileiro até os presentes dias.

A participação dos Deputados brasileiros, em 1821, junto às Cortes Gerais e Constituintes Extraordinárias da Nação Portuguesa - as cores de Lisboa, como eram mais conhecidas, comportaram apenas, a parte prologal do longo estudo da nossa representatividade parlamentar. Não consideramos suficientemente intensas nem consolida-



das as atividades parlamentares luso-brasileiras entre o período de abertura daquele Congresso, em 26 de janeiro de 1821, a setembro de 1822. Mesmo que o Piauí se tenha feito representar junto às Cortes, através dos Deputados Miguel Borges e Padre Domingos da Conceição, este, suplente de Ovídio Saraiva, homens de caráter e erudição a toda prova, pouco se produziu que merecesse maior relevo.

Um levantamento documental da parlamentaridade ao período imperial, nos revelaria o complexo de atividades políticas, sociais e econômicas que, de certa forma, sedimentaram, naquele período, a nossa consciência de legitimidade nacionalista e abrangente, apenas nos Anais do Senado de 1826 a 1889, o conteúdo de 241 volumes, com 201.767 informações, praticamente desconhecidas até da minoria seletiva que forma o conjunto dos mais argutus, operosos e privilegiados pesquisadores da história do Brasil.

Entre 1826 e 1889, 229 senadores passaram pelas curulas vitalícias da Câmara Alta do Parlamento Brasileiro. Sessenta e dois anos e dez meses, pois, duraram as vinte legislaturas do Senado do Império. Durante tal período a Província do Piauí esteve representada por três senadores de excelente desempenho: de 1826 a 1851 pelo baiano Luiz José de Oliveira Mendes, o Barão de Monte Santo; de 1853 a 1864, pelo fluminense Joaquim Fran-

Francisco Viana, o Conselheiro Viana, e de 1866 a 1889, pelo plenário do João Lustosa da Cunha Paranaíba, o Marquês de Paranaíba. Nesses sessenta e poucos anos a Província do Piauí logrou a vice-presidência e a presidência do Senado, com o Barão de Monte Santo, por quinto anos; o Ministério da Fazenda, com o Conselheiro Viana, por mais de um ano e, com o Marquês de Paranaíba, os ministérios da Justiça, da Guerra, dos Estrangeiros, da Fazenda e a Presidência do Conselho de Ministros. Cabo lembrar que o Ilustre Conselheiro Francisco José Furtado, de Quires, foi Ministro da Justiça no Império, mas suas atividades políticas foram, em toda a sua vida, exercidas representando a Província do Maranhão.

É de se convir, com seguranças, que nesse longo e agitado período da história brasileira muita crise foi a viver levara por nosso Intendente. Não obstante subordinar a extensão do conhecimento dos nossos lumiáres, nos clivaramos que daí persistiu o que a nossa gente anche representava nesse território, já levava sido objeto de estudo antroco, mesmo pela minoria dos pesquisadores e historiadores brasileiros.

Quem conhece, por exemplo, os 1.348 discursos daqueles três juntados pelo Piauí, todos abrigados com mestria os nossos mui-

prentes acontecimentos sociais, políticos e econômicos daquela época? Podemos, com segurança, assegurar que quase ninguéum.

Nesse prodigioso encerlamento, também, todos os pronunciamentos feitos pelos mesmos 30 deputados provinciais, muitos deles da mais alta importância, como os do Deputado Coelho de Resende, na célebre questão com o Coronel Cunha Matos. Aquela questão trazia formando-se no marco fundamental da nossa ligação com o advento da República, por meio do certo de participação, mesmo incidental e reacionária, da Província do Piauí numa das más graves crises militares de 1889 que minaria, definitivamente, o encerlamento do sistema penal brasileiro. Os dados existentes e a historiadora Hélia Viana, chegou mesmo a considerar o questão militar como num fotogênico quartel da infantaria de nossa Província, como o estopim da queda do Império. Se verificarmos, pertinente, os factos documentados da época, atinente ao juiz desse autor.

Por estes e outros motivos é que, preocupados, nos perguntamos: o que fazem ou o que pretendem fazer os bacheiros em História, oriundos da nossa universidade, a que propostas neles infundiram os ensinamentos relativos à preservação, à



pesquisa e à difusão da nossa história?

Por questão de ordem, não nos surpreenderemos, também, em 93 anos da tese histórica polêmica publicada, não prometendo abdicá-la, da melhor forma possível, em nossa memória.

GOVERNO HUGO NAPOLEÃO 1983/86 NOVOS TEMPOS O FUTURO APENAS COMEÇOU AÇÃO DO INTERPI

O Instituto de Terras do Piauí - INTERPI, após dois anos de criação, já entregou aos pequenos produtores rurais piauienses responsáveis por 80% do produtividade no setor primário, 7.000 documentos de situação de propriedades, correspondentes a 227.673 hectares, proporcionando o acesso ao crédito rural orientado e igual número de posselhos, contribuindo de forma definitiva para a fixação do homem no campo, como pequeno proprietário, e para a elevação dos índices de produção e de produtividade de suas lavouras.

A metade do INTERPI, até o final do Governo HUGO

NAPOLEÃO, é integrar um processo produtivo, mais 3.000 pequenas propriedades, ou seja, 1.700.000 hectares, o que adicionado ao já realizado deve ultrapassar os dois milhões de hectares, praticando assim uma das maiores reformas agrárias de todos os tempos, e, o mais importante, sem traumas para a sociedade piauiense em geral.

Assim, aconselhamos: "não compre nem ocupe terras públicas estaduais, sem antes ouvir o INTERPI". Em Teresina, na Av. Frei Serafim, n° 2.165, Fones 223-4985, 223-4933, 223-4934, ou nos Escritórios de Representação em Detras e Corrente.

Entrevista



Jesualdo Cavalcanti

Presença: O Ex-Ministro Eduardo Portela, quando em função, dizia estar Ministro e não ser Ministro. E o Sr., em relação à Secretaria?

J.C.: O Ministro Eduardo Portela, da pasta da Educação e Cultura, ao chegar essa frase, quis sinalizar que seu destino, o comando das ações de seu Ministério, Ocupava o cargo mas não o exercia plenamente.

Ele se vê que não tem o meu caso, pois o Governador Hugo Napoleão, ao convidar-me para a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, faz questão de manifestar seu interesse em que eu assumisse efetivamente o comando de todas as ações do órgão, inclusive no tocante às entidades de administração indireta, como PIEMTUR, FAGEP, etc.

Lá dele, em que pese a política de contenção de despesas que foi levado a adotar, tendo mostrado total apoio. Está claro que não faltou pa-

cer, está fazendo o dinheiro, aliás carência de que todo brasileiro se queixa nos dias de hoje.

Como nós temos dinheiro, aprendemos a mijar dos bares

Presença: No cômputo geral da Administração Direta, como se situa a Secretaria de Cultura, em termos de prioridade do Exmo. Sr. Governador?

J.C.: O Governador Hugo Napoleão é um intelectual que, segundo o mestre A. Thó Filho, a Política trouxe à história. Antes de ingressar na política já havia publicado "Folha de História do Piauí". Certo homem voltado para os valores do espírito, seu governo tem como uma das prioridades a busca da identidade cultural do Piauí, o que se pretende fazer mediante o incentivo às pesquisas básicas e à criatividade artística, apoio às instituições nesse interessadas (Academia Piauiense de

Letras, Teatro Amador, Institutos Históricos, etc.), valorização do artista e escritor local, preservação do patrimônio histórico/archeológico, dinamização do Plano Editorial, etc.

Presença: O que o Sr. tem a dizer sobre a reforma administrativa que vinculou a FAGEP, Fundação de Assistência Geral aos Desportos do Piauí, e a PIEMTUR, Empresas de Turismo do Piauí, à Secretaria? Foi bom?

J.C.: A reforma seguiu a tendência de unir uma área integrada em áreas tão altas e interconexas, como a cultura, o esporte e o turismo. Bem examinado o assunto, diâmetro que o sentido de cultura foi ampliado e enriquecido e, sem dúvida, a Secretaria saiu fortalecida.

Projeto para dinamizar o esporte amador

Presença: O esporte, como atividade educacional, sempre foi prioridade da Secretaria de Educação. Como o Sr. encara, agora, o problema?

J.C.: O esporte escolar é matéria curricular. Ele continuará com a Secretaria de Educação. A nossa preocupação é basicamente com o esporte comunitário, não formal, amador. E para dinamizar o esporte é necessário elaborar os projetos.

Presença: Que sugestões daria o Sr., para dinamizar o turismo no Piauí?

J.C.: Só duas: melhorar nossa infra-estrutura de serviços (é para isso vamos iniciar nos próximos dias a implantação de uma rede integrada de motel em pontos estratégicos do Estado) e divulgar mais e melhor o que o Piauí tem a oferecer. Tencemos que o nosso Estado é um lugar descovertido em termos de belezas naturais e vive ainda com "meu-bombar". Para cantar nossas belezas ésera da Capivara, Seta Ciladas, Pedra do Sol, Lagoa do Portinho, Delta do Parnaíba, povos coroados, etc.), como fazem os baianos, não temos coragem de contatar até poetas. Não é que não que Abaeré, tão pobre ante a lojas do Portinho, transformou-se em produto de exportação.

Entrevista



Necessitamos de uma revolução cultural em nosso Estado

Presença: Como o Sr. vê a Cultura Piauiense em relação às Artes Plásticas, ao Teatro, à Literatura e à Música?

J.C.: Ainda queira. É este é um dos aspectos da falta de identidade cultural, isto é, da falta de trocas que compõem uma unidade, um modo de ser. Vale dizer que as criações individuais, embora apresentem algumas delas excelente qualidade, carecem da síntese. Em outras palavras, ainda não fomos sacudidos pela ação aglutinadora de um movimento, de uma revolução cultural.

Presença: Por falar em revolução cultural, pretende o Sr. que iniciamos aqui uma nova Semana de Arte Moderna?

J.C.: Sóra maior o surgimento do espírito que motivou a Semana de Arte Moderna, já que a realidade é outra.

Presença: Em que nível está o relacionamento da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo e a Federação do Teatro Amador do Piauí no momento?

J.C.: Excelente. Há de lado a lado, um grande interesse para realização de um trabalho integrado, harmônico. Agora mesmo, a exemplo do que havíamos feito para sanar as dificuldades do Coral Nossa Senhora do Amparo, assinamos convênio pelo qual vamos ajudar financeiramente a FETAPI. Em con-

trapartida, queremos que o teatro amador tenha atuação permanente, continua, não saímos imaterial. E prime pela cidadania.

Presença: É intenção da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo reativar o movimento teatral piauiense? Quais as atuais perspectivas?

J.C.: A resposta anterior indica nosso interesse pela reativação do movimento teatral. É parte fundamental do nosso projeto maior voltado para a afirmação do Piauí como expressão cultural. E tudo faremos para que o nosso teatro a partir do conhecimento da nossa realidade, diga e faça o que o povo quer ouvir e votar.



Presença: A Academia Piauiense de Letras, desde sua fundação, luta por uma sede própria. Que pretende o Sr. fazer junto ao Governador para sanar esse problema?

J.C.: Creio que vamos vencer esse desafio, quebrar o tabu. O Governador Hugo Napoleão está bastante motivado para a ideia de doar essa Academia de instalações próprias, compatíveis com o relevante papel que desempenha no mundo cultural piauiense. A seção virá sem dúvida.

A cultura é supérfluo; não enche barriga, não gera impostos nem paga a dívida externa.

Presença: Quais os entraves ao desenvolvimento cultural do Estado?

J.C.: Tenho a impressão de que o entrave maior reside na postura tecnocrática, segundo a qual cultura é supérflua, pois não enche barriga, não gera impostos nem paga a dívida externa. O desrespeito pelos valores culturais deriva dessa manifestação de megalomania. O resto vem por consequência.

Presença: Essa é uma opinião pessoal ou integra o programa de governo?

J.C.: É evidente que é uma opinião pessoal, embora, ressalvando, não tenha restrições a nível quanto ao desempenho de uma autoridade em particular. O problema transcende os indivíduos, E institucional.

Identificar o Piauí como expressão cultural

Presença: Quais são as metas da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, na sua gestão?

J.C.: JÁ estou explicitadas no corpo desse entrevista e se resumem numa meta-síntese: identificar o Piauí como expressão cultural. Isto é, buscar sua identidade, sua alteridade.

Para fazê-lo, de forma válida e democrática, temos que desenhar o Estado de posição de pesquisas na ciência metodológica, assim, do senso de cultura. Nada mais amonto do que a chamada cultura oficial. Ao Estado cabe incentivar. A comunidade incumbe gerar o futuro das suas culturas, uma necessidade da vida social.



Entrevista

Presença: Concretamente, o que está sendo realizado?

J.C.: Concretamente, o que mais nos agrada é o esforço que damos nesse setor: conseguimos formar uma equipe de alto nível e ela está motivada. Isto é o que conta. Senz dizermos, nossa principal realização, pois a partir daí, tudo se torna mais fácil.

Assim é que realizamos o II Salão de Humor, A Semana Cultural do Japão e publicações desta revista e muitas outras ações estão em andamento: restauração do Palácio Episcopal de Oeiras e do Monumento do Templo, realização do III Concurso de Contos "Jólio Pinheiro", I Festival de Sertanejos, VII Encontro de Folguedos, Semana Cultural do Piauí, em São Luís, ampliação do projeto Praça (educação cultural/educação), projetos de celebração do patrimônio histórico/antropológico, de pesquisas de música e folclore etc.

Presença: Seria possível citar nessa equipe algumas pessoas diretamente envolvidas com a arte, como escritores, teatrólogos, artistas plásticos, etc?

J.C.: Embora tentando sempre a justiça das omissões, poderíamos citar o mestre Tito Fidio, os escritores O. G. Rego de Carvalho, Francisco Miguel de Mora e Ribamar Oliveira, o maestro Reginaldo Corralho, o compositor George Mendes, o poeta Kennedy Krueger, os teatrólogos José Afonso Lima e Adel Campelo, Sonia Carvalho e Silva, os artistas plásticos Alber Piaui e Fernando Costa poeta e músico popular Caetano (Raimundo Rosa de Sá), o escritor Pompeu Santos.

4 de Setembro: um compromisso com a qualidade e com o povo.

Presença: O teatro 4 de Setembro é visto como uma casa de espetáculos elitista, que pretende o Sr. fazer para aproxima-lo do povo?

J.C.: O teatro 4 de Setembro pretende ser uma casa compromissada com a qualidade, que não se confundir, em nenhum aspecto, com o elitismo. O povo gosta do que é bom, e a isto ele deve ter acesso. Está implícito na obrigação do Esta-

do incentivar a cultura, sem preconceitos, como um bem social.

Há um outro aspecto a considerar. O teatro está passando por um redimensionamento, voltado para o artista local, o êxito dessa política dependerá muito mais dele do que da direção do teatro. A esse cabe dizer:

se está à altura do momento e do compromisso com a qualidade. Evidentemente, com o seu trabalho, se tem compromisso com o povo.

Presença: Qual a relação, atual, da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo com a classe artística Piauiense?

J.C.: Creio que o melhor possível. A Secretaria sempre procurou preservar o artista piauiense. E se mantém um elenco muito variado de ações e promoções, tanto para garantir-lhe espaço para manifestação de suas criatividades.

Presença: Nota-se até o momento, que não há atuação cultural no interior do Piauí, ficando sempre a capital com o privilégio de abranger tudo. Qual a sua proposta, então, para modificar isso?

J.C.: Chegaremos lá, brevemente. Há uma série de projetos em estudos para o interior.

Presença: Que critérios serão adotados para premiação de vaga no Conselho de Cultura?

J.C.: Se depender de mim, só há um: o indicado deve viver, sofrer e vibrar o problema da cultura no Piauí.

Presença: E o Conselho de Cultura está contribuindo efetivamente para a cultura do Piauí? De que forma?

J.C.: O Conselho Estadual de Cultura, também está motivado. Se colocar em prática as ideias que tem demonstrado possuir, creio que fará uma inestimável contribuição. Só o tempo dirá.

Presença: O plano editorial vai ser reativado? Alguma novidade a respeito, que pudesse nos adiantar?

J.C.: O plano editorial clara e vai ser reativado. É um bicho-menos-paternoster. Para que não se humilha o autor, transformando-o em marmitão de gabineiro oficial. Estamos estudando um mecanismo, que deverá contar com a participação da Academia Piauiense de Letras, Secretaria da Educação, Companhia Editora do Piauí etc., que assegure

não só a publicação como a circulação do livro. Temos observado que os livros comprados como favor burocrático não raro estão molhando nos prateleiras ou depósitos das repartição públicas, diariamente seu estrangulamento como agente cultural.

Isto não pode continuar. É uma providência já tomada: todo certame, realizado no Centro de Convênios, contará, ao lado, com um estande de publicações nossas, com cheiro do Piauí. E mais: um box funcionará permanentemente na nova Rocovaria, para divulgar nossos livros e autores. Através da Secretaria de Educação, nosso livro chegará às escolas, inclusive do interior.



Nascido em Corrente
em 18 de fevereiro de 1940
Advogado,
Ex-Vereador de Teresina
Deputado Estadual
(duas legislaturas)

Ponto de vista

AFRÂNIO e as metamorfoses do jockey

ou

a tentação do boneco

por Gilbert Chaudanne



As corridas de cavalo com seus jockeys fardados e seus cavalos adorados iguais a um deuses são o reflexo de um ritual que se completa pela presença dos elegantes e das suas senhoras de carreiros gordas. Este ritual, este ambiente onde está acontecendo alguma coisa que vai além de um espetáculo, de um esporte, se faz dentro de um microcosmo hípico - a sua associação ritual-microcosmo é justamente aquela do sonho: mundo auto-suficiente e sacrificatório, e assim paisagem de ovo fechado sobre si mesmo onde acontecem as coisas, não podiam deixar de despertar o interesse de um pintor como Afrânia Custodio Branco porque o mundo pictorial dele está diretamente ligado a impulso mágicos, reino por excelência do ritual.

E, pois, na corrida, o herói aquele que é responsável pelo acontecimento mágico (a vitória) é o jockey e o seu cavalo, centro de todas as fascinações, de todas as apostas e de todos os desvanejos - como um eldorado em movimento - carregando a esperança e o desespero. E é por isso que o jockey e seu cavalo se encantam numa estética elegante que é o reflexo no espelho do ritual das vestidas vaporosas das senhoras e das cortesias das mulheres e que malheira na elegância absoluta do mundo e subterráneo da sua garupa tão feminina na hora do esforço.

Mas, no caso deste quadro de Afrânia, não se trata dessa busca da elegância, mesmo um Afrânia sabe bem ser o pintor das mulheres ricamente enfeitadas pelos cidadãos dos maridos orgulhosos. Nesse quadro, Afrânia aposta em alguma coisa mais profunda que se encontra arraizada, mas por dentro, num mistério procurando o sentido mágico do ritual hípico. Por isso que o jockey não tem o porte de um Barroso mas que ele só apresenta como uma espécie de puritano, de dono de meio ligeiro brinquedo de madeira pintado que, como tal, tem todas as apariências de um ser humano mas que não tem sua humanidade. Falta-lhe alguma coisa como um olhar para chegar até um rosto de carne e ossos. E porque nosso jockey não deixa de ser um brinquedo nas mãos cheios das mulheres, ele está triste se ele tivesse consciência de sua condição de manequim de luxo. Porque, o que as damas da festa, as senhoras querem é aquele frisson de apostar no seu próprio deus: o dinheiro, e de ter também o prazer de poder perder. Lhas brincam com o deus mas tudo acontece como se a relação direta com ele fosse impossível e precisasse de um despachante como o exu na macumba, por exemplo. E é o jockey que

assume esse papel. Por isso que é ele o quando das síticas; mas ele não é um deus pelo que ele representa, a responsabilidade em frente ao deus das apostas, o dinheiro. Se ele ganha ele participa da alegria. Se ele perde ele vai para o inferno nas corredoras das arquibancadas. Então ele não é amado no fundo, ele é apenas testemunha ou mímico.

E o curioso que o jockey muito somente tem esse aspecto de brinquedo mas, no entanto, o cavaleiro ele não tem ar triste de quem sabe de sua condição de mímico. Ele não é um jockey, é um boneco, é um boneco de brinquedo. Ele parece piscar com o olho para gente. Ele parece ser um brinquedo feliz - a sua função de boneco que não é essa desse ser como uma servidão mas como uma alegria; pois a condição de brinquedo, para o cavaleiro é de brincar. Aqui não há a contradição típica do jockey, o cavalo gira pra lá e pra cá e o boneco também, um boneco bonito onde ele é o rei. Ele não sabe que ele é um brinquedo e é daí que tem a sua felicidade.

Pois temos aqui dois personagens submissos à mesma condição mas que reagem de maneiras opostas: os dois são bonecos; mas no primeiro caso, se trata de um boneco infeliz e no segundo caso de um boneco feliz: é o jogo dialético da consciência inferior e de inconsciência. O primeiro termo está parametrado pelo seu próprio excesso e o segundo pode arrumar uma salva para os dois (ainda) mais unidos na servidão através de sua força não controlada que, pelas suas intuições, pode permitir o rompimento da solda por acaso e neste instante o jockey quer dizer o consciente: poderá agir de tal forma que este arquiteto se transforma numa verdadeira libertação.

Então, é muito natural que o caminho entre o qual o jockey e o cavalo andam, seja o resultado dessa dialética da infelicidade consciente e da felicidade inconsciente: o caminho é o novo dimensionamento que surge a partir de duas precedentes e elas se englobam e superam num conceito maior que é aquele da libertação.

Mas é de notar que esse caminho de libertação é de um cor rosa turquesa e que ele tem uma carga única muito grande: a rosa como o cor de um sonho de felicidade doce e o laranja budulando a fosforescência do sonho - e que, pode ser, a libertação é vista como uma possibilidade sonhada e não real. Os dois brinquedos das mulheres sonham em se tornarem o verdadeiro jockey e o verdadeiro cavalo porque o caminho os leva para um horizonte e um céu situado além das tribunas-burracos

Ponto de vista

onde as senhoras batem papo e se divertem com a corrida; e embaixo horizonte tem uma cor amarela com berm, jupeira, colocadas com pinhas e galhos clássicos - quer dizer discretas no conteúdo da técnica mais moderna, mas desgraçada no resto do quadro. Pois esta técnica é este cor estático aqui para mostrar que se trata de um mundo diferente, um mundo muito longe onde as coisas, os personagens, perdem este ar de bonecos girando nas suas funções sociais e onde há como um chão de liberdade e de horizonte que invade o espaço.

E é de notar também que para chegar nesse mundo diferente, tem que passar entre as tribunas-harmônicos que formam como uma porta estrela, limitar para o acesso ao horizonte, e se esta porta está confeccionada pelas tribunas das senhoras não é por acaso por que elas são justamente o princípio da opressão, elas são a barreira que impede ao jockey bonito de se tornar um verdadeiro cavaleiro assim como seu cavalo, um verdadeiro cavalo. E é possível ver este verdadeiro jockey e sua mula dentro entro. Elas estão lá, na cominho, além das tribunas cinturadas como o poder do dinheiro que plus-

representam, dando as costas para o horizonte, negando assim qualquer possibilidade de libertação. Mas elas devem vez, perderam a rigidez do binquedo para se tornarem as figuras elegantes, com um porte descontruído e uma certa fluida do sujeitado (as binquedas) desapareceu para deixar o lugar, para o que, no seu horizonte, e no sua essência não se deixou pegar o que não era deles numa forma subversiva: o humano, o vivo na sua fuga perpétua das formas, das definições, na qual ele tem de incompreensão.

Mas essa conquista da elegância não aproxima o novo cavaleiro das senhoras porque, aqui se trata de outra elegância que é mais aquela das vestidas, lindas e dos corações e que simbolicamente a prenuncia totalmente humano, além do carrossel, do circo social. É a magnificência de uma liberdade. Isto nesse novo cavaleiro, como uma espécie de batalha entre seus contornos e a poluição, o que mostra mais uma vez que a liberdade lhe deu este poder de estar em harmonia com o mundo ao redor, se dilatando amorosamente mais.

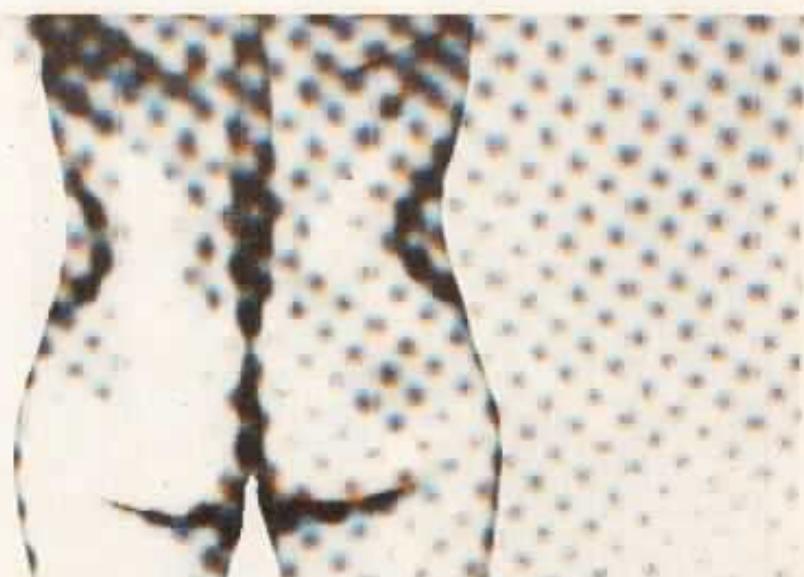
Mas esta liberdade que corresponde mais um sonho que a uma

realidade se faz no sentido de dar ao jockey é ao se cavalo mais fluido, pois mais humanidade nós não podemos dizer que ele explode na alegria: a plenitude que se estende atrás das tribunas barraças tem um ar de desolação. As cores cinzentas e rosa alternam como essas placas de fundo numa parede velha e, assim, formam um mosaico lascado, frio e meio subi, e isso dá a impressão que há, aqui, alguma coisa que se despede que vai embora ou que alguma coisa está fazendo nessa paisagem. E como se houvesse um buraco mas que ninguém vê: há uma ausência. F. o que é isso sendo a solidão de quem, como nosso cavaleiro elegante, conseguiu se libertar do circo social, pulando para o carrossel, pôr, dessa vez, se entregou a si mesmo e assim escapar dessa encruzilhada, dourada e inquieta sua vida.

Neste quadro, Afrâncio libera-se no seu instinto de pintar, recriando o sonho da liberdade e assim, extraiendo de um microcosmo uma ligão universo que mostra como o homem pro homem mantendo seu soldado. Ele consegue expressar o mito do humano e de sua fragilidade em frente à tentação do banal.



FÁTIMA CAMPOS



Romance

UM RIO DE ÁGUAS BARRENTAS

J. Rhamar Oliveira

Segundo Capítulo

A noite do vapor seguia normal, evitando os balões e os bancos de areia. Jacundino Koema vigilante e atento não arreava né do seu posto na proa da embarcação.

Depois da ilha de São Paulo o "Urucu" fez nos portos de Pintados, Melhado Alto e Barra da Corvina para recolher leitura.

Em Pintados o vapor perdeu uma âncora, não havendo vito de encontrá-la, apesar dos matinheiros mergulharem até perderem o fôlego. Mais adiante houve um desarranjo nas máquinas trazendo o vapor algumas horas, obrigando-o a encostar para reparos. A habilidade do maquinista Rafael Soares trouxe o defeito e a viagem prosseguiu rio acima.

Nos bancos da Barra da Corvina o vapor encalhou. O piloto Mais quais Oliveira foi descer o navio de um grande balizadeiro descendo o rio, não percebeu a tempo o banho. O balizadeiro Jacundino Koema não podia evitá-lo e dentes face à forte churrascada. Foi baixar de repente. O vapor bateu nas pedras provocando grande aloroco. Os passageiros sentiram o salavamento e ficaram tensos, muitos gritaram de medo. O comandante viu o perigo à frente e não se abriu, ordenando ao piloto uma manobra de emergência, efetuada magistralmente pelo maquinista. Mas a quilha do vapor a havia subido as pedras. A menor velocidade pôs em risco, entretanto, que o casco do barco se partisse ou fizesse explodir, provocando uma tragédia. A habilidade profissional de Maisquias Oliveira foi elogiada pelo próprio coronel Holanda, observando tudo o preocupado com a sorte do vapor, principalmente os passageiros astutos e nervosos. O comandante Álvaro Augusto cumprimentou o piloto pela perícia na hora do perigo.

O "Urucu" só levantou ferro no dia seguinte sol alto. Durante a noite os tremores foram intensos. O prelo Jacundino Koema se desdobrou, foi incansável, pois se culpava pelo encalhe. A bela turia falhado, pensava ele. O comandante percebeu o embaraço de Jacundino e

procurou isentá-lo de culpa, mas o prelo não se confortava, se maltratava todo instante, levantando os braços para cima com lamentos afiacionados que só ele sentia e entendia.

Do porto da Barra da Corvina o vapor seguia para Repartição, metade do caminho entre Paranaíba e Teresina. No trajeto para esse ponto maranhense passaram próximo de uma enorme pedra encravada num morro alto e elegante, heraldo o barraque do Rio, do lado da Província do Maranhão, onde os navegadores asseguravam convictos, ser uma pedra milagrosa. A pedra era oval e lisa, vestida e de pouca vegetação. Pingada de tufo de capim num brechó das grutas e frustas. Crenças penitentes letravam por força ter visto muitas vezes a imagem viva de Nossa Senhora refletida numa grande brecha do meio da pedra. Já haviam batizado a pedra de "Pedra da Nossa Senhora dos Milagres", pensando na imagem refletida e vista pelos embarcadouros, muitos deles beneficiados por milagres. Jacundino Koema, supersticioso, acreditava plenamente nas histórias milagrosas da pedra. Ninguém duvidasse porque seria castigado. Ele suspendeu a belisca acima da cabeça, olhou contrito para cima e se benziu muitas vezes, fazendo o sinal da cruz que aprendeu com os bancos. A sombra da pedra escurava as águas e a certeza parecia mais forte. A ruindade enunciada empulhava feto curupira formando porcoscos. Todos passaram em silêncio, obtendo o sôfio com respeito, alguma vez medo de castigo, enquanto o vapor subia o rio resplendecendo fazendo face dobrada para vencer a corrente d'água.

O comandante Álvaro Augusto, pensando na tradição da pedra milagrosa, desconfiado e temeroso, mandou o prático de bordo apitar três vezes, seguidas, em homenagem a Nossa Senhora dos Milagres. Ele era muito religioso, herança dos pais portugueses.

Maria Cristina sentiu também o frenesi que contagia o ambiente. Aconchegou-se timidamente nos

pés e contribuiu benzendo-se pensando em Nossa Senhora dos Milagres. O coronel Holanda, agnóstico, possivelmente por formação, apenas observava a manifestação supersticiosa envolvendo todo o vapor. Sombria intimamente da ignorância popular. Percebeu, entretanto, que o tenente Álvaro Augusto havia aderido aos sentimentos gerais, impregnando-se dos lúdicos da tradição religiosa. Bronzou a testa e separou-se da família, em busca de refúgio contra a superstição, conversar com algum passageiro vacinado, intenso ao delírio religioso. Só Maria Cristina permanecia com a mãe ainda com os olhos fechados na peleira. Ambas, contudo, rezaram basitudo uma ave Maria à Santíssima Virgem. Com a saída do pai, Maria Cristina pensou no tenente Álvaro Augusto. Viu-o de longe ordenar o piloto apitar em homenagem a Nossa Senhora dos Milagres e sentiu um calafrio de prazer. Humou ao seu encontro para uma conversa. O milite percebeu a intenção de Maria Cristina e antecipou-se, ao seu encontro, quando entabularam mais um clímax de viagem. Maria Cristina ainda sob a sensação estremida da passagem da pedra dos milagres, indagou imediatamente Álvaro Augusto se ela acreditava nas histórias contadas sobre Nossa Senhora dos Milagres.

Maria Cristina respondeu o terrível. Acredita ou não, éis a questão. Tudo depende exclusivamente da fé de cada um. Sou católica criada por uma mãe devota da Virgem de Fátima, portuguesa da Beira. A criança do meu tempo não tinha opção, o direito de discutir ou discordar das paixões. Os dogmas religiosos eram uma verdade inquestionável, eterna. O sentimento religioso impregnava todas as formas de vida, do lar, da escola, da faculdade, da Marinha. A devoção era total. Deixou a gente crescer, fica culta, adquire novos conhecimentos, forja a influência paterna e apreende que nem tudo gira em torno da religião, há outros conceitos de vida. Formei-me numa escola rígida, tornadão-me marinheiro, onde se aprende a amar a Deus sobre todas as coisas no mesmo escalo sentimental dos nossos pais no mercado paulista pregado pela Igreja Católica Apostólica Romana, apenas sem o fetiche ou a superstição, com um desconfiança universal, mais simples. Mas jamais esquecerei os rigores da juventude. As rezas da infância ensinadas por nossa mãe continuam inseparáveis, permanecem indeléveis até o túmulo. As vezes tentamos nos libertar dessa influência com novas idéias, próprias da formação superior, mas elas insistem como se fossem um canto-chão de

Romance

eternidade. O que eu fiz há poucos momentos, ordenando uma homenagem simbólica à tradição popular, nada mais foi do que um chamado de minhas origens, um apelo que despertou em mim o aprendizado da infância, uma recordação dos doces ensinamentos da minha querida mãe.

Maria Cristina ficou encantada com a explosão sentimental de fé católica do tenente. Não deixou que ele continuasse com os conceitos, fitou-o demoradamente, sorrindo-lhe e disse:

— Álvaro Augusto — fiquei sensibilizada e feliç com os teus conceitos de religião, provocando-me lágrimas nos olhos. Estou certa de que os nossos sentimentos religiosos coincidem. Fui criada da mesma maneira, posseu uma herança católica idêntica. Não digo que meu pai seja um homem religioso como minha mãe, mas sinto-o um cristão tradicional, capaz de defender com a própria vida a fé das suas antepassadas, mesmo que alimento alguns punidos postivos, influentes na época. Ele sempre foi um leitor pela emancipação da sua leitura. Não se negaria a defender a fé da sua Pátria. Mas minha mãe é uma verdadeira santo, segue os mandamentos da lei de Deus, fervorosamente. Tive as minhas cidades, mas apesar dos enleves da juventude sou uma mulher amante da palavra de Deus e crente dos dogmas católicos. Amo muito a vida, tudo o que me rodeia. Sou uma filha orfã, a sociedade me prejudicou, tenho os meus pais os melhores filhos, eliveti que sua bondade e os rapazes me preferem por conta disso. Nada tento a reclamar da vida. Sou uma mulher séria. As tuas palavras sobre religião me tocaram profundamente e vieram despertar em mim algo que parecia adormecido, pensamento e acho que acreditei nos milagres de pedra. Se não declararmos é por pura respeito humano.

Álvaro Augusto sorriu e elogiou quem o piloto o chamava Despedida de Maria Cristina com um sorriso de mão profissional, pois aquela conversa havia estabelecido ainda mais os laços ativos de ambos.

Em Reparção, Igrejaria encravada do lado da Província do Maranhão, o vapor chegou com sérias avarias nas máquinas e no leme, demorando-se quatro dias para reparos. O leme entortava ao bater violentamente nas árvore caídas das ribanceiras quebradas pela enxurrada do Rio. Houve um forte repique durante a noite e o piloto Malaquias Oliveira ainda não sabia dessa alteração periódica da estação invernal. A carta de navegação não descrevia essa particularidade fluvial, esse tipo de encante caracolística do Rio de Siriri.

O piloto Malaquias Oliveira ficou desolado, decepcionado com a insubordinação não mandando a tempo de evitar o acidente, mas o comandante dissipou a sua culpa garantindo-lhe que a navegação fluvial corría aqueles riscos, diferentes do mar.

O capitão Jacundino Koema isolado na proa do vapor atribuiu o desastre às blasfêmias de alguns passageiros contra Nossa Senhora dos Milagres. Goranha que lora castigo.

No localidade de Repartição o comandante mandou levantar grandes barrocas, improvisou um acampamento para proporcionar maior conforto aos passageiros e tripulantes. Nas poucas semanas permaneceram algumas autoridades e seus familiares, dentre elas o coronel Holanda e o padre da Freguesia de Paráiba, que viajava como capelão. As coisas das margens do Rio eram rústicas, nem o mínimo conforto. O comandante preferiu o moinho do acampamento estaria melhor, cujo trabalho foi iniciado com esmero pelos marinheiros, ajudado pelo preto Jacundino Koema e alguns escravos arrebatados à bipulação. Jacundino já esquecera o acidente dos leixões da Ribeira da Corvina quando os carpinteiros nos trabalhos de reparos da embarcação avisaram, sempre culpando aqueles defeitos aos passageiros que dividiram de Nossa Senhora dos Milagres.

A vasta vegetação e as grandes árvores das margens do Rio proporcionavam boa guarda aos viajantes, nela lhes faltando durante a permanência no acampamento.

Durante a noite foram acessas enormes foguetes para agradecerem o ambiente e espantar os leões da floresta. Até caçadores ajudaram a pôr fogo às flores, incluindo-se fardos portugueses e contingentes brasileiros, desenterrando-se, ainda, os baúzios sacrificados pelo escravo Jacundino Koema, tentando lembrar ao lado dos companheiros o canto rítmico da terra natal.

Maria Cristina procurou também alegrar o ambiente cantando e dançando macambas brasileiras, provocando alegria e alegria, tendo ao seu lado o tenente Álvaro Augusto. O comandante aproveitou os dias e as noites de Repartição para um maior relacionamento com Maria Cristina. Algumas vezes matava com Maria Cristina para o coroa, pisar nas suas frutas e se deslumbraram com os mistérios da noite. Lá permaneciam por algum tempo, esquecidos do acampamento e seus problemas. A cada dia que se passava estreitava-se a amizade entre ambos. O coronel Holanda e a esposa perceberam a intimitade da filha com o tenente, preocupando-se com o problema porque sabiam que o militar estava numa ligação inimiga imediatamente para a

Corte. Não viam futuro naquele relacionamento, pois conheciam a sensibilidade de Maria Cristina. Ela gostava de brincar com os homens, não levando a sério os namorados, mas aquele namoro com Álvaro Augusto parecia transcender novos sentimentos, que poderiam fazer a filha sofrer. Sabia também do compromisso de Maria Cristina com Antônio Florêncio Jurema esperando-a em Teresina. Ele já havia declarado querê-la para esposa, namoro que vinha do tempo em que o pai era o Presidente da Província. Pensou o casal no que poderia acontecer em futuro muito próximo, porque Florêncio era de temperamento explosivo, brigava por qualquer motivo, principalmente quando enciumado. Confuso, preferiu deixar a filha resolver os seus próprios problemas. Ela já era adulta, não interessava mais seus sentimentos.

Jacundino Koema observava o crepitar das foguetes enquanto ouvia o barulho dos companheiros Pansos de repente que curvou aprontar a noite para cama. Ele não tinha medo de ficar na escuridão. Escapuliu do meio do batuque e esquivou-se na escuridão. Na África era exímio caçador. Conhecia e sabia fazer tudo isso de armadilhas. O escuro não era obstáculo para ele. Deixou o acampamento sem avisar a noite e regressou pela madrugada, trazendo no nariz uma enorme espiro. Os que ainda estavam acordados, com medo ou escondendo os mosquitos, se admiraram da imprensa e da coragem do escravo. Aproveitaram as fogueiras para crepitando e assarem o arroz em cima da breca, que muitos não conheciam, mas gostavam da carne assada.

Pela manhã de quinto dia o comandante mandou levantar o acampamento e o capitão José Francisco Vélez conversou a tripulação e os passageiros para uma missa de ação de graça pela recuperativa do vapor "Urucu". Após o uso religioso a embarcação iniciou a viagem rumo ao porto de União onde chegou no fim da tarde para recuperar as caixas de arroz e racioneira e cozinhar, engolida no porto de Reipublica.

Na cidade de União, receberam uma caixinha recheada das autoridades locais, além da acolhida do povo que ofereceu um muleque para ovacionar os passageiros e acender o vapor "Urucu".

Foi a última escala. Em União receberam outro convite especial do Presidente da Província, o barão do Estanhedo, acompanhado da baronesa Cyntia de Madriens, vindas da Corte para uma temporada na terra natal. Subiram a bordo e se juntaram ao coronel Holanda e a família.

Turismo

Pequeno roteiro

por Pompilius Santos

Ainda me lembro de um programa da velha Rádio Nacional do Rio de Janeiro, o júlio inícios das anos 50, quando a emissora era o cume da orografia radiofônica no Brasil. O programa era dedicado às cidades do Brasil suas cidades, suas gentes, suas maravilhas, e era levado até os corações de todos por meio de enorme transmissor. E o nome daquele programa era "Conheça o Brasil".

Um dia, o locutor disse: "Hoje nós vamos falar sobre um dos pedaços mais belos desse nosso País: imenso e fantástico. Vamos falar sobre as encantadas de Campo Maior, com suas lendas, suas lendas, suas lendas... e perder de vista, num planalto de 40 águas divididas, no inverno uma paisagem para magia ver e comprar um pedaço de lama, é um pedaço de sonho terrestre..."



Conheça Sete Cidades

No encontro, nunca ninguém se embora de colocar num mapa único do Piauí e do Nordeste, ao lado das Sete Cidades Encantadas de

Picos, ou a planície do tema e São Pedro de Campo Maior, onde, segundo o historiador H. Dossel, no passado havia banhos de leite.

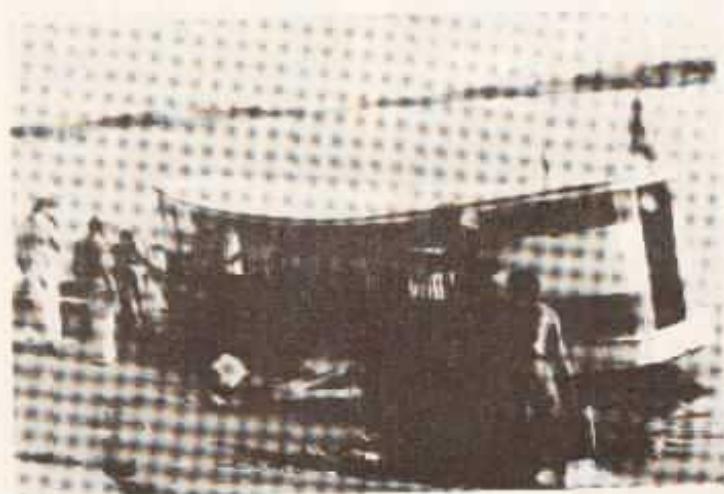
Ali sempre de mar, litorânea de minha avó onde outrora havia banhos de leite. Ali beijadas bramadas pelo inverno. Ali batatinhas.

E o Piauí tem muito mais a mostrar, além das Sete Cidades e das cidades de Campo Maior, Teresina, Parnaíba, Lagoa do Piauí, Pedra do Sol, Praia do Cipó, os pegões jordanenses, lagos de Parnaíba, Serra de Capivara e seus sítios arqueológicos, os monumentos do Jenipapo, as flores da Mata Estrelada, o mais bonito e exuberante da região, antigas fazendas como Andrade, ali a Troca-Troca. Nesse itinerário juazeirense, meio liso, meio sentimental, pode-se conhecer muita coisa, além das Sete Cidades, nesse maior trunfo para os turistas do mundo.

Falta apenas o seguinte: amor. Amor pelo que é nosso, amor pela terra e sua gente. Amor por nós mesmos. Nada mais.

RIO PARNAÍBA

OVelho Monge, da noite De Costa e Silva, 500 quilômetros navegáveis. No passado, estrada férrea da economia regional. Hoje apenas um traçado, a continuidade da desaparência e da perda de total

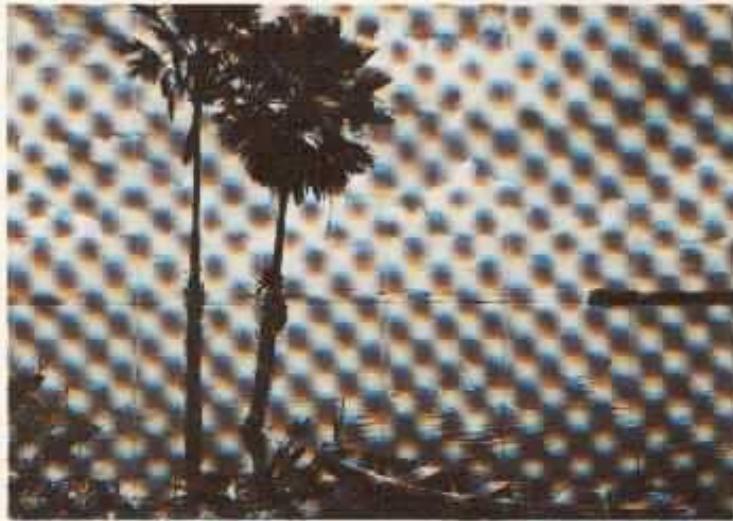


Susários barcos são como almas penadas passando de mãos dadas com o Cabeça-de-Cuiá e ou-

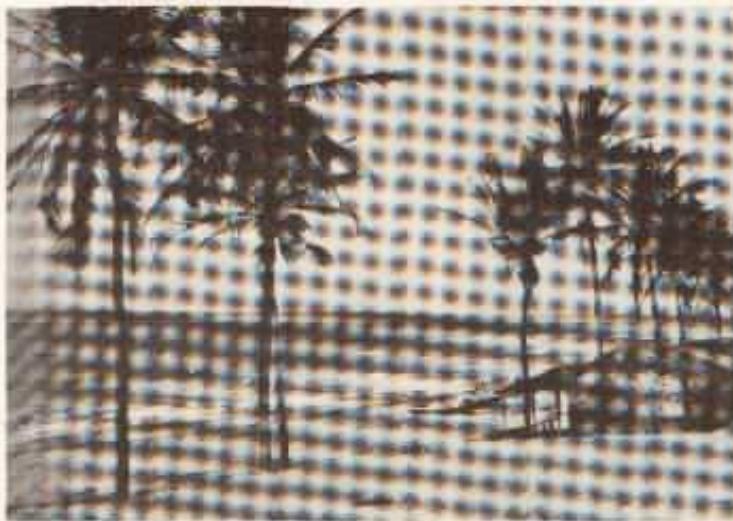
trois duendes. Um rio doente. Quem vai sair o sol? O que está faltando? Um pouco de amor.

LAGOA DO PORTINHO

A mais bela e poética de todo o Nordeste. Se houvesse algum sambista por estes paragons já teria, sem dúvida alguma criado dizendo o seguinte: "Período de Portinho, Acaeté é pinto." Orlada de dunas, Portinho é um poema de águas translúcidas, nadas escuras como a lagos poluidos de outras terras. Falta apenas um samba: Um Desval Caymmi. E um pouco de amor.



PRAIA DO COQUEIRO



A mais rústica, larga e bela praia da costa Nordestina, não desgostando no mistério e desconhecido na riqueza potencial. Os coqueiros são os vigilantes que defendem tanta beleza em forma de mar encantado e praia fantástica. O que falta? Muito pouco: apenas um pouco de amor.

Turismo

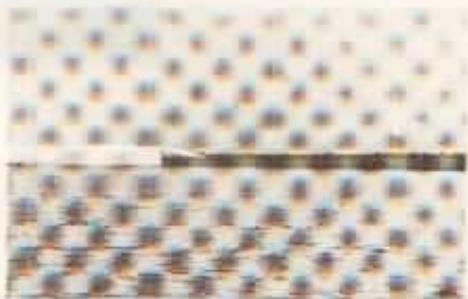
PEDRA DO SAL



Na Ilha Grande de Santa Izabel
Alfica uma das praias
mais belas da região.
Aqueles pedras é aquela favela
contam muitas histórias,
dizem que são de tencios
e outros antecostais nossos.
Ali os pescadores são bravos e
puros.
As pedras são como que patamares
de artigos castelos.
O que falta então para
Pedra do Sal ser conhecido?
Muito pouco, apenas amor.

DELTA ESPETACULAR

O triângulo da tempestade
águas do Delta, ilhas do Delta
um pedaço de floresta de uma ilha
no Delta. São 60 e tantas ilhas
formando um dos cenários
mais impressionantes da natureza
tropical. Geograficamente de
Maranhão, mas social e
politicamente do Piauí.
Os donos das ilhas são quase
todos do Piauí. O Delta é nosso.
O que falta então? Muito pouco,
apenas amor.



O CAJUEIRO

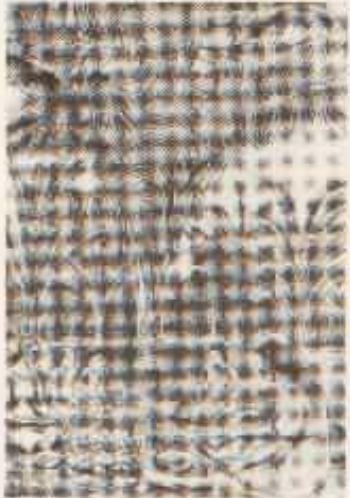


Sim, o Cajueiro de Humberto de
Campus.
O cajueiro mais famoso do Brasil.
Tem uma história de comover
o mais insensível dos cidadãos,
contada por Humberto de Campos
numa de suas crônicas gloriosas.
O cajueiro caiu mas não
morceu e lá está guardado
por Humberto de Campos e outros
espíritos ilustres da cidade.
O que falta então para
ser desfolhado? Muito pouco,
apenas amor.

OS BABAÇUAIS

A maior riqueza da região, prestes a ser destruída, pelos depredadores da Natureza. E também uma paisagem das mais luxuriantes do trópico do Norte-Nordeste. O turismo ainda não descobriu a força dos babaçuais, a gerar toda uma cultura popular.

O que falta então? Muito pouco: apenas amor.

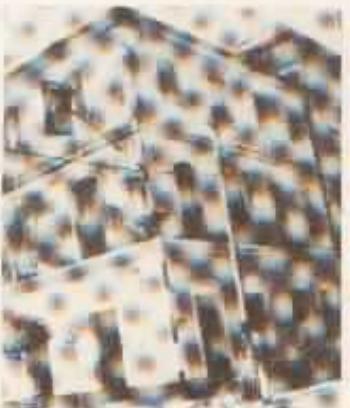


A CASA GRANDE

O conjunto de prédios antigos da Fazenda Paranaíba é um dormitório vivo do nosso passado de muito charme indicativo da "civilização do cafre" sustentada pelo Ramalho Castelo Branco; um dos que mais ilustraram a história da terra.

A Casa Grande de Simplicio Dias da Silva, o chafariz de Simplicio, é um herdeiro da nossa história.

O que faltaria? Apenas um pouco de amor.

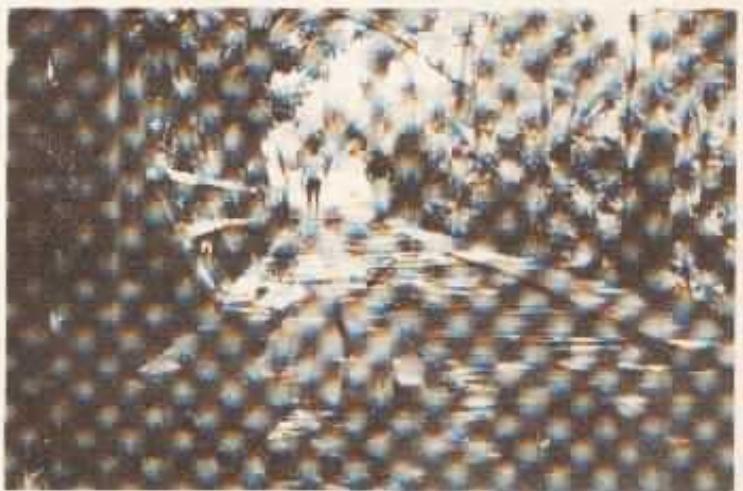


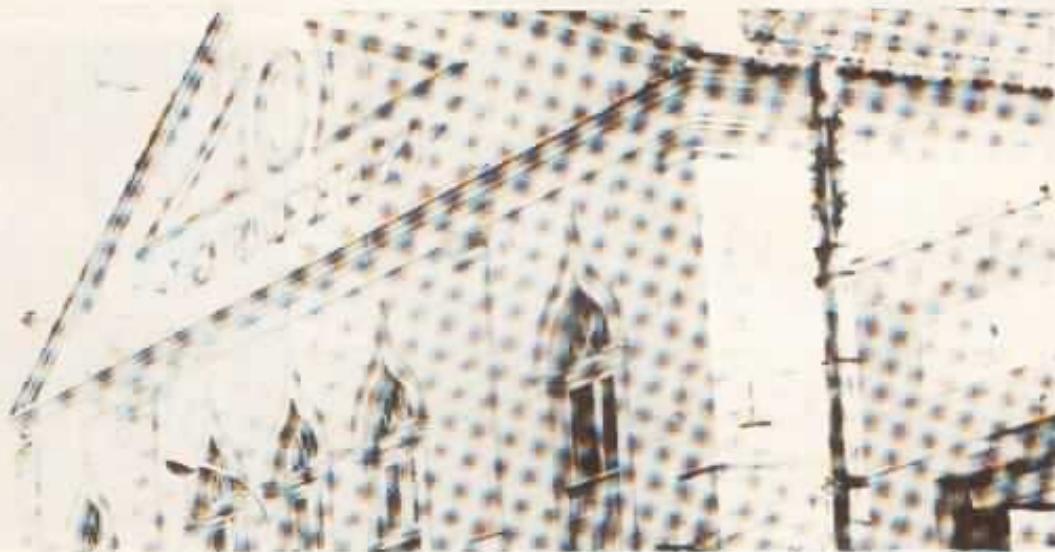
TERRA DO POETA

A Amarante, terra do poeta Da Costa e Silva, o canor do Rio Paraíba e do nosso natureza. Debajo desta ponte da madeira está o rio Muleiro, onde o menino Da Costa e Silva nadava com os seus amigos de infância.

Se não houver cuidado, esta ponte histórica será destruída pelo tempo e pela preguiça dos homens.

O que falta então? Muito pouco: apenas amor.





JÔNATAS BATISTA E O TEATRO

Investigando, estudando e engajando o movimento teatral temos visto através dos tempos, de fato tanto nos com a figura versão, e encontrada de Jônatas Batista, que se dedicava, como o seu colega madameiro e vice do centro localizado.

Jônatas Batista teve, como contemporâneos e amigos, Pepe Schor e Pepe Alvim Faria (compagno res) nas suas comedias e costumas. Além da se dedicar ao teatro, cantava, atuava e dirigia de espetáculos, também envolvendo, pelos caminhos da paixão do canto, o jornalismo, conferencista, passando do mesmo prédio que recebia sua sua oficina teatral. Foi nesse primeiro representou la SRAI (Sociedade de Autores Teatrais) e um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras do Piauí.

Em Teresina, participou aos 20 anos de idade, como ator, no Clube dos Filhos da Arte, iniciando assim sua carreira teatral, mazançando época na vida teatral em Teresina.

A continuidade maior de Jônatas Batista nas letras, e não raras foi no teatro como autor e ator em diversos peças. Vários foram os clubes e entidades recreativas que fundou o nascido em dia 26 de junho, em 1880.

Falei outros se destinou à Clube Recreativo Teresino que esteve, assim, se expressar, a sua proposta local em 1911. Vôr escapar a morte de seu condutorado maestro.

O que é um de pretendendo de Jônatas Batista era a continuidade de costumes, a revista musical como Mariazinha "Alegria de Viver", "O Rio", "Trufas e Frutas", "Teresina de Imprensa", entre outras. Seu melhor drama foi "Jovita", a Harofona em 1886, sobre o qual outro teatrólogo piauiense, Francisco Peixoto da Silveira, incluiu e apresentou no Rio de Janeiro "Rainha da Rainha", numa nova versão.

O antecitado, na época de Jônatas Batista era constituído de gente da burguesia. Costume este

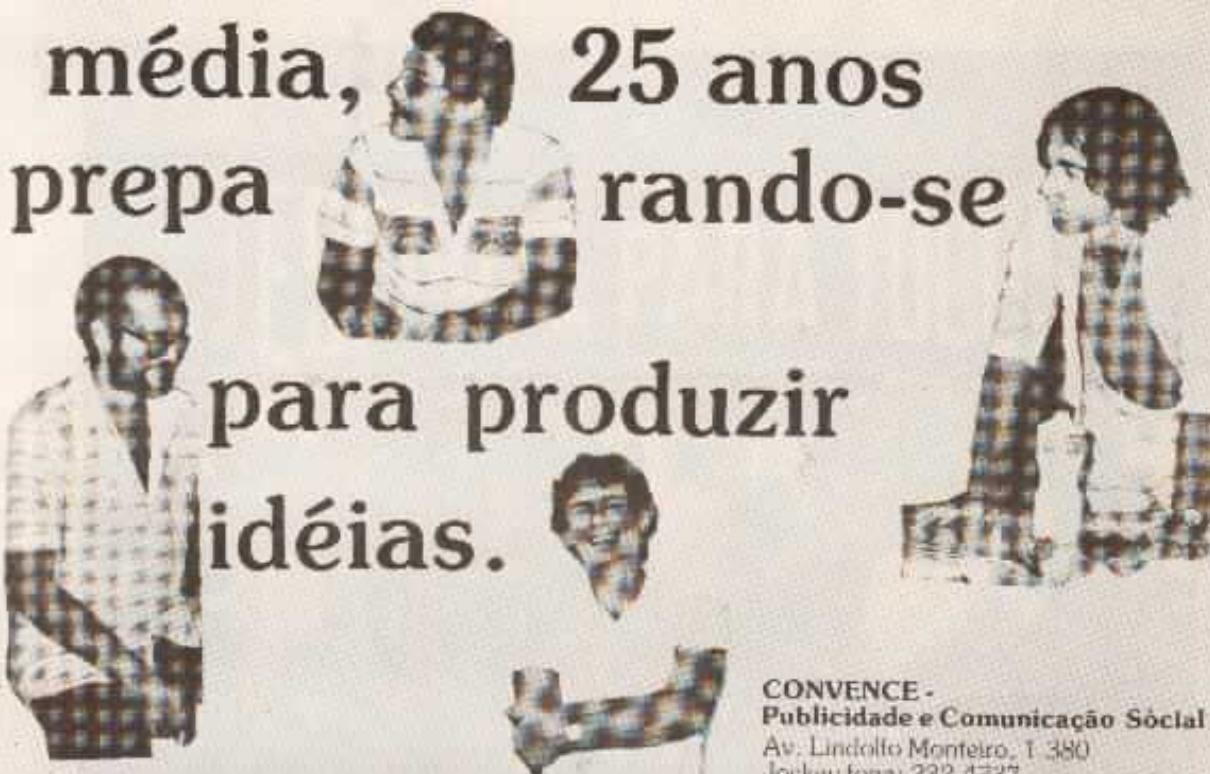
que se prolongou até final da década de 60.

Em seu tempo, «ogni o paço momento eram as revistas, o comédia de costumes, levado a influência do teatro francês que predomina em todo o mundo, como mundo moderno. Por outro lado recebem influência dos metrópoles nacionais: Mariana Pêra, Francisca Junior, Comédias Urbanas, Arthur Azevedo, Revista e Comédias Leivas. Segundo este ritmo, dentro dessa padronização do teatro nacional, de fazer comédias de costumes, humor, piadas, as situações, costumes e tipos da sociedade da época.

Jônatas Batista, por sua personalidade inovadora, introvertido, culturado nas letras e das artes foi dos mais expressivos da cultura piauiense.

Aliás, para receber um estudo profundo na sua vasta obra teatral e o reconhecimento público da sua valiosa contribuição para as letras e as artes da vida cultural do Piauí. Nasceu em Nalg, José Monsenhor Gil e faleceu em São Paulo (1935).

Esta equipe levou, em média, 25 anos preparamo-nos para produzir idéias.



CONVENCE -
Publicidade e Comunicação Social
Av. Lindolfo Monteiro, 1.380
Jacareí Fone: 232-4737



Varejão ASSA,
sempre perto de você

7 postos para
bem
serví-lo

Avenida Frei Serafim, 1754.....

Fones: 222-3581/5265/8216

Avenida Miguel Rossetti, 3940.....

* Fone: 222-8588

Avenida João XXIII, 1979.....

* Fone: 222-1412

Av. Henry Wall B. de Carvalho, 4555

* Fone: 227-1182

Avenida Frei Serafim, 2121.....

* Fone: 222-2242

Rua Coelho de Resende, 1919.....

* Fone: 222-8005

Rua Antônio Lobão, 922.....

* Fone: 232-2716

ARQUIVO



Cartum



Atendendo à tendência natural à prática esportiva tem-se mostrado crescente em todo o mundo. Trata-se de manifestações vinculadas tanto à valorização do tempo de lazer como à vontade do contato ao ar livre. Por outro lado, a necessidade do convívio social e as compensações dos exercícios físicos, estimulados por pressões da vida moderna, provocam o convite para as atividades esportivas.

A Educação Física e o Desporto se manifestam como um fenômeno social da larga amplitude, atingindo a pessoa, quer como participante quer como espectador, contribuindo de forma importante para o desenvolvimento do homem e sua melhor integração social.

O Esporte para Todos (EPT) se apresenta como um movimento que venha de encontro às necessidades de: aprimoramento da aptidão física da população; implantação da prática dos esportes de massa; divulgação dos desportos como forma de utilização do tempo de lazer. Tem como objetivo principal, promover e aperfeiçoar programas de conscientização da toda população para a importância da prática da atividade física, com ênfase sobre as populações carentes das zonas urbanas e rural.

As atividades do EPT devem acontecer naturalmente desde que haja motivação e oportunidade, inserindo-se nestas condições, além do tempo livre, a existência do espaço livre para a movimentação.

O Projeto Esporte para Todos - 1983, em execução, compõe-se das seguintes metas:

- Manutenção do Setor de Esportes para Todos;
- Realizações de eventos locais e Estaduais;
- Capacitação de Recursos Humanos;
- Participação de técnicos do EPT em eventos nacionais;
- Realização de Colônia de Férias para as periferias urbanas;
- Manutenção da Rede Estadual do EPT

A Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, recentemente estruturada, demonstrando interesse na campanha EPT no Piauí e na tentativa de reunir os elementos necessários à implementação do seu programa de atividades esportivas no âmbito estadual, vem mantendo contatos nos diversos níveis da Administração Pública, visando sua efetiva participação em eventos dessa natureza.

Humor

II salão de humor



do
Piauí

1 Hugo, vencedor, juri popular (esquerda);
2 Hugo no catálogo cerâmica (acesso à esquerda);
3 Hugo no catálogo charge (acesso à direita).



Com a participação de 70 humoristas, com 270 trabalhos nas categorias: cartum, charge e caricatura, foi inaugurado às 20 horas do dia 10 de maio passado, no Galeria de Arte do Theatro 1 de Setembro, o resultado da II SALÃO DE HUMOR DO PIAUÍ, pelo presidente da comissão julgadora, humorista Heimaldo, editor do jornal "Pasquim" e lançador os livros "Um cachorro quente invadindo pra lua" e "Não é nada sério", dit. Noni, também da comissão julgadora, no lado da teatróloga piauiense Ires Balão.

Pelo juri oficial foram premiados os humoristas César Augusto Vilas Boas (Pelícano-SP), em cartum; Paulo Henrique Cavalcante (P. Ca-

valcante), em caricatura; Hugo de Carvalho Aranha (Jibert-RJ), em charge. Receberam menções honrosas: Hélio Bueno Vieira Filho (Hélio-HF), Érico de Oliveira Junqueira Ayres (K. Xico-SP), Gregório Magno Macêdo Santiago (Dodo Macêdo-PB), Edson Antônio de Sousa (MG), Ubiratan Nazareno Borges Porto (Biratán-RJ). Os três primeiros receberam respectivamente 150 mil cruzeiros.

Pelo juri popular foram premiados os humoristas Eduardo de Souza Cavalcante (Zeduardo-PB), em charge; Kleber Matques de Andrade (Kleber GO); Paulo Henrique Cavalcante (P. Cavalcante-RJ), em caricatura. Os três receberam respectivamente 50 mil cruzeiros.

Programação

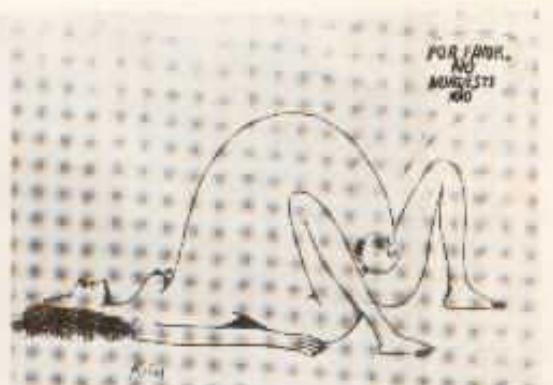
A programação da II Salão de Humor no segundo dia apresentou um debate sobre "A experiência de levar humor no Brasil", que contou com as presenças de Heimaldo Noni, Garrincha, Albert Pauz, Arnaldo Albuquerque, Vilson, Dodi Macêdo e Cinéas Santos, tendo como mediadora a teatróloga Ires Balão.

Nos dias 13 e 14, no Theatro de Setembro, foi apresentada a peça teatral "Labirinto ou aqui julgam que é nélio, mas se cochilar o cachimbô atrasa, o relógio estorta, a cabeçinha afrouxa, o parafuso cal, o pinquito arrebia e tá ó...!" de Artur Guedes, pelo Grupo Raga do Ceará.

Humor



1



2



3



4

1, 2, 3, 5, 6 e 7 - MANGAIS HUMOR
2 e 3 - JAI PINTOR



5



6



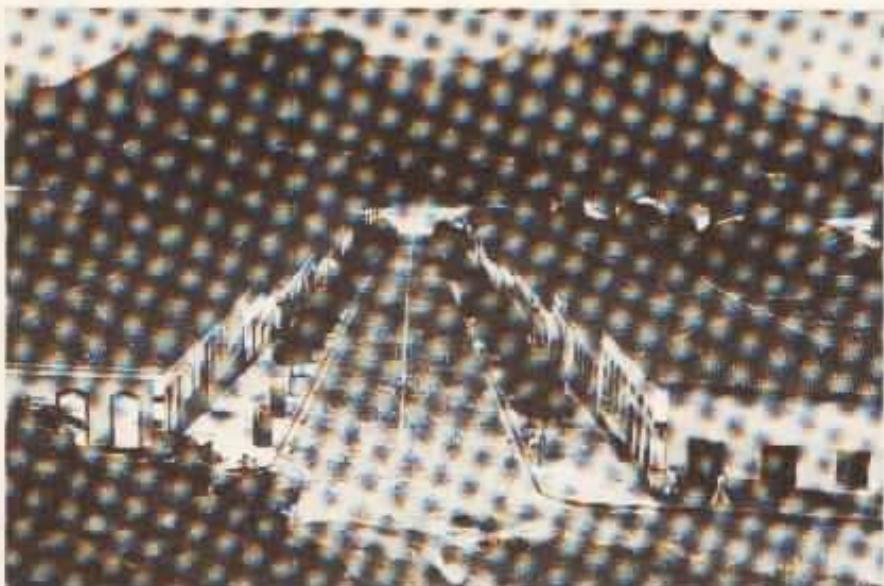
7

No dia 27, no Theatro 4 de Setembro, foi apresentado o show humorístico "Humor da Classe", sendo escrito por Adri Blanc especialmente para o piauiense, de Luzilândia, Octávio César, do programa "Viva o Gênero", da TV Globo.

O humorista Mino, do Ceará, mereceu uma exposição especial durante o II Salão de Humor do Piauí, como forma de aproximação dos humoristas nordestinos. Foram apresentados 15 trabalhos selecionados entre os melhores deste grande humorista cearense.

Ainda durante o II Salão de Humor do Piauí foram expostos e vendidos vários livros de humor pertencentes à editora Codecni, como, por exemplo, Guerra do Retiro Divo, de Jô Oliveira; Alerta para o Longo, de Furtuna; Almanaque Mino, de Mino; A vida Sexual do Jaguar, do Jaguar; As Cobras; Veríssimo: Humor na Biblioteca, várias Inconfidências Minutas de Humor, Dirceu; Não faças Ircácia, de Giacacci; Lugares Comuns; Jaguar; No País das Maravilhas; Duqueir; O Pato nº 1, do Ciça; Colégio Fradim, do Henfil; O Pato no Torniqueiro, da Ciça; Picadinho de Humor à Mineira; do Dirceu; Pra Frentz Brasil, Agner; Pundícios Venementis, Fraga; Tira a mão da Roca, Guidacci; O Pipocueiro na Esquina, Ziraldo e Drummond, e O Novo Humor do Pasquim, vários.

Patrimônio



Arq. Des. Arminel

Amarante notas de viagem

por Dagoberto Carnalho Jr.

Não é a atual cidade de Amarante, a antiga aldeia dos índios, que em 1711, mandara fundar, o então Governador da Capitania, Gonçalves Lourenço Botelho de Castro. Não é o aldeamento que "a ferro e fogo" conseguiu o Cel. João do Rêgo Castelo Branco, impulsionado Gueguês e Acorás, nas margens do Mulato. Não é a primitiva "missão de São Gonçalo de Amarante".

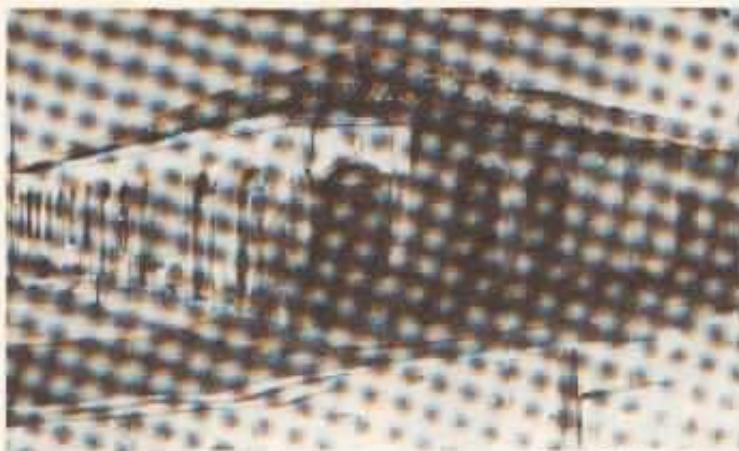
É a boje cidade de Amarante, isto sim, a vila que erigida próspera em 1832 - Decreto da Regência do Império - sobre os alicerces culturais e materiais da antiga aldeia dos índios de São Gonçalo de Amarante, transfere-se, graças aos ingentes esforços do Des. Amaral, das margens do Mulato, para sua foz no Rio Paranaíba. Para mais precisarmos, não exatamente para a "foz do riacho" do poema imortal de Da Costa e Silva, como o queria a Lei Provincial. Muito menos para a Vila Nova, que então à meia distância entre o "porto" e a foz do Mulato, para isso se fizera. É Amarante, a primitiva Vila de São Gonçalo, transferida, como o quis a lei natural, para o próprio "porto" pequeno calh que defrontava a povoação maranhense de São Francisco e já abastecia a Vila, lá "nas margens do Mulato". É Amarante, a Vila de São Gonçalo, a partir de 1861, no "porto". No ancoradouro distante da primeira Vila.

Começa, pois, a história da cidade, com a transferência da Vila, em 1861. A partir desse ano, é que juntos o "porto" e Vila - o Porto como sede da Vila de São Gonçalo de Amarante - preparam a passos largos e verginosa caminhada desenvolvimentista que dez anos depois, já em 1871, trazia-lhes a cidade de Amarante.

O passado ficara na "Vila Velha". Também o São Gonçalo, orago da freguesia que em 1805, ali se criara. Ficara na Capela do Pe. João Joel Leite Pereira Castelo Branco, seu primeiro Vigário. Povoados na história, Povoado e Capela - lembranças da "Aldeia" de Gonçalo Lourenço - ressurgiram, afinal em 1871, com a freguesia de São Gonçalo da Regeneração. Dois anos depois, era-lhe devolvido, também o predicamento de Vila.

As casas residenciais do Amarante - e no Amarante está o melhor da Arquitetura Civil do Piauí oitocentista - adotam o partido característico da morada piauiense, o da planta em forma de "U", magistralmente estudado por Paulo Thedin Barreto em trabalho hoje clássico. Sobretudo a casa dos Grandes Comerciantes que dispunham inclusive, de acomodações para viajantes. Estas em segmento à loja, ocupavam quase sempre a esquina. Fronteira com tais dormitórios ficava a área de serviço.

Patrimônio



Casa do Prof. Adonil Nunes

As salas de jantar eram abertas para pátio interno, limitado apenas por peitoril de pedra que apoiavam as colunatas da "meia-águia". Duas dessas casas mereciam especial atenção, porque distantes uns 50m. A da farmácia Ayres que teve seu sótão construído em 1914 e do qual ainda conserva todo o esmalte. Este anexo de construção existiu até 1932. Outra, a de D. Sônia Ayres Lima é construção de 1908. O sótão é original. O plafonaria, já o seguiu do ano de 1926.

O bairro Areias foi primeiramente de origem fundada por uma família de pedestres originários de São Pedro e apelidados de "papos-largos". A Capela do Bairro é de 1924. As informações são do ainda presidente Antônio Pires de Almeida.

No perímetro Urbano há duas tempos de embarque, no Parnaíba, a primeira data é de 1890. A chama de "Rompa Nova" foi inaugurada em 26 de outubro de 1943 pelo intendente Enoch Cícero e Silva. Também desse ano, é a iluminação pública com ampões de gás. De 1931 a 1933 quando foi inaugurada a Usina Termoelétrica, a iluminação se fez por Petromax. O calçamento da Vila Rua Grande, hoje Des. Amaral é de 1937.

Primeira Casa de Amarante

A primeira casa de Amarante residência do português, pioneiro, João Ribeiro Gonçalves, é ainda "dos tempos do Porto". Já em 1908 comprava-a Cl. João Ribeiro Gonçalves Filho o coronel Joaquim Abdon Moura. Era, então, uma única e velha casa e como tal conservou-se até 1922, quando seu pro-

prietário a anexou, em parte, à sua morada. Mais recentemente, em 1972, desapareceu a ala restante, incorporada à outra residência, à de D. Emilia da Palma Coimbra, que a adquiriu nesse mesmo ano.

Dividido portanto, entre os de número 34 e 35 da vila Rua Luiz Ribeiro, hoje Abdon Moura, desapareceu a primeira casa de Amarante, marco inicial da arquitetura da cidade.

Casa de Oração

Transferida a sede da Vila e Freguesia de São Gonçalo em 1861, não tiveram muito pressa os homens da terra na construção de sua igreja. Nessa só pensaram em 1865, ano em que deram início à construção da atual matriz. Concluíram-na em 1874. Sessenta anos depois, em 1934, substituiu-se o primitivo pal-

mar. Em 1961, ano da reforma ao Pe. Isaac Vilamuru, foi completamente descaracterizada.

Mas, a Igreja iniciada em 1865, não se prestava, ainda às suas funções. Desse ano, é notícia primária da existência de um sótão que servido de culto católico ficou conhecido como "Casa de Oração". Esta construção, de fato, primeiro templo de Amarante, adaptado a fins comerciais, existiu até 1960. Celebravam-se ali as principais missões de sua história religiosa, dirigidas que foram por Frei Dorotheu, já em companhia do Pe. José Marques da Rocha, primeiro vigário da nova Freguesia.

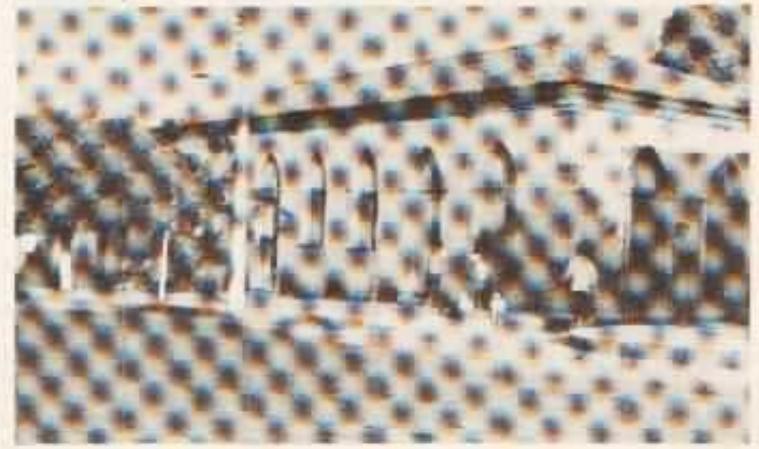
Localizava-se a Casa de Oração na esquina das atuais Rua Luiz Pinto e Zeca Corrêa, tendo sido demolida para alinhamento daquela avenida.

Casa Bela Rio

A Casa "Bela Rio" da atual Rua Abdon Moura, alugada há trinta e cinco anos pelo Sr. Amadeu Ajóis, filo do Jesus, à filha da Maria Duquinha - Carminda Barbosa de Carvalho, foi pelo dito Maror, construída para residência em 1960. A construção original obedeceu ao partido em "U", observado também em outras residências da melhor tradição da cidade.

Conservou associação um dos dormitórios onde se encontram ainda suportes de um velho "descal". Mantém-se, estruturalmente, como um toco, apesar de hoje dividida em duas moradias. A divisória não a causa sacanagem em nada. Quase nada. Em 1926 no lendário "Cheia" do Parnaíba, nascia um de seus armazéns, não mais usado e ser abandonado.

Casa dos mísseis



Patrimônio

Casa do Prof. Odilon Nunes

A atual "Casa do Prof. Odilon Nunes", é da última década do século passado e foi construída por Gil José Nunes, tendo-lhe servido de residência. Ali nasceram-lhe os filhos. Um deles, Odilon Nunes.

Já em 1930, era o Gimnásio Amarantino, de mestre Odilon. Serviu de sede ao Gimnásio e, de residência, a alguns professores. Ali iniciaram-se nas lettras, além do próprio Odilon, Jócos Vieira, Cândida e Silva, Euzebio Melo, Antônio Castro e João Mendes. O Gimnásio, foi também interno.

Em 1926, como toda a área ribeirinha da cidade, muto sofreu o grande incêndio. A inundação causou-lhe o desabamento de dois cômodos que foram, contudo, reconstruídos nos mesmos moldes. Anos depois, estabeleceu-se uma das primeiras de comunicação da grande sala comercial com a sala de jantar. Foi substituída apenas, o velho telhado. Isto já em 1960.

Casa do Poeta Da Costa e Silva

De casa onde nasceu em 21 de novembro de 1886, o poeta Antônio Francisco da Costa e Silva, veio testar a Amarante. Construção pelos seus elementos arquitectónicos, era a velha casa, de terceiro quartel, do século XIX.

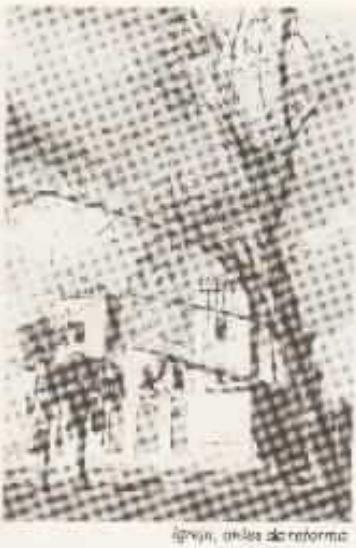
Relacionada à família do poeta, por volta de 1933, pelo Sr. Francisco Ribeiro de Carvalho, devendo serca divisão, à Pedro Ribeiro de Carvalho. Atualmente pertence - totalmente desacaracterizada, novas construções mesmo a Reimundo Francisco de Sousa e Oiticica Leal.

Casa da Av. Des. Amaral, nº 91

A casa da Avenida Des. Amaral, esquina com a antiga Rua das Flores, foi construída em 1922 pelo Sr. Manuel Alexandre e Silva, sendo que já existiam, desde 1911, o seu comércio e as dependências da Rua Da Costa e Silva. A construção que ficou a cargo do mestre de carpintaria Antônio Pires de Almeida, foi de iniciativa propriamente dita. Foi todo original e, da época de Manoel Alexandre, o assalto.

Casa de Azulejos

A construção do Avançado Novo nº 2, de 1870. Os azulejos são da 1880, quando já pertencia a Manoel Sobral. Foram importados via São Luiz, de Liverpool. Importou-os a



Avançado, antes da reforma

firma Pinto Leme & Sohinho. Donos herdeiros da Manoel Sobral passaram a casa a José Euclides Vieira que em 1927 vendeu-a a Amâncio José Pereira Lopes, seu atual proprietário. Amâncio Lopes encontrou sem acanhamento todos os anexos da Rua Marcial Floriano entre Alves Noronha. Tais obras foram concluídas já em 1930. Dez anos mais tarde tornou-se o seu comércio. Também em 1940 limitou com telhas de róquias o espaço antes definido por simpático painel. Em 1945, substituiu-se por ladrilhos hidráulicos as lajeiras das dormitórios e, em 1950, as da sala e corredores. De 1960 são as "tesouras" como elementos de sustentação do teto e toda a atual pintura. Esto, a última reforma.

De significativa importância para a história da arquitetura amarantina, terá esta casa, ainda para os anos políticos da cidade, o destaque de ter servido de berço ao Dr. Dirceu Mendes Arcoverde.

Casa do Des. Amaral esquina com Da Costa e Silva

É esta, a casa da velha farmácia Ayres. Construída pelo Sr. Miguel Barbosa, com o sótão, hoje desaparecido. A locação da farmácia é separado propriedade, Dr. Francisco Ayres. O sótão que marcadamente caracterizou a esquina existiu apenas até a segunda metade dos anos 30.

Casa do Ancar

Desta casa, pouco guardou a memória do passado. Consta não ter

sido interna ou externamente modificada. A construção é de fins do século XIX e de um certo "Desdado". Por compras, passou sucessivamente a Pedro Vilarinho, Joaquim Castro, Enoch Cicero, Ilídio Vieira e Joaquim Soares.

Casa do Sindicato

A hoje chamada Casa do Sindicato foi construída por Miguel Barbosa e fica no antigo Porto da Quartel. O portal original desfaz-se por trás em quatro divisões com pátio interno. A área Social em assentada, característica que marcou outras boas casas da Amarante. Pertenceu à família Barbosa até 1920. De 1923 a 1924 abrigou o Colégio Adreto Moura, de Francisco de Assis Moura, que viveu ali sózinha. Em 1926 foi parcialmente destruída pelo Parnaíba, sendo a reconstrução pavimentada pela União Artística, que só passou a sede. Em 1935 abrigou a Prefeitura Municipal que momentaneamente instalou na Avenida Des. Amaral em 1938.

Reunião nº 516 de 10 de agosto de 1960

Tratando a Vila nº 2, Lote 200 e sede da Fazenda, para a qual destinada Serra do Mato no extremo da Rua Paracatu.

O Dr. Mário Antônio Guedes, ex-vice-presidente da Província do Piauí, faleceu a Vila nº 2, Lote 200, que é a Assentada Engenho Provincial, situada a 1000 metros a sudeste da capital.

Art. 1º Faz manutenção a Vila de São Gregório e sua redondez, permanecendo o uso da denominação Rua de Mato na praça da Rua Paracatu, onde a sede da província permanece.

Art. 2º Para a realização da manutenção, faze-se a eleição do Presidente da Província.

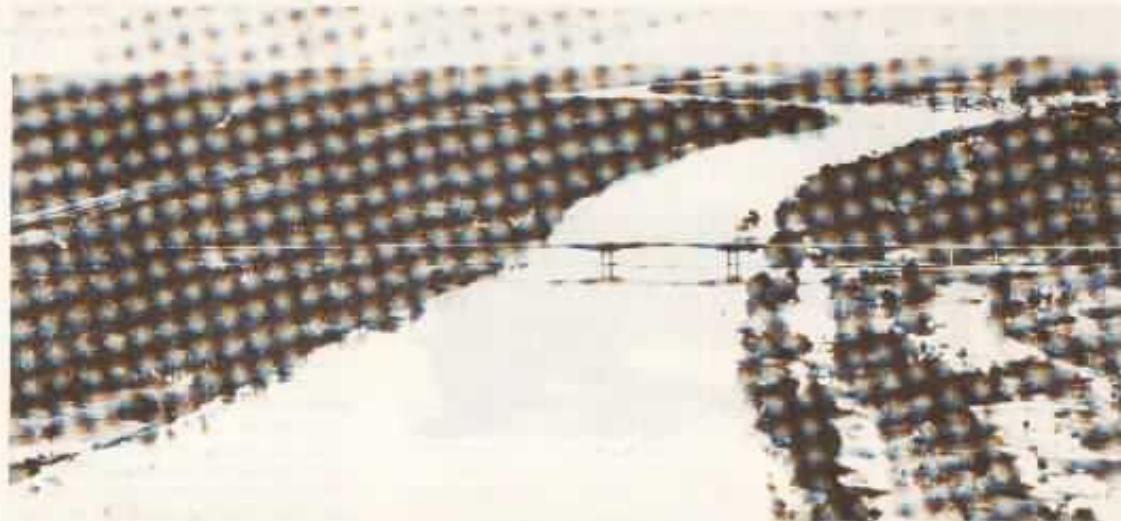
§ 1º - A presidente a desempenhando suas funções, que maior precisão possa a mesma e permanecer a Vila, se qualquer alteração for necessária, poderá nomear o seu substituto.

Art. 3º Fazem manutenção juntas e devidas por quanto tempo, os prefeitos em 2ª e 3ª classe, o ilmo. em 3º, o de 1963, sendo continuado aquele tempo, ou dia 24, que os prefeitos presterem-se mestre de artes de sua comarca.

Art. 4º - Fazem desapropriação dos terrenos, situados na Rua Paracatu, Comprador que fizerem os 1º e 2º de 1963 e do presidente da província, que nomearem autoridade para presidente da Província a despejar a quantia de seis contos de réis que o menor e quando menor de suas propriedades.

Art. 5º - Fazem reajustadas as almoças em dinheiro, diariamente, por metro quadrado de terra, a quanto o comitê municipal e o conselho de reforma resolução portaria, que a cumprir e feito cumprir na sua norma, dentro da área da comarca. O presidente desta Província a pagar, pagando a expensas. Poderá o Presidente da Província do Piauí, em 8 de dezembro de 1960, trocando nome de subprefeito para deputado.

Mário Antônio Guedes de Almeida
Antônio Ferreira Lopes a favor



A importância dos rios para as civilizações

por Edmundo Luizino Carvalho Braga e Barbosa

Exercem os rios função geo-histórica de unir. Os rios denotam movimento, transporte, facilitam intercâmbio, penetração e comunicação.

O antropólogo e historiador Gilberto Freyre, na sua obra *Nordésie*, afirma: "Nada é mais importante no estudo do homem que as suas relações com o água".

Cada rio de importância tem uma história entrelaçada com a região que ele banha. Como exemplo mais concreto, temos o Egito, onde o meio de comunicação por excelência era a via fluvial, embora os egípcios praticassem também a navegação marítima. O Nilo, desde o povoamento de seu vale, foi utilizado como importante via de transporte e comunicação.

Para as tribos germânicas e eslavas, os rios Danúbio, Reno, Dniester e Vístula foram veículos de civilização. No continente americano os rios S. Lourenço, Mississippi, Madalena, Tennessee, Amazônia, Praia, dentre outros, tiveram função destacada como vias de penetração e como propulsores de progresso em terras do Novo Mundo.

O comércio interior na Idade Média era feito em grande parte por via fluvial, pois as estradas e as coroas em uso não satisfaziam as exigências necessárias. Não obstante as secas no verão, o gelo no inverno, as enchentes na primavera ou no outono impediram frequen-

tamente a navegação, os rios desempenharam um papel de alta significação no comércio e nas comunicações. Segundo o historiador Henri Pirenne, "foram mesmo assim, por excelência, o grande instrumento dos intercâmbios e o melhor veículo dos transportes".

Certamente as represas representavam dificuldades ao tráfego fluvial. Todavia, ao fim da Idade Média, as escunas foram sendo desenvolvidas nos Países Baixos, objetivando facilitar a navegação onde esta estivesse prejudicada por barreiras.

Com o advento da navegação a vapor, a navegação de modo geral iria tomar novos rumos. Conforme Shepard B. Clagh e Theodore T. Marburg, em *Economia e Sociedade nos Estados Unidos*: "Foi pelo transporte em navios a vapor, no sistema fluvial do Mississippi, a partir de 1820, que se iniciou o desbravamento das selvas, e a máquina a vapor se tornou popular na América". Por outro lado, observou-se um movimento crescente neste setor nos Grandes Lagos. Acontecendo o mesmo no canal Erie, que liga os Grandes Lagos ao rio Hudson.

Ao longo dos anos, a navegação fluvial tem sofrido grandes modificações, tanto na forma de utilização quanto na importância em relação aos demais meios de transportes

Pesquisa



O desenvolvimento tecnológico dará origem a novos meios de trânsito por terra, primeiro as hidrovias que lizham a vantagem sobre a navegação de atingir quase qualquer ponto do território, e as rodovias com a facilidade de movimentação "porta a porta".

Mesmo assim, a navegação fluvial permanece - e se desenvolveu em vários países com novas técnicas, apesar da lentidão.

As vantagens econômicas das vias fluviais são traduzidas, em média, pelo custo de custo: 1 hidrovias, 4 ferrovias, e 10 rodovias. Esta vantagem econômica poderá se estender a favor das hidrovias, principalmente à implantação deles com maiores gabaritos. Dos canais europeus para embarcações de 15x1 a 300 toneladas passa-se atualmente para o mínimo de 1.500 toneladas. Nos Estados Unidos existem canais de chatas encurvadas de até 40.000 toneladas. Deve-se notar que, neste país, em face da tecnologia moderna aplicada à navegação, à eficiente administração das empresas e ao maior gabarito das embarcações, a relação de custo 1:4:10, acima mencionada, passou a 1 hidrovias, 4 ferrovias, e 12 rodovias.

No atual conjuntura, quanto à crise do petróleo atingiu a maioria continental e econômica de vários países, inclusive o Brasil, chamamos a atenção para os dados seguintes:

1 CV deslocal, 150 kg na rodovia
500 kg na ferrovia
4.000 kg na hidrovia

No momento, o que se verifica é que os três modos são complementares, cabendo a cada um determinado tipo de carga e distância de transporte.

OS RIOS DO BRASIL

Não existe, no período colonial, uma política de estradas e comunicação entre as populações que totalmente ocupavam o espaço físico brasileiro, para atendimento das relações necessárias à sua unificação e integração. As estradas, e bom notar, com raras exceções, eram feitas de esterco, das colônias, em virtude da expansão dos mesmos em direção ao sul e oeste da colônia. Como diz Capistrano de Abreu, em "Os caminhos e o Povoamento do Brasil". Assim as asperções do caminho dificultavam o trânsito entre o interior e o litoral.

O primeiro império trouxe poucas modificações apresentando no setor transportes em relação aos tempos coloniais:

No segundo, todavia, observam-se algumas modificações dignas de nota, não somente a introdução das vias férreas, mas também, o aparecimento de nossas grandes vias fluviais, especialmente a bacia Amazônica e a Bacia Platina, que envolviam interesses internacionais.

Nesse período foram estabelecidos estudos sobre bacias hidrográficas nacionais, em que brasileiros e estrangeiros prestaram serviços ao país. Dentre eles podemos citar São Hilário e Gustavo Guillerme Dodt que procederam, na redondeza, estudos com autoridade de pesquisa doces e não apenas de visitantes por dilatamento. Muitos destes trabalhos, segundo estamos informados, ainda se encontram inéditos nos arquivos provinciais e no próprio Arquivo Nacional. Dodt fazceu um interessante estudo sobre os rios Parnaíba e Gurupi, denominado

"Descrição dos rios Parnaíba e Gurupi, foi redigido recentemente pela Fábrica Itália, Editora Lello e Editora Universidade de São Paulo.

Além das mencionadas vias fluviais (Amazônia e Prata) na estrada do interior do continente, prolongadas pelas respectivas bacias, alguns se destacaram no que tange à navegabilidade: os rios maranhenses, São Francisco, Jequitinhonha, Doce, Pará, Rio do Sul, Tocantins e Parnaíba, dentre outros.

O papel que os rios tiveram na ocupação do território brasileiro é por demais conhecido. Pelo Tocantins, São Francisco, Amazonas e seus afluentes e ampliação do território paulista, foi sendo gradualmente assegurado. Os rios paulistas contribuíram para o interior, auxiliaram a conquista da fronteira brasileira e São Francisco assegurou a Unidade Nacional entre o nordeste e Minas Gerais, por seu mesmo denominado "Rio de Unidade Nacional". O Amazonas e seus afluentes facilitaram a penetração das religiões setentrionais brasileiras.

Nas primeiras décadas da República, as ferrovias continuaram em evidência. Somente no governo Washington Luís, entusiasta do transporte rodoviário, começou-se a pensar em política rodoviária.

Notadamente, após a segunda guerra mundial é que o surto de construção de rodovias atinge o país. No governo Juscelino Kubitschek foi dado um grande impulso à política rodoviária e à fabricação de automóveis.

A participação das rodovias nos transportes foi crescendo de modo absortivo, chegando a constituir uma grande disscrição no sistema viário nacional.

Se no passado os rios facilitaram a colonização por onde os descobridores dos sertões brasileiros acompanhavam os seus cursos, hoje, entre as vias fluviais de maior expressão, o escapamento da produção de regiões industrializadas, ou a criação de condições para que fossem, ainda pouco desenvolvidos e distantes dos centros mais afastados, possam explorar suas riquezas naturais.

Portanto, nas negociações brasileiras menos desembrolhadas, as aquáticas devem ter um papel de destaque.

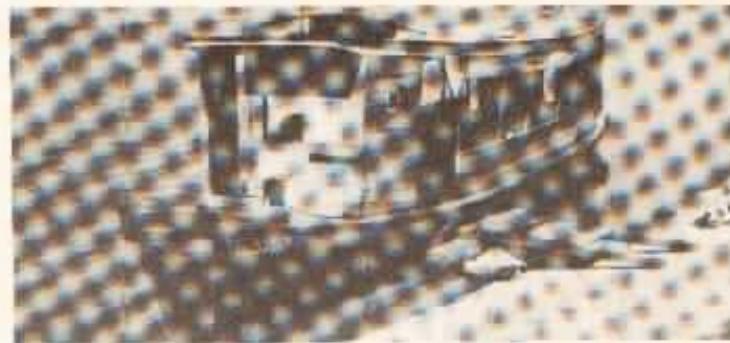
O Parnaíba tem um passado de navegabilidade, pois desde o Segundo Império a navegação foi oficializada em suas águas, mantendo-se até a última década da primeira metade do século atual. Passou a ser importante veículo de comércio que abrangia quase todo o Estado do Piauí, parte do Maranhão,

chegando a atingir o Estado de Goiás.

A partir da década de 50, observa-se o declínio da navegação interior no Piauí, motivado por vários fatores, notadamente o transporte rodoviário.

A história da navegação no rio Parnaíba, entretanto, como diz o professor Jólio Gabrie Baptista, da Universidade Federal do Piauí e um dos estudiosos do assunto: "é interessante pela formidável das pioneiros e triste pela ausência de estímulo aos continuadores". Mesmo assim, pode afirmar-se que, por quase um século, o suporte da economia piauiense se assentava no transporte fluvial. O rio, além da via natural econometricamente viável por onde entravam e saíam as mercadorias, representava um elo de integração entre o interior e o litoral unindo o Piauí ao Maranhão, como fator de unidade regional, embora geograficamente os separasse.

Ressalte-se que as três maiores cidades do Piauí ficam às margens: Teresina, capital do Estado; Parnaíba, no delta; e Floriano, no médio Parnaíba. Estas cidades urbanas, dentre outras, desfrutaram durante longos anos dos benefícios



da navegação em sua primazia.

Maranhão e Piauí necessitam do aproveitamento integral do rio Parnaíba, inserindo-se neste contexto a navegação, que em épocas passadas foi veículo de progresso em grande parte desta região de poucos recursos financeiros, todavia possuidora de grande potencial econômico em face de suas riquezas naturais, ainda praticamente inexploradas.

Além da Barragem de Boa

Esperança, será imperativo o retorno da navegação em águas parnaibanas, em virtude da não terem sido concluídas as necessárias escusas. O "Vello Monge" encontra-se seriamente assoreado em alguns pontos, o que dificulta ainda mais o infiltração em suas águas.

Deixar-se um rio como o Parnaíba relegado ao abandono, com certa acomodação há muito tempo, é uma omissão imperdoável, que as gerações futuras jamais perdoarão.

Projeto de Desenvolvimento Rural Integrado Vale do Parnaíba

Constata-se a rigidida e a covardia da posse e uso da terra, a escassez de investimento do Estado, e seu desenvolvimento quanto às necessidades do homem do campo, o Governo do Estado, através da Secretaria de Planejamento do Estado, articulou-se com o Banco Mundial e, por intermédio do Programa POLONOR, esteve criou-se o Projeto Vale do Parnaíba.

Este Projeto, coordenado pela Secretaria de Planejamento, 30 25 municípios localizados à margem direita do rio Parnaíba, que compreende cerca de 25 (XXI) km², na área do Estado, apresentando aproximadamente 10% da solução dessa área deve serem os cintenos básicos a grande escala: a) a solução de terras para consumo dos produtores da área, bem como o expressivo número de propriedades privadas inexploradas (fazendas improdutivas).

- a) Aumento da renda e das oportunidades de emprego para a população rural;
 - b) Melhorar as condições sócio-económicas, tecnicando, portanto, a taxa de migração rural-urbana;
 - c) Assegurar um abastecimento adequado de alimentos, as necessidades da população urbana.
- Projeto A estrutura básica de apoio do terreno está adaptando na terra, para tanto está adquirindo e redistribuindo, além de regularizar milhares de hectares de terras agricultáveis aos pequenos produtores sem terra da área do Projeto.

Para assegurar a melhoria da vida do homem do campo, acrescentar complementares são de fundamental importância para que o pequeno agricultor, após a posse de terra tenha condições de produzir, para isto o Projeto implanta toda a infraestrutura econômica e social necessária na região.

Cultura popular

Cordel? Cultura do povo para o povo

por Pe. Marusalm Senna

Neste momento em que apresentamos ao povo a "cultura do povo", experimentamos a harmônica comunhão de Deus com o homem. O perfil desta comunhão é a sonância entre a faia de Deus e a expressão poética dos cantadores de violas e dos trovadores do meu querido nordeste brasileiro. Do profeta Amós ouvimos, quando lemos, a palavra forte, expressão de sensibilidade aos problemas sociais e políticos. Tudo isso expresso em máximas, de sabedoria divina, fonte de inspiração para verdadeiros mites:

"Óráculos do Senhor
Não mudarei meu decreto" (Am. 2,6)
"Estugam no pó da terra
O potre e os pequenos" (Am. 5, 10-11)

O mite é um dos principais gêneros nas canções nordestinas. É o que se pode chamar, como disse Hermínio Castelo Branco, "expressão popular de democracia das latadas", no extenso curso da história das violas em desafios. O mite como a palavra profética, é a manifestação terrena ou rebeleira, pessoal ou comunitária, alegre ou triste dos que o expressam para o cantador. Ainda, é prelúdio, de todas estas situações. É a nota inseparável dessa sonoridade entre o cantador e a realidade, entre Deus e a natureza; é o papel do cantador exercido em toda a complexidade cultural. O cantador aparece como o intérprete fiel da sua gente, de sua história. Assim também é o profeta.

O poeta popular é o novo profeta. Esta consciência nasce e testemunhada pelos próprios vates andarilhos. Eles abrem que testemunham a consciência do encontro harmônico Homem-Deus na palavra profética rimada. Tais depoimentos de veracidade nos os colhemos nos poetas Pedro Bandeira e José Maria do Nascimento, o "Miraflor":

"Deus está neste encontro entre nós,
Nas amigas que sentem meus problemas,
Nos adultos que cantam meus poemas
E nas crianças que aplaudem minha voz.
Já estive, ainda estou e logo apõe
Reunidos daqui viajaremos,
Deus é tudo na vida o que nós temos,
Crescer em Deus é ter filhos na memória,
É saber que a morte é a grande glória
Praç a vida eterna que levaremos".
(Pedro Bandeira)

"Quem ve na Santa Escritura
Os valores dos profetas
Sente o valor dos poetas
Da nossa Literatura.
Eles transmitem cultura
Através das versões suas,
As rimas são caminhos
Das mãos do Santo Cordelero.
O poeta é mensageiro
Das maravilhas de Deus"
(Miraflor)

O triste que é dito inspira ao poeta à tristeza em que o mesmo casse com seu estúdio interior ou com o quadro em que vive - como integrante ou testemunha dessa áurea social. A identidade entre a inferioridade do poeta e a realidade social objetiva é o que podemos chamar de inspiração. Na literatura do poeta Deus fala, na realidade objetiva Deus está presente ou não ausente. Por isso, tanto o proletário como o poeta popular têm alguma coisa a dizer. O proletário reclama a atuação do poder, que é impreciso, presta contas os crimes dos poderosos em determinados despojados.

Foi o que lemos em Amós (2, 6; 7; 7, 10-12, 14). O poeta Antônio, carioca pernambucano, nascido em 1890, glosou a moção HOJE NO TEMPO PRESENTE QUEM MAIS FAZ MENOS MERECE. Entre os extractos, valentes e seguintes:

"Esquei insta e impaciente
Ao chegar a confusão
Que não se pode viver
HOJE NO TEMPO PRESENTE.
Quem trabalha diligente
E quem pratica empobrecimento
Neste mundo é este a marcha
Da gente da classe baixa
**QUEM MAIS FAZ MENOS
MERECE.**

O poeta Leandro Gomes de Barros, nascido em 1918, criticou o sistema social e político de seu tempo, comum bem o processo eleitoral. Além de criticar «de projeto» um projeto político em 1908, como expressão do desejo dos simples e dos opprimidos. Tudo isto no folzeto "A POLÍTICA DE ANTONIO SILVANO". Daqui a 49 extractos do trabalho, lemos a seguir:

"Quem vive muito dinheiro
Dará deixa a metade
Aqueles que vivem bem
L'impõem a caridade,
Para que novos possuidores
Fizam completa igualdade"

Noutro folzeto sobre imposto (em 1915), o poeta no página 10 assume a dor do povo e protesta com uma sestinha:

"Ora o povo já estaria
Que só havia sem leme
Com o imposto que havia
Um suspira e outro gem
Aumentar mais o imposto
É bolar gêlo em quem teme"



Lutadores, tais textos têm tanto peso quanto o peso das profissões de Amós. Pensem que os poetas populares nascem, como o Alzirino Bastos, que não advogado do povo interpretando seus anseios e dando-lhes expressões. E por isto mesmo são perseguidos. Das perseguições basta que leiamos as conclusões do Primeiro Congresso da Literatura do Ceará, no Rio de Janeiro, em março de 1980, também a Carta de Princípios da mesma data:

Seu perseguição por causa da identidade entre a literariedade e a realidade objetiva, é ser perseguido por causa da inspiração que é divina. Constate, contudo, sempre lembrar que em Evangelho Jesus disse: "Fui ungido para poder tratar aos pobres e aos coitados para libertá-los e proclamar o Ano de graça do Senhor" (Lucas 4, 18-19). Vários, nôs os exortadores, todos receberemos a inspiração dada por Deus. Que Deus nos sirva por elas! E, de fato, Deus faz o povo através do poeta popular. Criptônio Neto, poeta que fuzilou no folzeto: "Quem que o novo como o Pão que o Deus amassou", talvez como profeta sobre a situação atual em que vivemos. As duas sestinhas que apresentaremos são semi-anônimas, a expressão cultural do povo para o povo!

"Esse grupo mandatário
Se eleger contra quem vota.
Pisou com a ponta do bico"

A bala só aponta
Tocou fogo no estúdio
Sómente o cravou devolu
E ver Neto que fidiu
Quicando os prédios de Roma:
**QUEM FAZ O POVO COMA
O PÃO QUE O DIABO AMASSOU**

"Pelo mundo de círculo dia
Foi alimento sognoso
Mas o operariado
Já não entra em padron
Pela sua memória
Com a infusão que chega
Seu preço se transforma
De venturo em sua soma:
**QUEM FAZ O POVO COMA
O PÃO QUE O DIABO AMASSOU**"

Este poeta como José Costa Lobo, é uma das expressões vivas da Literatura da Corte, sempre acompanhando o tempo. E, é importante uma referência à Paixão do Assentado, seu sítiozinho "Cante Lá com Eu Canto Cá". Lutadores, não esqueçam suas grandes altanças do Evangelho quando Jesus Cristo disse: "O triste que é bom recebido na sua terra. Contudo, não devemos esquecer que somos nordestinos e devemos devolver todos unidos cumprir um trabalho de apoio e incentivo aos cantadores e poetas populares. Cantadores e apologistas da vida nordestina, a poesia tareta será sempre a mesma: preservar e esfumar esse disco cultural nacional que Deus colocou para o povo brasileiro. Tudo se justifica por ser OITI TIRALDO PÔVO PARA O PÔVO

Ensaio

ALCIDE FILHO



"Na terra, o povo,
uma expressão artística
é uma forma de resistência
ao medo da morte
e do desespero."



O deserto é um território
de resistência, de luta
contra a morte. Só é preciso de um pouco
de tempo para ver.



“O espetáculo
que fazemos é que faz
o oportunismo desistir que é
eletoralmente inviável.
Quando não se pode viver
com o que se tem, é preciso
ganhar o mundo
para viver.”

Assum-Preto

JOÃO EMÍLIO
FALCÃO

E, quando o cegaram, ficou a ver sua vida. Pelos olhos mortos passagem, resuscitados, os que matara. Antes, rocaetor famoso, gozava de observar o vento voar leve, atacando as folhas, enquanto aguardava a hora da morte. Cego amava a noite que não o distinguia, tornava-o igual e como que a via chegar, descobrindo-a no primeiro voar dos morcegos, agitados pela rede da vella Marocas. Amava a noite, principalmente a noite de mãe-de-luz, a gorgulhar, perturbando o gado, assombrando os homens.

A vida no receio da morte, formida em cada ralio não identificado. Deviam ser morto, como a um homem, e nela não existia, porém o deixaram como um novilho a quem se capa, vivo mas sum vida. Como ficara, era apenas um homem, nem um homem, a ter medo de barulhos porque, está certo, ouvira os passos dos que chegavam para o matar. E por isto que durante longo tempo não dorme, julga que não dorme, não quer dormir, sentado na cadeira encostada na parede dianteira à porta, travada por um tamborete, para que também ele o avise quando chegarem. Há de atrair primeiro,

"Deixa meus mortos, Laura. Deixa meu povo em paz."

Mae-sinhô gritava do mesmo quarto em que ele se encontra lutando contra o medo e as recordações. Gritos jamais esquecidos, apesar dos anéis decorridos que fizeram seu nome respeitado, amaldiçoado. Martinha-se longe, recuso, mesmo quando ela, eterno camisola branca, soltava as tranças e ficava a pentelhas curiosamente. Competidas tranças a compor uma beleza trágica, em que os olhos claros resplandeciam na pele quemada de costanha, escura.

"Deixa meus mortos, Laura."

"Vem ver, sinhô. É uma procissão de defuntos".

Laura, branca, de olhos azuis, que exalou mil suspiros por um impossível sonho de amor que depois feneceu, minuto a minuto, nos anos de loucura em que

ficou enterrada viva na fazenda para que a família, na cidade, dela não tivesse vergonha. Linda flor de parentesco longínquo, da casa de deus, neto de escrava e senhora de nsada desvairada, como a orgulhosa da mãe de Iuri, recordado no temor, quando uma, a dopassaro, lhe trazia a lembrança da outra.

Era se ir ao riacho, apanhar lenha ou pegar os cavalos que na volta perguntava:

"Que tu trouxe para mim?"

Um piqui, uma pitombe, até mesmo um côco, um rado a satisfação. Laura de colares vermelhões e brincos de argolas, a apanhar caju no mato, a descascar buriti na beira do lago, a quebrar côco, machado preso pelo pé, a manzata no mesmo ritmo, como que acompanhando suas canções, entremeadas de gorgulhadas.

No estrado os três cavaleiros passavam, sempre na mesma posição, seu Neto à frente, eles dois atrás, ladoando-o, a um esticar de braço, distância suficiente para separar as classes, os três tensos, olhos vigilantes; os dois uma mão da rédea, outra pronta para sacar a arma.

Assim esquilavam, duas vezes por semana, leguas que separavam a Onça da vilainha Excruciatórios. Assassinos. Odiados.

No fazendo, começando a ser povoado, de dia e de noite, iguais para eles, os tiros ainda ecoam, mas já não assustam como no início, porque todos, os de casa e os das redondezas, sabem que é Assum-preto afirando no medo. E as crianças, diferentes das que o conheciam antes e dele não se aproximavam porque até os homens o temiam, mas as que cresceram vendo-o cego, motivo de risadas, por brincadeira, atuavam-no.

"Assum-preto, os homens estão vindos".

Às vezes ficava a tremer, encostava-se na parede, arma na mão, e permanecia horas assim, a olhar, a vigiar sem ver. O suor do medo, desconhecido antes, em seu rosto, caíndo nos olhos inúteis. Umas três ou quatro vezes afrouxou, mas quase escondeu-se no seu quarto e fechava a porta de buriti.

Conto

Não teriam chegado perio se estivesse armado. O revolver no armário, guardado para depois do amor que ela vinha lhe dando há meses, cada vez com mais paixão. Tudo planejado. Não esqueceria o irmão a assustar enquanto ela, mao na arma, fazia respeitarem as ordens do seu Neto. O mercado cheio, o marimba assobiava, o perro latrava. Seu Neto empomou.

"Assou mais um pouco".

"Caminho não, seu Neto".

"Carece, menino, caricei quando mandando".

Louren os dois perdendo o fôlego, bocas abertas, o perro sem arrepiar mais a provocação. Os caboclos descontados, com medo de se afastar, não fizessem perder uma desfeita.

"Seu neto, deixa a gente ir pra bem de Jesus".

"Jesus não tem nada a ver com isso não".

"Perdoa o menino. Não fiz por mal".

"Que mal, homem! Geraldo, daqui aí só pra gente dormir melhor".

Agarrada na saia de algodão da mãe via o irmão bêber e vomitar a água salgada, beber e vomitar, até que seu Neto, de repente, levantou-se da cama, disse "esse menino tava fazendo graxa" e se foi. Os dois atônitos, lado a lado.

Nunca soube porque o trair possoi se lembrar, no resto da vida dos outros amargados com que o tratava, enquanto os homens cinco, nenhum desse visto antes, entraram pelo quarto e o amarraram e o levaram para fora da pereira, onde as mulheres e os homens, pratas e viadas, viram o ferro queimar seus olhos, os olhos com que sempre tinham a vontade passar Jesus, acariciando os filhos em um arco de amor.

"Tocou que nem assum-preto".

Os viados e as putas vendo o homem cego admirando. As mãos estendidas, impregnadas para aquela o, porque não era mais o valente que batia nos outros com chicote e muito menos o pastoreiro sem erros. Apenas um homem perdido, comendo a ter medo, a soltar como o assum-preto quando o seguraram para cactar melhor. Ficou o apelido com que depois, nas feiras, os contadores o recordariam, atribuiriam seu destino às praias do que malera, o inventariam e inventariavam o caca-sabão. E eu, que lhe gritei muito "Assum-preto", os homens estavam chegando" e depois o acompanharam nas estradas, ouvindo o recordar seu caminho. Laura e o tempo das mangas, não o reconheço nas cantigas sobre o tijolo do diaño que comeu o setor. Eu o vi lutar para não lembrar

os homens que chegariam para matá-lo e pensava em ti, como hoje, assim preto, cantar cego de minha terra, que muitas vezes encontrei se deborando em gaiolas, cantando tão doce como os filhos do meu amor, mas haja como a dor que ela me deixou. Não verás nunca mais o céu que riscaste com as asas negras, nem esse o vento que passe leve, turvaram de azulheiros.

De passage, no inicio, eram ouvidos como dos que que o mataram, assistindo-a e levando o perito, a preparar se, não no revólver. Não confessou jamais o medo. Dizia que era por vingança "mando um diaño para o inferno" mas o certo é que viveu sózinho dez, doze anos no recôleto da promessa.

"A gente volta para completar o serviço".

Tinha lá no sem valia, a ameaça: como que o escravou, pois ficou a esperá-los e os ouvia no míticher das casas, no balar das portas. Medi ou desespero, jamais alguém o soube, mas de vez em quando, surpreendia-se a gritar polos da casa para que o acordasse. Depois, como se houvesse verme, lá do casarão para o curral, passava entre as mangueiras, a provar congo.

"Não foi o primeiro, não me lembro qual, e nem por quê, nunca perguntei. Sei apenas que, perdeu, desacatou o seu Neto ou não pagaria o crime, coisa que o Valha. Seu Neto me disse: "Quero a morte do Manezinho". Chamou o compadre Geraldo e fumaram tanto para esperar o homem no caminho da cidade. Tudo como sempre, os revólveres amarrados uma quarta de língua entre, um de cada lado da estrela, assim que alastrasse pelas costas, atirava-se, mas de frente. Nunca fui capaz matar pelas costas. Tudo como sempre, não fesse o menino. Devia ter uns dez, doze anos. Facanhalho no meio dos jucás, assustou-se primeiramente. Depois, calmo, pulou para o chão, virou-se de lado do pai e ficou chorando, ofegando os jumentos tocando o casim".

"Compreendi Geraldo seu do mal, trouxe a peixaria e foi encostando. O menino avançou e fui que agarrei-lo mas não dei um grito em quanto completávamos o serviço. Jogamos o Manezinho em cima da madrinha, que ele não tinha força para isto. O que não esqueci, do que me lembro sempre, são as mãos dele segurando a outra orelha do pai, como se precisássemos das duas. Era melhor ter acabado com os dois pois o cabra era ruim, nem chorava, porém o compadre Geraldo não deixou: tinha pressa. Não foi o primeiro, nem o último, mas não esqueço".

"Assum-preto do setor de dia era homem de noite balsomem a lazer judiação Assum-preto matador colega de Lampião Atibaldo do cão deixa o povo sofridor"

Vigia cego de uma chegada que não houve, o murete o lhe em cada barulho e escuta a todos, como se tivesse havido uma compensação de sentidos. Filho do tinhoso, picoleiro do cão, o infarto do bicho Hiducho e das pinturas da igreja de São Benedito como que o envolve e se tenta no fogo eterno, afogado na lava ardente, enquanto os que maltraçam as delícias do céu de miasinhã. Durante algum tempo, dois ou três anos, as pessoas chegavam para vê-lo; mudas o xingavam, outras beijavam; mas todas levavam de longe. Só o prião da Onça dele não se afastava porque, sabia, ele era luso sonhante um dos muitos jagunços daquelas bandas.

"Do inferno capitão Assum-preto matador brigou com um milhão fez o setor cavar de dente Assumpreto desgraçado na das maldizências Vive nas profundezas pagando seus pecados"

As cantigas lhe faziam chegar bem antes dos violentos que acamparam na Onça para ver a besta fera. E, se eins o enviasseiam láram no sofrer destruidor a tranquilidade do homem que antes de ser cego, limitava a vida e a morte ao garilho do seu revólver. Amorilhou que virasse lobisomem e esvoa sempre a perscrutar, no logo sentia calor o sol, se era noite de lua cheia.

"Jesus, Maria, José te emmigrem" "Jesus, Maria, José se esconderem" "Jesus, Maria, José de escunarem"

Os anos finais marcados pelo medo, dos homens e de Deus, se achou novo.

"No céu, no céu com minhas mãos estendidas, pensava um pracinha cantando nas estradas que lhe haviam visto olhar o mundo de cima, comendo o pão que seu cozinheiro lhe davam muito antes, quando não era Assum-preto e as percorria como sei. Conservava o revólver na cintura, se meu destino é este, madrinha, vou dar um tiro no demônio" — mas não era ele, era oulém.

"Jesus, Maria, José me guardem" "Benzão, seu Cristino" "Benzão, minha madrinha"

Ali o fim esperou seus assassinatos, cada dia mais convencido no que eram jagunços do diabo e viriam

Conto

para levar sua alma. Estranhei, portanto, quando me pediu que o levasse às Contendas, pois estaria sem qualquer proteção. Comi que se esquecia da promessa, dos homens que um dia chegaram; era uma loucura ir à vila, esperar um festejo, porém, e ninguém, nem a madrinha, Manoela, sua solteirona do seu Neto, por quem não casara, o demoveu. Dizia, apenas:

"Todos nós temos nossas promessas. Eu tenho as suas".

Se os tinha, havia perdido a conta maturava os casos. Na vila, nem mil pessoas, difícil escarrando sangue, unidos nos mandados, como no serviço daquela dame, cui pôda o seu amor quando seu Neto lhe dava de tudo. Puseram-no num ônibus, na horreira e as mulheres assistindo, os viados e os putos com medo, e lhe foram marcando nas partes o N grande que dominava a região, o gado e as gentes. De deses, però se jogou no Parnaíba para que não vissem seu corpo marcado. Seu Neto que o esqueceu pois era da cor do buri, amadurecendo e, contanto, a partir desta feria que ele, por mandigão, se desinteressou de tudo, o mal cresceu nos pastos. Os dias a cismar.

Quando montou, no castanho manjinho, resuscitou. Não se reconhecia nesse cavaleiro ereto, de esporas e chicote; o cego Assum-prato, mesmo que já não esquivasse a terra, parecesse não sentir as passadas arrastadas do castanho. A entrada nas Contendas foi triunfal. Houve quem fizesse a pará, porém, quase todos vieram à sua, os muiques se agitando aos pés dos cavalos, meu e dele, gritando "Assumpção", "Assumpção". Não parecia ouvir, impossível, até à praça, da feira e do orfão, da igreja e da delegacia, a vila de Contendas.

"Cláudio, me leva na igreja".

Entrou, encostou-se. De lado, fiquei, vendo o povo curioso chegar, até ele por de novo se mover no meu ombrão a pedir para sair. Encostou-se na porta, leu do cotô dependurado com embala uma lata de galinha e, com voz limpa, pediu:

"Uma estrela por amor de Deus".

Não que precisasse, mas de promessa, soube depois. Na hora, todos, o povo e eu, admirados. O padre, avisado, veio correndo para ver "o Assumpção igual aos outros negos".

"Uma estrela por amor de Deus".

Faz isto nos últimos anos, a cada primeira sexta-feira do mês, sempre contigo ao lado, indiferente a tudo, inclusive à falta de seu revolver que entregava à mochilinha Manoela, como se aqueles diasivesse o corpo tacitado e nem o diabo e seu homem pudessem atingi-lo. Quando os sines choviam para o terço das seis entrávamos na igreja, punhamos tudo na calça das almas e voltávamos.

"Assum-prato ficou escondido, passarinho medo o bandido de promessa para o cão, mas acabou como Lampião".

"Na estrada era o diazo baldeando de fraca e fraco, até meu compadinho João pendurá-lo pelo rabo".

O fim, não o tempo, mas o que Deus lhe concedem por amor, chegou sem qualquer ruído que o avisasse e, não o encontro de revolver na mão. Tinha, apenas, o cajado que o ajudou, somente, a expiar suas culpas, perdoando as estrelas que marcas do meu sentimento, livre da solidade dos homens, o assum-prato cantava saindo uma rosada de arco.

Industrial,
Procure a
CODIPI



CODIPI
COMPANHIA DE
DESENVOLVIMENTO
INDUSTRIAL
DO PIAUÍ

Rua 5 Sul nº 100 Sul
Tijuc 227-2424
Teresina - Piauí
CEP 64.000

Dispõe de galpões e lotes com infraestrutura nos distritos de Teresina, Picos e Parnaíba, para abrigar as pequenas e médias empresas.

Galpões com área de 300 e 600 m²

Poemas

Francisco Miguel de Moura

OPERA, OPERAE, OPEROR

Misericórdia, é o delírio meu;
Felicidade, é o que vivo;
Pra mim mesmo,
objeto que a alma a...
mais vendo em corpo.
até a si.
Daqui como é que serei,
Do que sou
e do que fomos.
Sou calmo,
sego o fio de minha língua
lavrado.
Sobre disso,
Dios não soltam osus,
de quem no começo dos homens.

Oraço opera, operae, operor.

PROCURAÇÃO

Ninguém encontra completo
o sítio da casa fechado por uma

Fazendo rimo de morte,
vida é que é que é
pôr vida
(E vida)
vida é a
é a última gota
no esprírito
na luta.

(Luz aberta no céu),
Oito perfumando os nimbos
Frá,

procuro um lar que acolha esteve-
restarem?)
houve
intendido

nesta águas

nesta montanha

nesta serraria
molhado
sob a lâmina
que ontem eu te (família)

Nerina Castelo Branco

SÓ SONHEL...

Não quis em nenhum instante pensar
Que pegaria as estrelas...

Só lhe a topo da montanha
Um meus pensamentos de vontade
E na quietude dos sonhos horas...

Em nenhum instante o intuito cedeu
Aos desejos incômodos do meu eu.

Fiquei à espera o momento
Como quem deseja a quietude
Seja longa e feliz no tempo
E na felicidade as esperanças...

A PASSAGEM DO HOMEM SÓ

O homem ali passa
Pra ruas, vielas, avenidas
Só, estranhamento só..

Percorre o subtíl silêncio
Das ruas donzelas, polinhas ruas de províncias

Não leva o homem só
A ventura de despedir-se de ninguém..

Pegou sua bananeira
Humidamente reconheceu sua soldadeira
E viu-a contra veio: sózinha, na escuridão do tempo.

As ruas assistem à passagem
Do homem só,
Quem nunca mais voltará a percorrer-las.

Seu percurso agora é infinito
Sua luz: o sol,
A multidão roça com as várzeas
Incontáveis e confusas
Enquanto dura o sono profundo em que dorme.

Música

Música feita por piauienses;

no início um investimento, hoje induzido pela demanda do público

por Geraldo Brito

Aconteceu há dez anos atrás uma das primeiras manifestações no que envolve a música feita por piauienses. Aconteceu o show "UNDERGROUND", que tinha a direção de Edmar Oliveira e participação de Antônio Noronha, Peçanha Veras, Raimundo Meira, cantando com a cantora Ana Miranda e os compositores Assis Davis e Rubens Gentil. Além de ter um conteúdo com teor de serra em cima do movimento UNDERGROUND, esse show já contava com músicas feitas por piauienses. E, baseado nesses critérios de Tese da Econômica, podemos dizer que já se tratava de um investimento musical autônomo. As coisas fariam se desenvolvendo na medida em que a produção da moçada fosse acontecendo. Paralelo a esse acontecimento, a Leny Rios já começava a despontar gravando na PHILIPS e com uma mão bem forte orientada por Torquato Neto. Leny gravou pela primeira vez um compacto simples, de um lado *Reverendo Amigo* (Makalé-Waly) e do outro *Cuidado na Pândega* (Carlos Pinto - Waly Salomão). Leny Rios gravou novamente um outro compacto duplo com *Gernito* (Luis Melodia). Fui sou eu a *Nicuri é o diabo* (Raúl Seixas), *Verde Estrelado* (Hilton), e *Sem Essa Aranha* (Torquato Neto e Carlos Galvão), outro piauiense que começava a compor. Uma das infelicidades de Leny aconteceu em razão de aquilo que o pessoal orientava pra ela fazer na época, Gal Costa já estava fazendo numa boa no show *GAL-FATAL*, então não era nenhuma novidade uma garota vindo do lado de cá, com uma voz dentro de um limite não intenso, cantando coisas que Gal já estava cantando e arrebatando o coro dos contentes. A moçada de cá

ouviu muito bem as palavras de Torquato: *Let's Play That*. Foram aconchegando jogadas tipo o 1º Festival Universitário em 1973, ganho por Assis Davis com a música ANDORINHA. Em 74 veio o segundo Festival, com um voo musical bem forte que o primeiro. Realizado na Concha Acústica (Praça da Bandeira), esse Festival rolava com presenças novas no meio prélico-musical, assim como Vicente Campelo, Geraldo Brito, Rubens Lima, Maria da Inglaterra, Paulo Batista, Lázaro e cantora Laurence França. Destacaram-se músicas como: DETERMINAÇÃO (Huzen Lima-Assis Davis), Vida de Aroma (arpado) (Geraldo Brito - Albert Piqui), PRESENÇA DE AGORA (Geraldo Brito-Vicente Campelo) e XOTE DO PERU RODOU (Maria da Inglaterra). Se a Universidade tivesse feito um disco com as quatro primeiras músicas, hoje elas poderiam ser ouvidas pelos curiosos no assunto. Como não aconteceu, basta procurar o Aloisio Pires na cabine de som da Universidade. Esse festival teve uma força muito grande que desencadeou um Teatral-Musical com o título de NORTRISTESESINA melhor trabalho realizado nesse gênero nos últimos dez anos. Esse show teve uma estreia brilhantíssima no festival Universitário Aberto de Londrina em 74, e contava com textos de Luis Carlos Maciel, Chacal, Menezes y Morais, Torquato Neto, Oswald de Andrade e músicas de Geraldo Brito, Assis Davis, Rubens Lima, Vicente Campelo, Paulo Batista e Edmar Oliveira.

Com a chegada do grupo MIAU (Movimento de Integração Artística Universitária) que apresentou o show NORTRISTESESINA, em Londrina, a música foi fluindo ainda mais, e no inicio do ano de 1975, o artista plástico

Música

Arnaldo Albuquerque resolveu juntar tudo o que havia de musical que estava fazendo nesse num mesmo show musical. A princípio o show PIÁU (era apelidado) tinha lugar no bar do Perninha, na Cocho do Resende, depois passou pro Auditório Herbert Parentes Furtas.

O show PIÁU contava com algumas personalidades novas, Ivo Rosa, Lúcio (nove integrando o grupo Céu da Boca) e o compositor Cruz Neto. Uma pena que o movimento tenha se acabado numa tracassada nota apresentando para o musicólogo Ricardo Cravo Albin que conclui o seu notável curso de História da Música Popular Brasileira.

Com a reforma do Theatro 4 de Setembro inauguração num espetáculo com um show do Gilberto Gil, as coisas foram ficando mais difíceis e os compositores procuraram outras estruturas, um trabalho a ser mostrado nas novas dependências do Theatro, esqueceram-se das não tão velhas opções como os auditórios do Ceará, e do Herbert Parentes Furtas.

Então veio um ato a mais de desespero: "Bem se não fosse o show Monge Verne apresentado pela cantora Lenô Rosa, no Theatro 4 de Setembro, e mais uma vez o Festival da Fafá, buscando como vencedor um nome já conhecido: professor "Cocó" em música e em teatro, era o Pierluiz Balzan, que, na opinião de Vivaldo Campelo, componha uma das músicas mais bonitas dos últimos dez anos, intitulada "Jato da Cruz".

A música só voltou em agosto de 1976 com um show do Lázaro Silva, que tinha o nome da sua ocupação e era uma luta hard-line na residência dentro da MPP, e dentro do contexto político-partidário, que Mílci e outros Geraldo. Os titulos e lettras dos shows na MPP eram todos curtos e áridos. E a música primitiva não fazia a regra com o show "Canto Amoradouro", que estreava o grupo Calçada dentro da noite, mistura Grêmio Calçada era composto por Cruz Neto (viola e voz), Glória Melhado (piano) Geraldo Ribeiro (vocal). Laurence France (vocal) e Carlinhos Meireles (baixo). O grupo durou três anos e apresentou trabalhos como "Quindade" (77) e "Fruto da Terra", o melhor e mais eficiente trabalho estruturado pelo grupo em 1978. Na chegada geral atuou Vivaldo Campelo, e no musical Geraldo Ribeiro, "Fruto da Terra" estabeleceu uma nova participação dentro da MPP em 1979, com o compositor George Mendes. "Fruto da Terra" também trouxe novos módulos e se enquadram dentro do esquema musical e poético, era as transições de cenário iluminação e figurino, coisas que a partir dai começaram a in-

grar os esquemas de shows montados no Piauí.

Em junho de 1978, o compositor Geraldo Brito partiu para o seu primeiro trabalho, em se tratando de shows individuais. Vinha o show da Boca da Estrela, título não fugindo à regra dos shows já referidos acima, incluindo mais um elemento, o saxofone, dentro do contexto instrumental. Além da sextina como elemento novo, esse show abordava, também, o lado de temas instrumentais que até então não tinha sido explorado em outros shows anteriores.

Ainda em 1978, um novo grupo surgiu a compor a Música Popular Piauiense: trazia-se do grupo Cancela, que trazia um show com um título meio estranho: "Óculos" - é um valsa com desenhos quase surrealista. O grupo chegou a licar. No princípio tinha a cantora Solarize Vargas, com uma voz multicolorida. Com a saída da Solarize indo junto a



carreira musical no Rio de Janeiro, o grupo ficou com a direção e arranjos do Raimundo Aurélio. Partindo ao show da Cancela, surge o show Querido, os compositores Cruz Neto, Alião, o melhor trabalho realizado por Cruz Neto. Foi uma coisa mais cheia de humor, letrico. Cruz Neto no começo era mais radical com instrumentos e ritmos, não aceitando muito a luta de novas aventuras musicais. Depois foi evoluindo e tentando novos ritmos na medida em que ia se universalizando musicalmente.

Em 1979 surgiu o primeiro show de Edvaldo Nascimento, intitulado e todo estruturado com melodias suas em parceria com Durvalino Filho. Apesar de só começar a fazer show em 1979, Edvaldo já em 1974 fazia contra-balanço com a Banda da Cidade Verde (Edvaldo Durvalino e Filhinho) se apresentando no show Piauí, juntamente com outros artistas da terra. Edvaldo Nas-

cimento sempre foi um pesquisador na musical universal, e foi em seu primeiro show "Coral na Linha" que ele trouxe o Reggae na musical piauiense. Em 1981, Edvaldo volta com outros palcos com outro show de muita gaita, com melodias fortes e letras contundentes da poeta Durvalino Coutinho. Era o show "Edvaldo Nascimento", em que apareciam personalidades como Kleber Genuino, Norival Machado, Mário Fandango e Geraldo Brito. Edvaldo atualmente encontra-se no Rio de Janeiro utilizando um espaço para ele e consequentemente para a música piauiense.

Ainda em 1979, Laurence France apresentou o seu primeiro trabalho, "Meu Canto", inspirado numa composição do Durvalino Filho e Geraldo Brito. Laurence cantou vários jêneros, mostrando assim a variedade que possuía. Foi também em 1979 a estreia de Ana Mariana, em show tímido e vista com a cantora a cantar 16 batalhas fundamenteadas com a Laurence desde o show Piauí. O show da Ana Mariana tinha o título "L'Ami", trazido de uma composição de Miguel Gustavo, contendo um repertório muito variado. O show "Machado" que é Ana tinha uma das melhores vozes da época.

Foi no inicio de 1980, apesar dos muitos shows que o grupo Veraneio apresentou e seu primeiro show estruturado, "Chavendo em Teresina", com canções do próprio grupo e na maior parte do Naivo. Veranda, justamente como o Caneca, tornou-se como um dos melhores grupos existentes no Piauí. Se, por um lado, Cancela tem Teresina de José Rodrigues e Amélia, gravado pela Quinteto Violado, Veranda tem Morena, da Naivo, por Clodo, Cláudio e Cláudio.

Em outubro de 1981 surgiu uma nova campanha a montar um show no Theatro 4 de Setembro e embora vindo de batalhas com Os Apaches, de Parnaíba, Fernando Holanda era estimulante como compositor. Canto Sôlo no Ar foi o título do show, uma canção em parceria com o cruz Neto, muito bonita. O show de Fernando apresentava um repertório bem feito sob o ponto de vista musical, com muita melodia e harmonia bem trabalhada.

O inicio de 1981 foi marcado pela presença de George Mendes, Paulo Batista e Paule José. O primeiro iniciou no grupo Cancela e só podia começar a fazer seus shows em sua vinda de Salvador. George Mendes apresentou o show Sambate, no Theatro 4 de Setembro, chegando também a jogar um muitíssimo distante como Brasília. Em julho de 1981 o meu "musa" piauiense

Música



começava a explodir. Era o boom na nossa música. As coisas desapareceram aqui e ali. Surgiram os shows Relativamente Louco, apresentado por Cecílio Bento, e Loucos, apresentado por Laurence Franco. Eram duas grandes vozes musicais e de humorista teatr poético, tendo presença de vários cocetinhos e melódicos. No show Loucos, a vocal era composta por Beto Jangue e Cris Nero enquanto que no Relativamente Louco tinhamos Mary Célia, Yôuri e Ronaldinho Bragel. Porém que mais desapareceu foi Ronaldinho Bragel, que tem tudo para ser a melhor voz masculina do Brasil. Ronaldinho tem muito ritmo, swing e também vocalmente. Só faltou estruturar um trabalho escrito.

Vou o Projeto Torquato Neto, que pretende ser o larva para que todos os grupos tenham Together, mas tem a queda de classificação, cultura, cultura. Eles... São o

seu Reabilitamento Lourenço Bento. Ali a coisa foi se se esfriando, fadiga de grupo, aquela crise toda. Mas, com o aniversário do Theatro 2 de Setembro, surgiram coisas lindas como o grupo *Hallelujahiano Pôr do Sol* que redigiu um manifesto inspiradíssimo denominado *Pra Bocu* e apresentou pegas relâmpago, como é o caso de "Bata Meu Bem, Perte Bater". Coisas que quase não podia entender e ainda hoje está entendendo ou não. São remanescentes do Baileiro Bento de Oliveira Peixoto minuciosos e atores aderiram a maioria se esquivou e fui eu engolido contra, como é engolimento dessas Terezinhas-Pilhas Bressler.

Vele o voo de 1982 e George Mendes fez sequência ao seu trabalho, o show Prêmios Estrelas. Havia também a estreia de Ruben Miranda num o show Festa com músicas bonitas lembram com ados e baiões, ótimos arranjos de Pele Aquino e um bom naipe de mestres-pistão seis e bimônios. Um dos momentos mais felizes foi o canto-memo do compositor amador da cantora Daniela Dinni, recém-nascida, no show Vassouras das Estrelas, de Manoel Mello, e Fábio Prudente (que é próprio) do outro lado. Antes tocava muito samba, Jairinho gravou pelo Supernova e quando o disco saiu ficou para anteceder a canção de veraneio no Festejão Prudente de Jairinho fazendo assim o clássico não esquecer.

22. *Principles of Statistical Inference*

quando algo positivo está acontecendo surge logo algo para se amparar. Mesmo assim, o ano de 1982 foi um Stop imenso na nossa música. Os competidores eram vez mais clementes, apesar de pequenas iniciativas de empresas privadas e órgãos estatais pela realização de shows, porém com certa atraso na hora do pagamento aos artistas. Os competidores pareciam que tocavam aquela avidez ferinha pela música pela acomodação dos ganhos das repartições, sucumbidos pelo gratim acomodado que lhe trouxe na cidade verde. O fato é que não podia mais haver assim como está o processo musical pernambucano. Um investimento autônomo como o daquele, é hoje induzido pela força expulsiva do crescimento desmesurado da população, impulsionada num ritmo intenso por parte dos agradecidos e surpreendentes cidadãos este. Se a cultura (ou, no caso) cultural não se desenvolveu e atingiu até não tanto por que não tem apropriadamente sido fomentada ou grande ponta de lança da nossa identidade a encarar a possibilidade fotográfica. Let's play boy!

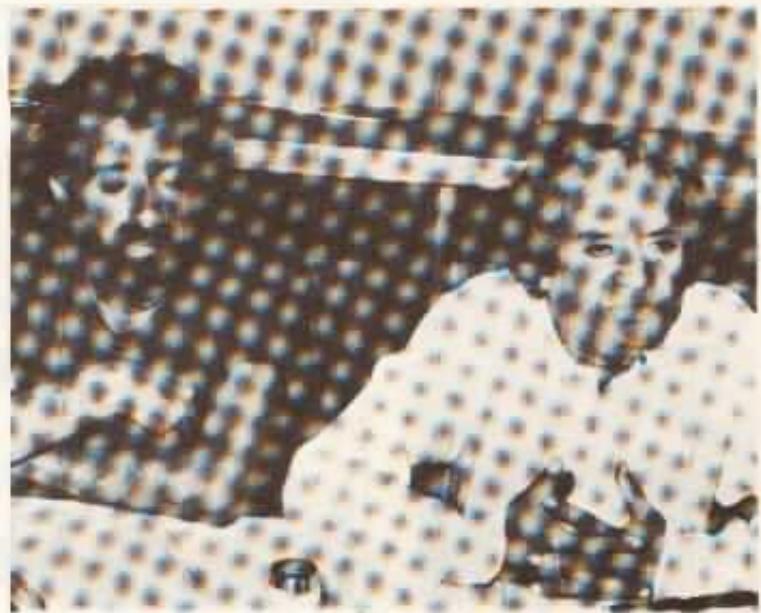
Ms. Anna Nitocza foi convidada pela Gavetinha Laranja (que é de Nogueira, mulata de Ernesto Coelho) e tem intenção de fez pela Pousada e deve achar assim o final da Juba. Olha só, os espacos estão se abrindo, mas não temos nem um biscoito sequer! E a operação que seja para alimentar a casa, comum de oceano

A large, bold, stylized logo for 'ASSIS'. The letters are composed of a textured, dark material, possibly wood or metal, with visible grain or rivets. The letters are arranged in three rows: 'ASS' on top, 'IS' in the middle, and 'FORTES' on the bottom right. To the right of the 'FORTES' section, the words 'GRUPO' and 'ASSIS FORTES' are printed in a smaller, clean, sans-serif font.

Thiago de Mello
e Manduka

A comunidade teresinense re-avou no dia 17 de maio passado, no Theatro 4 de Setembro, com o show poético musical "Mormac na Floresta", de Thiago de Melo e Manduka, momento raro da nossa história literária porque infelizmente, nos dias atuais poucas são as oportunidades que temos de ouvir um recital poético, pois o costume é a leitura e não a audição de poesias.

Na oportunidade, Thiago de Mello lançou o disco "Murmuração da Floresta", contendo poesias de sua autoria, musicadas por Manduka, e, ainda, os livros "Faz Escuro Mas Eu Camo", "A Canção do Amor Armado" e "Poesia Comprometida Com a Minha e a Tua Vida", todos publicados pela Civilização Brasileira.



OBRAS DA AGESPISA GERAM MAIS EMPREGOS

Gerais

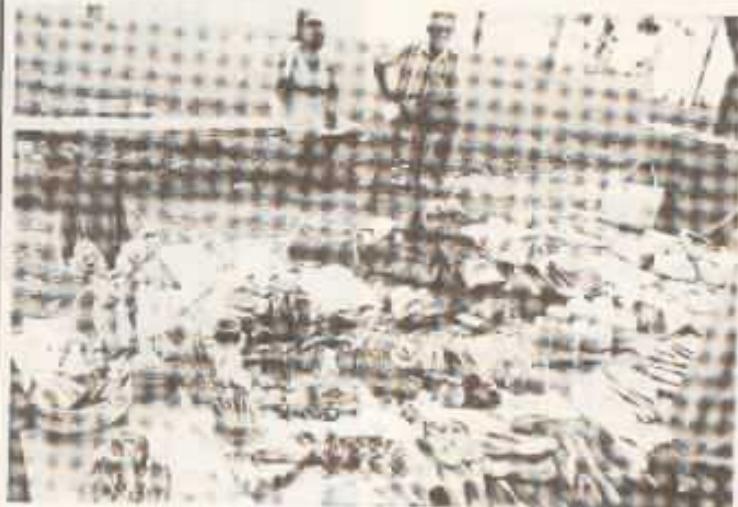
Chico Miguel lança livro em julho



Há 4 anos o poeta Francisco Miguel de Moraes (Chico Miguel) não lança livro. Seu último trabalho foi "Universo das Águas", poemas de força lírica e alguma dramaticidade, em 1979. Agora nos informa, com segurança, que lançará (em julho) o prometido "BAR CARNAUBA", espécie de poemas sentimentais e amotocos, líricos mais trabalhados como o momento exato e a paixão que o tem caracterizado. Marcará, segundo o poeta Chico Miguel, uma fase de sua carreira poética. Este livro é uma espécie de divida que tenho com o Piani; divida sentimental, agora que pretendo lançar outros versos.

"BAR CARNAUBA", será lançado pela Editora da Universidade Federal do Piauí, tendo o prefácio da Harildi Filho. Prefácio de poeta e poesia. O prefácio de Harildi Filho é um soneto sobre toda a obra do poeta Miguel de Moraes.

O que é arte popular



Ramundo Nonato mora no Parque Pici - Rio Briléia e chama-se "Luz do Céu". São estes os esterios que dão nome ao seu trabalho. Com isso conseguiu fazer uma reciclagem — em produções — expressando novas realidades através de objetos muito inventivos.

Valemos-nos de sua descrição: "A minha é feita em fragmentos que permitem recortes de cenas centrais. São suas memórias são coletadas. Pequenos ritmos de relações coloniais. O fundo é um seixo entre os de apresentações de queles 'deveros' e 'caminhos' celo e estrela". Assim, Ramundo Nonato acaba de criar uma genuína obra de arte popular.

No Pici, o artesão fazendo uso de materiais dos bens naturais do sertão, de lixões, de coletânea, um dos mais agitados bairros pernambucanos, em nossa cultura material. Os escultores populares — que adoramos, algumas de honrabilidade na-

ctional, e encantados pela força criativa e pelo repertório temático intrinsecamente ligado à memória realidade. Ele transformou para a madeira a atmosfera de religiosidade e de resignação — resumo por escultura — para sua imagem do povo a quem pertence.

É assim a Arte Popular. Reflete o universo circundante e passa a ser um produto, a expressão viva dessa realidade. O artista popular é, justamente, aquele que domina o fazer artístico e parte para essa ação que não é só a própria criação, numa linguagem artística exercida da e sobretudo, socialmente engajada.

A Arte Popular é, por conseguinte, esse princípio cheio de significação cultural, sentido do espírito criativo, expressões e originais do homem do povo. É a interpretação estética das suas realidades, suas vivências de mundo, sua filosofia de vida, e, por isso, veículo de uma poderosa mensagem cultural.

Noé Mendes de Oliveira

VÁ AO TEATRO

Piauí rico em material arqueológico

Resumo da Série Jornalística pelo prof. Dr. Mário Covas.

Uma equipe franco-brasileira, dirigida pela antropóloga Nícole Gardon, realiza desde 1973 um projeto interdisciplinar de resgate no sudeste do Piauí, compreendendo os municípios de São Raimundo Nonato, São João do Piauí, Canto do Buriti, Caraúbas e Anísio de Almeida.

Segundo estimativas realizadas, constatou-se que os primeiros grupos humanos a habitar a área de São Raimundo Nonato, chegaram à região por volta de 31.000 anos atrás. Essa datação foi obtida pela análise de cerâmicas provenientes do sítio "Toca do Brinquedo da Pedra Furada" através do método do carbono 14. Esses grupos eram caçadores e não se tem nenhuma indicação sobre a utilização de arte rupestre por eles.

Foi encontrada a primeira prova da prática de pinturas, por volta de 17.000 anos, através de um pedaço de cerâmica, encontrada em uma cova na encosta.

A arte rupestre foi praticada em grande escala desde 12.000 até 5.000 anos atrás.

Foram identificadas e descritas as tradições: Nordeste, Agreste, Gerais, Inacostaria de Oeste e Inacostaria de Leste.

A tradição Nordeste apareceu também em Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte. Essa tradição é caracterizada por apresentar figuras humanas e animais em proporções quase iguais. Os animais representados são: veados, tatus, onça, lagartos, caranguejos, capivaras e serões. As figuras não identificáveis ou formas geométricas, mas em pequeno número. Foram encontradas também cenas de caza, cenas sexuais, cenas de perigo, cenas de luta, cenas que parecem ser um ceremonial, (ainda não provados científicamente). As cenas de caza permitem o estudo das técnicas utilizadas (armas, armadilhas, etc).

Essa tradição Nordeste, também, foi encontrada em Minas Gerais e data de 12.000 até no mínimo 7.000 anos atrás.

A tradição Agreste parece datar de 7.000 até 5.000 anos atrás. É caracterizada pela predominância de figuras humanas, havendo cenas imponentes de animais e figuras geométricas. Essa tradição aparece também em Pernambuco, Bahia e até Minas Gerais.

A tradição Geométrica se caracteriza pela presença absolutamente dominante de figuras não identificáveis ou figuras geométricas.

As tradições Nordeste, Ceará e Agreste, são ligadas e as tradições geométricas Inacostarias de Leste e Inacostaria de Oeste são não figurativas e admite-se hipoteticamente que não simbolizam representações

materiais de símbolos, que não podem ser interpretadas científicamente pela ausência de indícios de significação. O que se pode fazer são apenas conjecturas comparando-as com figuras de índios atuais, o que é de grande valor devido à distância do tempo.

A região de São Raimundo Nonato é, atualmente, o mais importante parque arqueológico americano, motivo esse, que torna necessária a formação de pesquisadores e, também, a elaboração das autoridades e órgãos de incentivo à pesquisa brasileira, no sentido de ajudar o Projeto.

M. Conceição S. M. Lage

1º ATELIER



Aconteceu no dia 10 de junho, a inauguração do 1º ATELIER do artista plástico HOSTYANO, e para comemorar uma exposição do próprio com a artista plástica HILDESA CRISTINA. Não me cabe julgar o valor artístico das obras, percebo uma intensa boa vontade por parte dos artistas em melhorar cada vez mais, aprofundar mais suas técnicas, como também expressar o máximo o que está se passando pelo espírito dos mesmos através de pierrós, madames naturezas mortas, cavalheiros,

objetos, animais e que isso seja captado pelas pessoas.

No mais, essa história de quadro servir para canto, já era, o lance é ocupar as salas, os banheiros, as livrarias, os salões nobres e seja visto por número cada vez maior de pessoas e de maneira mais fácil. O 1º ATELIER é para ser ocupado, pra isso fui feito, constantemente, por outros artistas plásticos, poetas, romancistas, literatos e pessoas afins, para que a chama não se apague nunca e cresça sempre e sempre mais.

VIRIATO CAMPELO

Gerais

A conquista dos sertões de dentro

A Conquista dos Sertões de Dentro, de Renato Castelo Branco. LR Editores. 150 páginas.

Renato Castelo Branco, tido como "um escritor íntimo das sagas da narrativa nordestina", depois de lançar "O Castelo Branco d'aquele e d'Além Mar", "Tomei um Ita no Norte", e "Rio da Liberdade", nos apresenta, agora, "A Conquista dos Sertões de Dentro", parte da trilogia que vem escrevendo baseada na sua saga do Vale do Rio Parnaíba.

O primeiro da trilogia, "Rio da Liberdade", trata das guerras da In-

dependência, que passaram à História com o nome de Guerra do Fidie. Já o segundo, "A Conquista dos Sertões de Dentro", narra a conquista do vale paraibano pelos bandeirantes paulistas de Domingos Jorge Velho e os velhos baianos de Garcia D'Ávila. O terceiro, ainda não lançado, "Sertões de Escravo", narra por sua vez, a história da Bahaua, a primeira revolução social ocorrida no Brasil.

As obras de Renato Castelo Branco são consideradas independentes entre si, mas contam, em forma romântica, fatos culminantes da história paraibana.

ALUÍZIO NAPOLEÃO TOMARÁ POSSE EM JULHO NA ACADEMIA



Aluizio Napoleão da Fruytas Rêgo, eleito em abril deste ano para ocupar a cadeira 11 da Academia Paraibana de Letras, vaga com o falecimento do acadêmico Fabrício de Andrade Leão, tomará posse em julho próximo, segundo informação do presidente daquela casa, escritor Arimatéa Tito Filho.

Bidrade, historiador, contista e embaixador de carreira, tendo ocupado recentemente a Embaixada

do Brasil, Aluizio Napoleão já publicou dezenas de trabalhos, que mereceram louvor da crítica nacional e internacional. Dentre as obras publicadas destacam-se: Segundo Icontos; Rio Breco (estudo biográfico e crítico. Análise das relações entre o Brasil e os Estados Unidos); Santos Dumont e a Conquista do Ar; História da conquista do ar pelo brasileiro Santos Dumont, já traduzida em inglês, espanhol e francês. Considerada a melhor sobre o assunto).

Sarney e o "leão"

A Folha de São Paulo, de 04.05.83, publicou um artigo do Senador José Sarney, sobre um projeto de lei apresentado no Senado Federal, em 1980, onde ele defende um maior incentivo na área governamental e privada, à cultura.

Excluíndo-se os aspectos técnicos-administrativos do projeto, percebe-se claramente a preocupação do Senador com a baixa cotação dos valores espirituais, culturais e intelectuais, em contraposição à elevada valorização dos bens materiais, ou seja, a vitória do "TER" sobre o "SER".

Com artigos de apoio, promoção e incentivos à realização de congressos, estudos e pesquisas com a intenção de preservação da memória histórica e cultural do país, vê-se o esforço em manter a identidade cultural do nosso país, claramente des caracterizado.

Apesar de muito abrangente, o projeto é deficitário no aspecto didático, pedagógico, educacional. Partindo do conceito que o homem e a sociedade e a cultura, adulta, formada, absorvida, respectivamente, são inseparáveis; esquece-se que, o respeito, culto, ou qualquer nome que se dê, aos valores ditados "espirituais", só é possível com medidas voltadas para a família, sistema educacional, e por extensão, medidas efetivas que propiciem a elevação do nível socioeconômico da população. Com este trabalho de base é possível falar-se de "consciência cultural" adulta.

Finalizando transcrevo o artigo do referido projeto. Art. 6º "Os jornais e revistas que editarem suplementos da literatura e arte poderão deduzir o imposto de renda a pagar o total do custo da respectiva edição, podendo para isso, utilizar o imposto de renda retido na fonte".

Os últimos dias de Paupéria (do lado de dentro)

Torquato Neto se foi, mas não sem antes "desafinar o coro dos contemporâneos do seu tempo", o que está muito bem dito e redito em "Torquato Neto, Os últimos dias de Paupéria (do lado de dentro)", livro republished pela Editora Max Limousine Ltda, pelo Núcleo de Atualidades, numa organização de Ana Maria Silva de Araújo Duarte e Way Salo-

mão, no décimo ano de morte do poeta e letitista piauiense (1944-72).

A reedição traz, mais matérias, poemas, letras das canções, fotografias do poeta e, ainda, cartas depoimentos dos companheiros da época que viviam com "O Faroeste da cidade verde". Décio Pignatari (um dos papas do concretismo) assim fala de Torquato Neto: "não conheci bem o Torquato, Nostradamus vidente. Dava a impressão de que estava reencontrando seus pômios de apolo, de equilíbrio, no sentido de sobrevivência, pelo menos. Pelo visto, não estava. Sobreviver vale sobreviver. E causa. Muito curto-circuíto, muito grilo: o jeito é desmanchar a instalação toda. Fêz envelhecer todos os lotes".

O livro, republicado, pode ser "uma marcha à revisão", neste país de macunaímas, onde todos citam mesas que poucos se dão ao trabalho de ler. Avante, unívoca que "quem sabe faz a hora não espera acontecer".

Kenard Kruel

O. G. Rego toma posse na academia

O. G. Rego de Carvalho, patimônio cultural do Estado, o maior romancista que temos, tomou posse na Cadeira nº 4 da Academia Piauiense de Letras, dia 07.06.83. Cadeira ocupada anteriormente por Patrício Rocha de Sá, matemático, primo de O. G. Rego e como ele também cearense. O discurso de posse de O. G. Rego, como lúcio que ele faz, foi original, uma espécie de crônica sentimental, lembrando a infância e o passado do seu antecessor e a vivência do escritor humana e transportados para o papel e transfigurados no seu sótão estilo. Solenidade ocorrida no auditório da Associação Industrial de Teresina, na Av. Mal. Castelo Branco, 519-N (ao lado do Centro de Convênios), às 20:30h. O discurso de boas-vindas foi proferido pelo médico Clíder de Freitas Santos.

Espero se que a Academia tome essa lição de O. G. Rego de Carvalho e procure dar menor pompa e pompa à suas festas, preferindo conteúdo e sentimentos, como desta vez.

ÓLEO DE PIQUI DUREINO

Já se encontra à venda, nos armazéns e supermercados, óleo de piqui desodorizado (sem cheiro), para mesa e cozinha, com o teor vitamínico já conhecido. Experimente e comprove!

PRODUTO DA USINA LIVRAMENTO

Fatos culturais

EXPOSIÇÃO

O ferro: história e evolução

Ocorreu de 22 de abril a 13 de maio, nas galerias do Museu do Piauí, uma exposição que teve como temática "O Ferro: História e Evolução". As peças exibidas retratavam traços das diferentes camadas sociais em épocas passadas, reconstituindo muitos passos da evolução do Piauí.

Através da observação de peças de ferro integrantes da indumentária doméstica, de ofício ou bélica, correspondentes a períodos de nossa História, o estudante teve oportunidade de melhor entender os costumes e relações sociais desenvolvidas no passado que funcionam como determinantes dos eventos históricos.

A exposição, que mostrou o padrão tecnológico e arquitetônico do passado, contou com 240 peças pertencentes ao acervo do Museu

do Piauí, devidamente recuperadas. Como era esperado, algumas peças conseguiram atrair maior atenção dos visitantes, como ocorreu com o conjunto de armaria, possuindo verdadeiras raridades: armas utilizadas por volta de 1600, pelos colonizadores.

Uma impressora manual que pertenceu ao Jornal de Picos, em meados de 1900, que se encontrava na Fundação Cultural do Piauí, foi tombada pelo acervo do Museu do Piauí e se transformou na ministratura, principalmente entre os jornalistas, por representar um dos marcos da atividade no Piauí.

O Museu do Piauí, se propõe a trazer outras exposições que colaborarão efetivamente no entendimento dos fatos históricos de nosso povo.



54

Feira popular de arte quatro anos e uma certeza

Um dos movimentos culturais de maior repercussão dentro e fora da Esace, atualmente é a Feira Popular de Arte que a Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo promove todos os dezembro na praça Sarau, sob a coordenação da Diretoria de Assuntos Culturais da Fundação Cultural do Piauí.

Os objetivos da Feira Popular de Arte, entre os mais importantes, são o da manter vivo o artesanato autêntico, facilitar a comercialização de trabalhos artesanais (trabalho artesanal típico) criando um mercado para os produtos desse tipo, artesanatos e outros artesãos locais, proporcionar formas de inserção à população e visibilizar o intercâmbio cultural entre a capital e o interior.

Atualmente, após quatro anos de atividades constantes, a Feira Popular de Arte está constante em suas propostas iniciais, pois de uma maneira ou outra tem cumprido todos elas e mais algumas outras acrescentadas de acordo com as necessidades artísticas e membros da arte nova, portanto o desenvolvimento das artes e das artes plásticas.

Durante esses quatro anos tivemos a oportunidade de assistir aos desfiles na Feira Popular de Arte, projeções de filmes, shows musicais, peças teatrais, gincanas culturais, exposições de fotografias e de artes plásticas em geral, concursos e festivais de artes variadas, entre os quais de poesia, de crônicas, de vinhos de garraferos, lançamentos de livros de escritores novos e curiosos, além de diversas outras atividades voltadas tanto para a criança quanto para o adulto.

Por falar nisso é que a Feira Popular de Arte tem, hoje, sempre um público com uma média de três mil pessoas e faz parte da cultura de visitas da cidade, incluindo turistas estrangeiros da rede "Pousada Brasileira de Turismo (LMBRATER)". Assim aos Domingos, na Feira Popular de Arte, podemos encontrar pessoas representativas das mais variadas classes da nossa sociedade. Devemos ressaltar aqui o mais notável encontro entre essas pessoas, todos, sem distinção alguma, procuram a um familiar, um laço que sempre salva e conecta.

Fatos culturais

Semana Cultural do Japão.



Numa promoção da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, com o patrocínio do Consulado Geral do Japão, foi realizada em Teresina, no período de 3 a 10, a Semana Cultural do Japão, obtendo êxito na proposta de um intercâmbio maior entre a cultura dos dois países.

No dia da abertura, feita pelo governador Hugo Napoleão, com as presenças do vice consul do Japão, Toshi Itoh, do secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Jessualdo Cavalcanti, entre outras autoridades, foram exibidos 15 painéis fotográficos japoneses e projeção de filmes mostrando o aspecto do país e do seu povo.

Durante a Semana, foram projetados os filmes "Verão no Japão",

"Japão", "Jardins Japoneses", "Quatro Estações Infantis no Japão", "Os Brinquedos Japoneses Feito à Mão", "Energia Para o Futuro", "O Domínio da Natureza", "Japão 1975", "Terra do Fogo", "Esporte Para a Vida Didata", "A Economia do Japão", "Arquitetura Japonesa", "Papel Japonês Feito à Mão", "Indústria e Tecnologia no Japão Hoje", "Os Estagiários Estrangeiros no Japão", "Jardins Japoneses", "Japão Hoje", "Recreação em Estilo Japonês", "Desenvolvimento da Terra de Hoje", "Pesquisas e Desenvolvimento Para o Progresso", "rumo ao Japão" e "Nara". As projeções foram feitas no Theatro 4 de Setembro, Universidade, Colégios e Centros Sociais de Teresina.

Osmir Pieroth expõe no museu

O artista plástico e artesão Osmir Pieroth, no período de 20 de maio a 10 de junho, realizou na Galeria de Arte do Museu do Piauí exposição de telas e tapeçaria, obtendo grande conceito entre a comunidade teresinense e, principalmente, junto à crítica e artistas locais que consideraram seus trabalhos de excelente nível, tanto técnico quanto criativo.

Todas as pinturas de Osmir revelam primordialmente uma idéia de contínuo movimento, diferindo dos trabalhos dos demais abstracionistas que cultuam as formas de padrão es-

tábil. A expressão da dinâmica apesar de constituir um marcante detalhe e de colocação distreta, foi percebido e discutido pela maioria dos visitantes.

Essa foi a primeira exposição individual de Osmir, que mesmo sendo filho da terra e veterano nas artes, não era bastante conhecido nos meios artísticos locais. As peças de tapeçaria, segundo apreciadores, davam uma colorido especial ao salão, demonstrando, por parte do autor, enorme habilidade no manejo dos fios de diversas espessuras e tonalidades.

Festival de sanfoneiros em três etapas

Primeira etapa em Luiz Correia

O festival de Sanfoneiros do Piauí, terá sua finalíssima no Theatro 4 de Setembro abrindo assim uma oportunidade a mais para aqueles que, como qualquer outro artista, desejam sair da poeira para o asfalto, isto é, trocar a rotina do fórum por uma noite de luzes e som o que nunca é alcançado sem o apoio decidido das figuras públicas ou do emprésario organizador.

Para que o Festival de Sanfoneiros oferecesse também oportunidades aos artistas do interior a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, colheu sugestões junto aos setores mais ligados aos sanfoneiros, para estabelecer que o concurso se iniciaria da crônica pelo interior do Estado.

PRIMEIRA ETAPA EM LUIS CORREIA

Tendo ficado estabelecido que as duas primeiras eliminatórias seriam por finalíssima abrangendo as regiões Norte e Sul do Estado, o projeto definiu a Cidade de Luis Correia como o local da primeira apresentação. Assim, no dia 23 de julho serão selecionados seis candidatos, cujas inscrições serão feitas na EMTUR de Parnaíba.

A segunda etapa do festival será na Cidade de Floriano, devendo as inscrições serem feitas na Prefeitura Municipal. A data acertada foi 20 de agosto. A finalíssima, englobando os representantes do interior, será dia 24 de setembro, no Theatro 4 de Setembro, um dia de sábado.

A Secretaria de Cultura premiará, com dinheiro, até o sexto colocado, além da distribuição de brindes. Os candidatos do interior, serão asseguradas as despesas com passejamento e hospedagem durante sua permanência no capital. Os candidatos serão julgados por comissões formadas por pessoas idôneas, nas eliminatórias e na finalíssima.

Fatos culturais

VII encontro de folguedos



Mais um dia agradável na programação do VII Encontro de Folguedos, o pedido da grande massa que compareceu à praça da Bandeira repercutiu melhor que qualquer encontro da imprensa ou das autoridades, pois mostrou que a comunidade está interessada em participar das atividades em que o povo tem mais facilidade.

Aberto dia 22, com a presença do Governador Hugo Napoleão, Secretário da Educação Atílio Lira e Prefeito Festas Neto entre outras autoridades e convidados especiais, o VII Encontro de Folguedos atingiu

todas as suas metas, chegando, inclusive, a superar a expectativa da comissão organizadora do evento.

Durante os quatro dias tiveram no Praça da Bandeira apresentações de quadrilhas, bumba-meu-boi, samba, capoeira, tambores de candomblé, macumby, shows de cantores regionais, entre outras manifestações de igual valor para a cultura popular.

As obras, além de peças artesanais, completaram o atrativo. Colaboraram com o evento, entre outros órgãos, o Banco do Nordeste e a Prefeitura Municipal de Teresina.

EXPOSIÇÃO Biblioteca Cronwell de Carvalho:

Tais e peças artesanais de Maria do Carmo Oliveira, artesã bastante conhecida em todo o Estado, foram expostas na Biblioteca Des. Cronwell de Carvalho, durante o mês de junho.

As peças, compreendendo telas, tapetes, artesariado em pedra, madeira, sisal, vidro e uma infinidade de outros materiais, expostas, no Galeria de Arte da Cronwell de Carvalho, despertaram o interesse de muitos pesquisadores que prestigiam o trabalho das artesãs locais.

"Simplesmente busco nos objetos mais comuns, formas semelhantes às encontradas no objeto final, a peça, que quando pronto alcança um profundo estado de ensinabilidade, pelo concretização da idéia", declarou a indutora de deficientes visuais, como prefere ser referenciada a artesã Maria do Carmo Oliveira.

Manuel Paulo Nunes confirma ida a Lisboa para Congresso

O professor Manuel Paulo Nunes, ex-secretário de Cultura do Piauí, residente atualmente em Bragança, é um dos convidados especiais para participar do "Congresso Sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo", a ser realizado no período de 27 de junho a 1º de julho, em Lisboa, numa decisão unânime da Comissão Organizadora do Evento.

A indicação do nome do professor Manuel Paulo Nunes para participar, em caráter especial do Congresso, foi feita tendo em conta os serviços prestados por ele no domínio do estudo e da difusão da Língua e da Cultura portuguesa, conforme informação da presidente da Comissão Executiva do Congresso, escritor Luís F. Lindsey Cintas.

Convênio entre a Cultura e SCAT

Com o objetivo de divulgar, através do carnaval, a cultura artística-musical, com ênfase na música folclórica do Piauí, e difundir no espírito do povo piauiense o interesse pela arte, foi assinado convênio entre a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, representada pelo Deputado Jesualdo Carvalho Barros, e a Sociedade Cultural e Artística de Teresina, representada pelo Professor Nival Mendes de Oliveira, em 26 dias do mês de maio passado.

É um convênio de grande importância porque, através dele, a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, por intermédio da SCAT, manterá o coral Nossa Senhora do Amparo, tradicional grupo de canto do estado, com mais de trinta anos de atuação constante e ao mesmo tempo, terá subsídios, matrizes de publicações visuais e gravuras para reprodução e, consequente divulgação das mesmas no Brasil, e fora dele.

Memória do Rádio

Aguarda, o tombamento e a preservação de objetos relativos à memória do rádio piauiense estão agora assegurados por força de convênio entre a Fundação Cultural do Piauí, através do Museu do Piauí e o Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Rádiofusão e Televisão de Teresina.

As discussões, sujeitas ao Sindicato, sejam de particulares, relativas à memória do rádio piauiense, passarão a fazer parte do acervo histórico, artístico e cultural do Museu do Piauí, ficando este responsável por sua guarda, tombamento e preservação.

Fatos culturais

Secretário quer sala da justiça no arquivo

Há uma proposta da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo em organizar no Arquivo Público a Sala da Justiça, para a qual seriam encaminhadas por ordem da Presidência do Tribunal de Justiça, além de outros objetos de valor histórico; os autos necessários e livros registrados encerrados há mais de cinquenta anos.

A preservação do patrimônio histórico constitui um dos objetivos da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo e se situa entre as prioridades da ação do Governador Hugo Napoleão, no setor cultural. Assim sendo, segundo o secretário Joaquim Cavalcanti Barros, "este trabalho ficará incompleto se não contarmos com o acervo do Poder Judiciário do Piauí, principalmente o certificado, que constitui, em termo das idéias judiciais, uma preciosa fonte de reflexão da nossa história".

AS DUAS IGREJAS DE N. SRA. DO AMPARO DE TERESINA

As igrejas de Teresina começaram a serem construídas na época do Padre José Antônio de Oliveira, quando da fundação da Vila em 1797, levando cerca de 150 anos para serem concluídas.

No final do século XVIII já existiam moradias na berma do Pórtico. A 1 de dezembro de 1797, Igreja começou a construção da Capela de N. S. do Amparo. A Igreja nova do Pórtico iniciou-se a 25 de setembro de 1851, elevada à Vila em 10 de julho de 1852, elevada à Cidade em 1862.

O Presidente da Província, José Antônio Serra, tomou posse a 7 de setembro de 1851. A 22 de outubro, empreendeu viagem de reconhecimento à Vila Pórtico, habilitada para nova sede do governo.

Ali permaneceu até o dia 24 de outubro.

vista do terreno sujeito à inundação, e por ser endêmico o Impedimento, convocou os padres para erguerem a nova Matriz de N. S. do Amparo na Chapada do Corisco, o seu círculo materno da vez do Pórtico, onde ele estabeleceu a capital da Província. A votação hincorreu em 10 de junho de 1861. Tudo começou a Vila Nova do Pórtico.

A imagem da Padroeira encamada por Serafim dos Santos os ce Linhas Chegou a Vila de Teresina em 1852. Ela medeira e meia 1,24m de altura. Veliu recebê-la o Pe. Francisco Antônio de Lima, vigário do Pórtico e por não estar o tempo condicional, levou-a para a Capela da sua Paróquia, onde já existia outra imagem da Santa.

A imagem de N. S. do Amparo custodiada a Matriz permaneceu na Capela do Pórtico até 27 de dezembro de 1857, data em que foi transportada em processão solene para sua matrizes.

Após a missa solene o Vigário Francisco Antônio de Lima fez a saída solene de terceira romaria. Na saída, o Pe. José Antônio de Lima, assinado por ele, pelo Presidente Serafim e outros padres gradiados. Apenas a Capela Mor estava construída. As obras do Templo foram paradas em 1862. Hoje a Matriz do Amparo ostenta duas magníficas portas, levantadas por Monsenhor Joaquim Chaves em 1952 no Centenário da cidade.

A Igreja nova do Pórtico é muito amaldiçoadada pelo abandono, fôr demolido e a imagem de sua Padroeira levada para a Capela da Santa Casa de Misericórdia de Teresina. No governo sucessivo de Lamego, Sr. D. Severino Vieira da Mota, reconstruiu-se o templo no lugar primitivo e veio de volta a Imagem da Santa.

No nosso estado de Teresina, até a metade de 1952, vistamos a Igreja nova do Pórtico, hoje velha Pórtico Velha da capela. Fica na praça principal da 10 de Setembro, fôr, ainda vigora é um imenso testemunho da cidade. Fazia uma piada - Igreja de Nossa Senhora do Amparo, construída no mesmo lugar da Capela antiga da Vila Pórtico.

MOYSÉS CASTILLO
BRANCO FILHO

Projeto Pixinguinha novamente em Teresina

Com uma seleção composta por grupos e músicos do nível de Fundo do Quinsal, Vital Fariao, Geraldo Azevedo, Maria Lúcia Góis, Nelson Sargento, Oswaldo, Eliana Esteves e Belli Cavalcante, entre outros, viajou recentemente a Teresina o Projeto Pixinguinha, ou o Projeto Carnaval da FUNARTE como é mais conhecido.

Presentizar os valores novos de cada cidade por onde passar é a meta primária do Projeto Pixinguinha para este ano. Para isto uma comissão formada por críticos, músicos e autoridades culturais dessas cidades selecionou artistas que, durante muita hora, apresentaram seu trabalho, pre-

cendo o espetáculo previamente produzido no Rio de Janeiro.

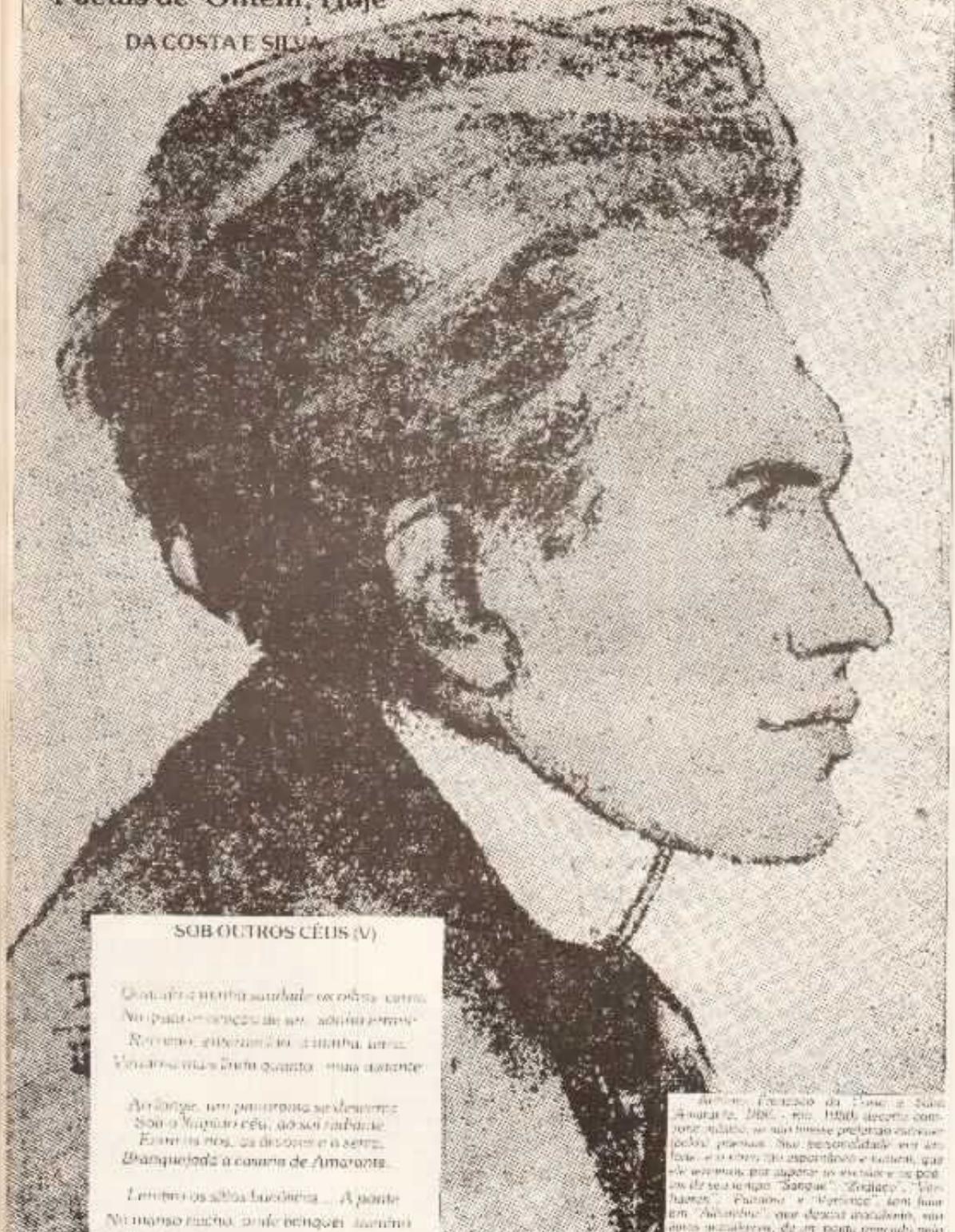
Outra proposta do Projeto Pixinguinha é a inclusão de milhares de artistas no circuito, esperando assim já tentada algumas vezes com baixa eficiência. Nesse sentido, será mais ampliado para contato com um maior número de artistas. Cogita-se, também, integrar pelo menos um grupo para-telhadores, como forma de expandir o raio de ação do Projeto Carnaval.

Em Teresina, o Projeto Pixinguinha fará a sua temporada no período de 12 de agosto a 23 de setembro, no Teatro 4 de Setembro, no horário das "Seis e Meia", com ingressos a preço popular.

*) Na Matriz de N. S. do Amparo de Teresina, são veneradas duas imagens da Senhora do Amparo, a "velha" em Altar-mor e a outra na Capela lateral direita; sagrada no final do século. Esta doação da Sra. Elvira Fariao e Edilma Góis.

Poetas de Ontem, Hoje

DA COSTA E SILVA



SUB OUTROS CÉUS (V)

Quando a noite se anuncia... se cobre o céu.
No qual os céus de ser adormecem.
Reveros, queixos, em silêncio, amar.
Vivemos, vivendo, quase... num sonâncio.

Aí surge, um poente que desce...
Sob o horizonte céu, desce radiante.
E em si nos, os desce e a sete,
Despachada à curva de Amorante.

Lembrai os céus fuscône... A ponte
No mundo fuzca, onde beijos suaves
Cruzam sobre a costa, o mar e o jardim.

Aí vem... Loco! Meu Deus! um dia seu,
Como a represa no ampli horizonte
Oceano singular do meu destino!

Este é o poema da "Noite" de José de Alencar (1829-1890), recente contemporâneo daquele, se não fosse prelúdio das suas ótimas peças. São personagens em arte, e o amor, tão importante e valioso, que só permanece por sempre no escuro e no poema de seu tempo "Sangue", "Zézé", "Vinhente", "Fazendeiro" etc. fizeram um "Amorante" que deixa incógnito, mas não inacessível, da um nome respeitado para vinhedos, e também muitos de quem nasceram no Poco. Tendo por José Costa e Silva uma admiração profunda, que sempre cresceu a cada nova leitura, "Bob Marley é Law", que mencionava, é uma pessoa singular, quem, não, nem os outros sonhos de vida da hom.

O. G. Rêgo de Carvalho.

PEDIDO DE ASSINATURA	
PARA SEU CONTROLE Descreva seu nome e endereço:	PRESENÇA
<p>SIM. Desejo fazer uma assinatura da revista PRESENÇA pelo período de 1 ano no valor de Cr\$ 2.200,00</p> <p>Assiso cheque nº do Banco a favor da FUNDACÃO CULTURAL DO PIAUÍ Av. Miguel Rosa, 3.300 - sul - Teresina - Piauí. CEP: 64.000</p> <p>Presença</p>	
<p>FUNDACAO CULTURAL DO PIAUI Av. Miguel Rosa, 3.300 - sul - Teresina - Piauí CEP: 64.000 - Piauí - Brasil</p>	
<p>CEP:</p>	

XURÉCA D'AMOAS

primeira
estação dos peixes
do sertão do Piauí

Parnaíba
Luis Corrêia
Dias 2 e 3 de Jul

bovado
HUGO HAFUELA

www.xureca.com.br

